

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

Márcio Vergílio Mutz

**A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA E SUA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA:
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS NO EXERCÍCIO PASTORAL ADVENTISTA**

São Leopoldo

2019

Márcio Vergílio Mutz

**A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA E SUA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA:
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS NO EXERCÍCIO PASTORAL ADVENTISTA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M993d Mutz, Márcio Vergílio

A disciplina eclesiástica e sua fundamentação bíblica: dilemas contemporâneos no exercício pastoral adventista / Márcio Vergílio Mutz; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.

114 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Liderança. 2. Ética. 3. Bíblia – Estudo e ensino. 4. Disciplina eclesiástica. 5. Discipulado (Cristianismo) I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MÁRCIO VERGÍLIO MUTZ

**A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA E SUA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA: DILEMAS
CONTEMPORÂNEOS NO EXERCÍCIO PASTORAL ADVENTISTA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação: 13 de dezembro de 2019.

Verner Hoefelmann

Prof. Me. Verner Hoefelmann (Presidente)

Flávio Schmitt

Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)

Isaac Malheiros Meira Júnior

Prof. Dr. Isaac Malheiros Meira Júnior (IASBEAS)

Dedico esse trabalho aos colegas de ministério e líderes religiosos, que dedicam-se em pleno século 21 a exercer um pastoreio completo.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas colaboraram, direta ou indiretamente, para que essa pesquisa fosse concluída, mas de forma especial, agradeço ao Paulo Abreu, Eloá, Eva Costa, Adair e Conceição Abreu pelo incentivo e por sempre acreditarem em meu potencial; à minha querida esposa Andresa e meus filhos Miguel e Anne pela compreensão durante as longas horas de estudo e ausência. Minha gratidão ao professor Verner Hoefelmann, pela orientação e dicas importantes na construção deste trabalho. Agradeço também à Igreja Adventista do Sétimo Dia e à Associação Norte Sul-Rio-Grandense da IASD por me permitir avançar em meu aperfeiçoamento acadêmico.

Meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho comunica os resultados de uma investigação realizada durante o curso de Mestrado em Teologia, na área de concentração Religião e Educação e na linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia. Tem como objetivo geral resgatar o sentido bíblico da Disciplina Eclesiástica entre membros e líderes espirituais cristãos, especialmente porque, no período histórico em que vivemos, marcado pelo individualismo, o pluralismo, o relativismo, entre outros, a tendência é negligenciarmos sua importância na formação dos indivíduos e/ou lhe atribuímos um caráter punitivo. Disso decorre a pergunta central da pesquisa: considerando que os princípios do pós-modernismo estão presentes na igreja, o ensino e aplicação da Disciplina Eclesiástica seriam ainda relevantes para vida espiritual dos membros da igreja? Tal questão se desdobra em quatro objetivos específicos que concorrem para sua elucidação: 1. Mapeamento das narrativas acerca da Disciplina nos textos da Igreja Reformada e nos Manuais Eclesiásticos mais contemporâneos em diferentes igrejas protestantes; 2. Análise dos textos bíblicos no Novo Testamento em que o tema da Disciplina é protagonista; 3. Reflexão acerca das principais características da chamada Pós-modernidade e sua relação com os impasses mais atuais que envolvem a aplicação da disciplina; por fim, 4. Proposição de um material didático que contribua com o estudo sobre disciplina nas comunidades cristãs adventistas onde estou inserido como pastor. As escolhas metodológicas adotadas para execução do estudo envolvem uma abordagem qualitativa, exploratória, de natureza aplicada. Os resultados obtidos permitem concluir que: 1. A disciplina é um importante tema bíblico que esteve presente nos diferentes períodos históricos da Igreja cristã durante a sua existência; 2. Nos Manuais de Regulamentos Eclesiástico-Administrativos das igrejas IECLB, IASD, IPB e Metodista a disciplina é narrada como uma salvaguarda para proteger a membresia. Eles estabelecem regras que, se forem seguidas pelo líder eclesial, podem padronizar o processo disciplinar e evitar abuso de autoridade por parte da Igreja; 3. No Novo Testamento prevalece a ideia mais geral de que todo processo disciplinar deve ter como objetivo final e único o arrependimento do membro faltoso e que todo esforço para salvá-lo deve ser feito por parte da liderança e membros da comunidade. A Disciplina Eclesiástica, biblicamente, tem um papel redentivo, cujo alvo é evitar o afastamento do membro infrator da Igreja; 4. Levando em conta os desafios impostos aos cristãos pela pós-modernidade, a Disciplina precisa ser adotada em nossos dias por meio de uma abordagem que envolva o discipulado e o ensino. Nessa perspectiva, a Disciplina Eclesiástica ganha a dimensão de cuidado, pastoreio, amor ao próximo e do amor à Cristo, e possibilita a participação de irmãos e pastores que, como educadores, participam mais ativamente da vida dos membros, instruindo-os antes de puni-los.

Palavras-chave: Liderança, ética, disciplina bíblica, disciplina eclesial, ensino, discipulado.

ABSTRACT

This paper communicates the results of an investigation conducted during the Master of Theology course, in the area of concentration Religion and Education and in the line of Research: Reading and Teaching the Bible. Its general objective is to recover the biblical meaning of the Ecclesiastical Discipline among members and Christian spiritual leaders, especially because, in the historical period in which we live, marked by individualism, pluralism, relativism, among others, the tendency is to neglect its importance in the formation of individuals and / or give it a punitive character. From this follows the central question of the research: Given that the principles of postmodernism are present in the church, would the teaching and application of ecclesiastical discipline still be relevant to the spiritual life of church members? This question unfolds in four specific objectives that contribute to its elucidation: 1. Mapping the narratives about Discipline in the texts of the Reformed Church and in the more contemporary Ecclesiastical Manuals in different Protestant churches; 2. Analysis of the biblical texts in the New Testament in which the subject of Discipline is protagonist; 3. Reflection on the main characteristics of so-called Postmodernity and their relationship with the most current impasses involving the application of the discipline; Finally, 4. Proposition of teaching material that contributes to the study of discipline in Adventist Christian communities where I am inserted as a pastor. The methodological choices adopted to carry out the study involve a qualitative, exploratory approach of applied nature. The results obtained allow us to conclude that: 1. Discipline is an important biblical theme that has been present in the different historical periods of the Christian Church during its existence; 2. In the Ecclesiastical-Administrative Regulations Manuals of the IECLB, IASD, IPB, and Methodist churches the discipline is narrated as a safeguard to protect membership. They establish rules that, if followed by the ecclesial leader, can standardize the disciplinary process and prevent church abuse of authority; 3. In the New Testament the most general idea prevails that every disciplinary process should have as its final and sole purpose the repentance of the wrongful member and that every effort to save him should be made by the leadership and members of the community. Ecclesiastical Discipline, biblically, has a redemptive role, the aim of which is to prevent the removal of the offending member from the Church; 4. Given the challenges posed to Christians by postmodernity, Discipline needs to be embraced today through an approach that involves discipleship and teaching. From this perspective, the Ecclesiastical Discipline gains the dimension of care, shepherding, love of neighbor and love of Christ, and enables the participation of brothers and pastors who, as educators, participate more actively in the life of the members, instructing them before punishing them.

Keywords: Leadership, ethics, biblical discipline, ecclesiastical discipline, teaching, discipleship.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Confissões Protestantes sobre Disciplina Eclesiástica.....	24
Tabela 2: Sanções Disciplinares	30
Tabela 3: Infrações Disciplinares	31
Tabela 4: Semelhanças entre os Relatos de 1 Coríntios 5 e 2 Coríntios 2.5-11	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA: ORIGEM E ANÁLISE COMPARATIVA	19
2.1. A Origem Bíblica da Disciplina Eclesiástica	20
2.2. A Disciplina Eclesiástica na Igreja Reformada.....	22
2.3. A Disciplina Eclesiástica nos Manuais Contemporâneos.....	25
2.3.1. Procedimentos Disciplinares	26
2.3.2. Sanções Disciplinares	30
2.3.3. Infrações Disciplinares	31
2.4. Análise dos Manuais	32
3. ANÁLISE DA DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA NO NOVO TESTAMENTO	41
3.1. A Disciplina Eclesiástica em Mateus 18.15-17.....	41
3.2. A Disciplina Eclesiástica em 1 Coríntios 5.1-13	45
3.3. A Disciplina Eclesiástica em 2 Coríntios 2.5-11	50
3.4. A Disciplina Eclesiástica em Gálatas 6.1	53
3.5. A Disciplina Eclesiástica em 2 Tessalonicenses 3.6-15.....	58
3.6. A Disciplina Eclesiástica em 1 Timóteo 5.19-20	61
3.7. A Disciplina Eclesiástica em Tito 3.9-11	65
3.8. Lições sobre Disciplina Eclesiástica no Novo Testamento	68
4. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA.....	73
4.1. A Pós-Modernidade	73
4.2. A Disciplina Eclesiástica na Pós-Modernidade	79
4.2.1. A Disciplina Eclesiástica Através do Discipulado	79
4.2.2. A Disciplina Eclesiástica Através do Ensino.....	83
4.3. Produto Final Relativo à Escrita da Dissertação: Material Didático para uso na Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	86
4.3.1. Estudo Bíblico: O Discipulado e a Disciplina Eclesiástica	87
4.3.2. Estudo Bíblico: A Importância da Disciplina Eclesiástica	90
4.3.3. Estudo Bíblico: A Disciplina Eclesiástica Como prática na Igreja Adventista do Sétimo Dia	92
5. CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A	111
APÊNDICE B	113

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de meus 24 anos de ministério como pastor ordenado da Igreja Adventista do Sétimo Dia, exerci diversas atividades, entre elas a docência junto a alunos do ensino fundamental e médio, a capelania em uma de nossas escolas em regime de internato (EDESSA/ES) e a diretoria de Rádio (Novo Tempo/ Nova Venécia - ES). Mas foi como pastor distrital que enfrentei meus maiores desafios profissionais e espirituais, em especial quando precisava disciplinar alguns membros de minha comunidade.

A **justificativa para a proposição de uma investigação ligada à Disciplina Eclesiástica**, em uma Linha de Pesquisa como a de Ensino da Bíblia, se dá, em especial, pelo fato de que, embora conhecendo o potencial pedagógico e reparador que esse dispositivo pode exercer sobre os sujeitos se for adequadamente executado, mais recentemente vi, com certa frequência e bem próximo a mim, algumas situações muito difíceis, em que a Disciplina Eclesiástica foi aplicada com procedimentos confusos, demonstrando o desconhecimento, por parte de colegas, das orientações do nosso Manual de Regulamentos¹, gerando constrangimento na congregação, pessoas feridas, rejeição da Disciplina e do membro disciplinado, zelo exagerado de alguns líderes que buscavam aplicar a Disciplina como uma forma de punição. Percebi que faltava um conhecimento bíblico profundo acerca do ensino da Disciplina Bíblica, bem como um desconhecimento dos princípios éticos, morais que devem envolver qualquer abordagem pastoral com vistas à Disciplina Eclesiástica.

O período histórico que vivemos agrava essa situação e se pode sentir entre a membresia algumas marcas da contemporaneidade como o individualismo, o pluralismo, o relativismo, entre outros. Se “o mundo se mostra incerto e inseguro e busca referenciais para se ancorar”², devemos nós líderes espirituais cristãos, que

¹ O Manual da Igreja Adventista é um guia de procedimentos administrativos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e a cada cinco anos é revisado, estudado, e pode ser alterado em Assembleia representativa da Igreja a nível mundial. Nele consta o processo da Disciplina Eclesiástica, todos os passos que devem ser seguidos antes que o nome de um membro da Igreja seja estudado em uma reunião de Comissão de Igreja com proposta disciplinar. A reunião é formada por líderes locais eleitos pela congregação local que estejam presentes sob a administração de um pastor. (ver Manual da Igreja da IASD, versão 2015, páginas 64-70).

² AMARAL FILHO, Wilson do. **Revista Ciências da Religião** – História e Sociedade: A disciplina eclesial na contemporaneidade. v. 7, n. 1, São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009, p. 205.

vivemos imersos nesta chamada pós-modernidade, igualmente nos ancorar na Palavra de Deus para orientarmos os membros que sob nossa tutela estão. Nesse sentido, a Disciplina operará para prevenir e corrigir³ pessoas cristã que hoje se debatem em dilemas que envolvem, por exemplo, conflitos de relacionamentos, envolvimento sexual ilícito, dependência química, entre outros assuntos.

Em contrapartida a essa realidade, verifico que o tema da Disciplina Eclesiástica novamente torna-se objeto de estudo em conferência para pastores e líderes⁴. Aparecem novos livros⁵ que abordam o assunto, como sendo a Disciplina uma das marcas de uma igreja saudável⁶, gerando assim uma redescoberta deste ensino no ambiente religioso cristão. É junto a esses pensadores que desejo inscrever meu trabalho.

Embora nos pareça que o cenário social, político e religioso esteja marcado pelo relativismo ético e moral, somos alertados por Amaral Filho acerca do risco que corremos quando nos omitimos de nossa missão disciplinadora:

Se uma comunidade cristã moderna pensa não ser necessário disciplinar (até mesmo com a exclusão) alguém que notoriamente invalida com seus atos e suas palavras tudo quanto quer construir para a glória de Deus, não imagine que ficará livre de cair em descrédito na sua reputação, porque a impunidade de alguns levará ao descrédito do ensino.⁷

Resgatar o sentido bíblico da disciplina, **eis o objetivo geral desta pesquisa**. Conhecer a complexidade que envolve sua aplicação em um cenário tão desolador, como esse que nos encontramos. Compartilhar conhecimentos da área ética, filosófica, psicológica que nos permitam, no exercício pastoral, abordar com sabedoria e discernimento temas delicados que emergem em nossas comunidades, sempre os considerando à luz da Palavra de Deus.

Poderíamos dizer que as principais dificuldades na prática da Disciplina envolvem questões como: de que modo conciliar o ensino da Disciplina bíblica com

³ AMARAL FILHO, 2009, p. 207.

⁴ Conferência Fiel Pastores e Líderes, 2016. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2016/10/conferencia-fiel-pastores-e-lideres-2016-reprise/#1476206658193-f19a121c-ab63>> Acessado em: 11 fev 2018.

⁵ Diversos autores publicaram livros recentemente sobre o assunto da Disciplina Eclesiástica, entre eles Mark Dever, Jonathan Leeman, Jim Elliff e Daryl Wingerd e Russell Shedd, todos citados em nossa referência bibliográfica.

⁶ DEVER, Mark. **O que é uma Igreja saudável?** Editora Fiel, São José dos Campos: 2009. p. 91-96.

⁷ AMARAL FILHO, 2009, p. 228.

a contemporaneidade?⁸ Como propor a Disciplina a partir de seu caráter redentivo, quando geralmente é visto no seu aspecto negativo e punitivo?⁹ Qual o direito e a autoridade que a comunidade religiosa possui para disciplinar um membro faltoso? Se a Disciplina Eclesiástica é uma marca bíblica, por que ela é ignorada em algumas igrejas ou comunidades de fé? Por que ela é tão subestimada?¹⁰

Todos esses questionamentos contribuíram para montar um cenário no qual se insere este trabalho e nos conduzir à pergunta central desta pesquisa: **considerando que os princípios do pós-modernismo estão presentes na igreja, o ensino e aplicação da Disciplina Eclesiástica seriam ainda relevantes para a vida espiritual dos membros da igreja?** Dela decorrem quatro objetivos específicos que concorrem para sua elucidação: 1. Mapeamento das narrativas acerca da Disciplina nos textos da Igreja Reformada e nos Manuais Eclesiásticos mais contemporâneos em diferentes igrejas protestantes; 2. A análise dos textos bíblicos no Novo Testamento em que o tema da Disciplina é protagonista; 3. Reflexão acerca das principais características da chamada Pós-modernidade e sua relação com os impasses mais atuais que envolvem a aplicação da Disciplina; por fim, 4. Proposição de um material didático que contribua com o estudo sobre Disciplina nas comunidades cristãs adventistas, onde estou inserido como pastor.

Quanto às escolhas metodológicas, esclareço se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória, de natureza aplicada. Nesse sentido, “preocupa-se (...) com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”¹¹, por meio de revisão de literatura na intenção de gerar conhecimento de aplicação prática.

O trabalho está dividido em três capítulos. No capítulo 1, intitulado *Disciplina Eclesiástica: origem e análise comparativa*, apresento uma descrição da Disciplina Eclesiástica presente na vida religiosa do povo de Deus, iniciando com uma análise das narrativas bíblicas. Logo após, apresento a importância da Disciplina no Movimento da Reforma e a sua importância em vários documentos históricos deste período. Também examinei os Manuais Eclesiásticos de algumas das igrejas de

⁸ SANTOS, Valdeci da Silva. Disciplina na Igreja. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 3, n.1, p. 149-155, 1998. p. 149.

⁹ MOURA, Ozeas C. Disciplina eclesiástica: Evitando os extremos. **Revista Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, julho 2018, p. 8.

¹⁰ SANTOS, 1998, p. 149.

¹¹ GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33.

linha protestante no Brasil (Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Metodista), para fazer uma análise comparativa do processo Disciplinar destas denominações em seus manuais de regulamentação.

No capítulo 2, intitulado *Análise da Disciplina Eclesiástica no Novo Testamento*, delimito os textos bíblicos investigados sobre o assunto da Disciplina, utilizando o gráfico de Wayne House¹² sobre o problema e o procedimento da disciplina. Meu objetivo foi analisar os textos que House cita em seu quadro através dos diversos comentários bíblicos disponíveis, procurando demonstrar a importância da aplicação da Disciplina Eclesiástica em nossos dias.

No capítulo 3, intitulado *Desafios Contemporâneos à Disciplina Eclesiástica*, procurei identificar a condição pós-moderna, em especial o chamado relativismo, pluralismo, individualismo e o suposto fim das metanarrativas, entendendo essas marcas do contemporâneo como desafios à prática da Disciplina Eclesiástica. E por fim, como meu trabalho de pesquisa tem um cunho prático de aplicação na vida ministerial, apresento duas abordagens que devem ser entendidas como proposta para facilitar o uso da Disciplina em nossa membresia: a) A Disciplina Eclesiástica através do Discipulado e b) A Disciplina Eclesiástica por meio do ensino. Pois a Disciplina precisa ser fraterna, praticada e exercida para que a restauração possa acontecer na vida do membro errante, e o discipulado tem esse tom de pastoreio, de proximidade, cuidado e amor. Mediante o ensino, que a Disciplina Eclesiástica possa ser transmitida de maneira clara e fundamentada na Bíblia para os membros da comunidade eclesial. Por isso, finalizo o trabalho de pesquisa incluindo um material de cunho mais prático, com a sugestão e aplicação dos três estudos bíblicos sequencialmente como método de ensino nas chamadas Classes de Discipulado, que vimos realizando institucionalmente no território da Região Sul do Brasil na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

¹² HOUSE, H. Wayne. **Teologia cristã em quadros**. São Paulo: Ed. Vida, 1999. p. 134, 135.

2. DISCIPLINA ECLESIASTICA: ORIGEM E ANÁLISE COMPARATIVA

A Disciplina Eclesiástica não é em si mesma a tarefa mais importante de um líder religioso. Mas a negligência dela produzirá uma comunidade de crentes indisciplinados, mergulhados em pecados, escândalos e conflitos. Isso torna mais difícil a tarefa de apresentar as boas novas do evangelho ao seu público alvo – os não convertidos. E como Disciplina Eclesiástica, adotaremos a definição de Jonathan Leeman que declara:

Disciplina eclesiástica é o processo de corrigir o pecado na vida da congregação e dos seus membros. Isso pode significar corrigir o pecado por meio de uma admoestação feita em particular. E pode significar corrigir o pecado ao remover formalmente um indivíduo da membresia. A disciplina eclesiástica pode ser feita de uma série de maneiras, mas o alvo é sempre corrigir as transgressões da lei de Deus entre o povo de Deus.¹³

O assunto da Disciplina Eclesiástica é abordado no sétimo capítulo do livro *Nove Marcas de Uma Igreja Saudável*, de Mark Dever¹⁴. O autor apresenta a Disciplina como uma das marcas mais relevantes para a Igreja crescer e amadurecer de forma saudável, entendendo-a, inclusive, como demonstração do cumprimento do verdadeiro evangelho bíblico.

Outros livros e artigos foram publicados recentemente sobre o mesmo tema da Disciplina. Entre eles, destaco: *Disciplina na Igreja*, por Russel P. Shedd¹⁵ (2013), *Disciplina na Igreja*, por Jonathan Leeman¹⁶ (2016), *A Igreja e a Surpreendente Ofensa do Amor de Deus*, por Jonathan Leeman¹⁷ (2013), *A Disciplina Eclesiástica na Contemporaneidade*, de Wilson do Amaral Filho¹⁸ (2009). O assunto também foi abordado em palestras como a *Conferência Fiel para Pastores e Líderes* (2016), com o tema “Disciplina Bíblica para a saúde da Igreja”, proferido por Jonathan Leeman; também a *VII Conferência ATOS 29 Brasil* (2016), com o tema “O líder e a

¹³ LEEMAN, Jonathan. **Uma Cartilha de Disciplina Eclesiástica**. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/uma-cartilha-de-disciplina-eclesiastica>. Acesso em: 30 jun. 2019.

¹⁴ DEVER, 2009, p. 91-96.

¹⁵ SHEDD, Russell. **Disciplina na Igreja**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2013.

¹⁶ LEEMAN, Jonathan. **A Disciplina na Igreja: Como a Igreja protege o nome de Jesus**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

¹⁷ LEEMAN, Jonathan. **A Igreja e a surpreendente ofensa do amor de Deus: Reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2016.

¹⁸ AMARAL FILHO, 2009, p. 203, 232.

Disciplina na Igreja”¹⁹, por Heber Campos Júnior; e a Conferência *Missão na Íntegra* (2014), no debate “Pecados e Disciplina Eclesiásticas”²⁰, com as participações dos pastores Ed René Kivitz, Welington Silva, Levi Araújo e Neil Barreto.

Com isso, pode-se perceber que o assunto da Disciplina Eclesiástica ganha notoriedade no ambiente religioso mais contemporâneo, inclusive (re)atualizado, segundo Leeman (2016), pelas marcas de amor pelo indivíduo, amor pela igreja, amor pelo mundo e amor por Cristo.²¹

Mediante essa nova tônica dada à Disciplina Eclesiástica, precisamos reavaliar nossa compreensão a respeito deste tema. Pois, infelizmente, muito da Disciplina realizada em nome de Cristo é uma negação da sua graça, em vez de refletir os princípios eternos das Escrituras.²²

Proponho-me, neste primeiro capítulo, reunir alguns dos textos do Antigo e do Novo Testamento que apresentam mais explicitamente o tema da Disciplina, demonstrando a importância da mesma para os autores bíblicos. Também pretendo visitar o cenário da Igreja Reformada no que diz respeito à aplicação da disciplina eclesiástica na tentativa de compreender a origem dos modelos evangélicos mais atuais. E ainda, estabelecer um comparativo entre os Manuais Eclesiásticos de algumas das igrejas mais relevantes em atuação no Brasil para tentar traçar um panorama das práticas de aplicação de disciplina frente ao pluralismo no mundo contemporâneo.

2.1. A Origem Bíblica da Disciplina Eclesiástica

Desejo pontuar, mediante uma visão geral da Bíblia, a presença da Disciplina Eclesiástica por tratar-se de um tema presente tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. Essa apresentação inicial tem como objetivo descrever a disciplina como uma ação da igreja que reflete a ação profética e a própria ação divina.

¹⁹ CAMPOS JR., Heber. **O Líder e a Disciplina na Igreja**. 2016. (57m21s). Disponível em: <https://youtu.be/_0BTRjvhTw>. Acesso em: 29 jul. 2018.

²⁰ MISSÃO NA ÍNTEGRA. **Fórum - Pecados e Disciplinas Eclesiásticas**. 2014. (1:03.36) Disponível em: <https://youtu.be/jFuu_ve5mwY>. Acesso em: 29 jul. 2018.

²¹ LEEMAN, 2016, p. 23.

²² BRETSCH, Robert. “Soft Touch” Church Discipline. **Ministry**. v. 67, n. 3, p. 15-18, mar. 1994, p. 17. Disponível em: <https://cdn.ministrymagazine.org/issues/1994/issues/MIN1994-03.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

No primeiro livro da Bíblia Sagrada²³ temos diversos episódios em que Deus orienta e repreende seus filhos e filhas. Adão e Eva são repreendidos por suas escolhas erradas e perdem o acesso ao jardim do Éden (Gn 3.24). Caim é reprovado por causa do homicídio de Abel, amaldiçoado e sinalizado diante da humanidade (Gn 4.8-16). A humanidade antediluviana é repreendida por causa da corrupção com o juízo do dilúvio (Gn 7.17-24). Cam é disciplinado pela atitude insana como agiu diante da embriaguez de Noé (Gn 9.20-29). A humanidade pós-diluviana é repreendida através da construção da torre de Babel com a confusão da língua (Gn 11.1-9). Deus envia o juízo para as cidades de Sodoma e Gomorra devido à impiedade destes povos (Gên 19.23-29). Além destes relatos citados, temos diversas situações em que o Senhor traz correção pelo pecado agasalhado em Israel: A derrota dos israelitas em Ai, devido ao erro de Acã (Js 7.11-26); a punição de Deus a Davi, devido ao assassinato de Urias e o adultério com Bate-Seba (2Sm 12.1-15); o exílio de Judá, quando foi entregue a Nabucodonosor (Jr 25.8,9). Cada um desses enunciados procura apresentar a reprovação do Senhor e seu desejo em restaurar seu povo.

Semelhantemente, temos narrativas no Novo Testamento que destacam a importância da Disciplina Eclesiástica, como no relato de Ananias e Safira (At 5.1-10). “Na Igreja Primitiva, havia normas congregacionais para manter a ordem e a decência entre os salvos (I Co 5.1-13)”²⁴. O episódio ocorrido em Corinto de uma união sexual ilícita e litígio descreve uma congregação permissiva diante da falta pública de um membro da comunidade. As cartas às sete igrejas do Apocalipse contêm repreensões do Senhor reveladas a João. Além destas narrativas, temos muitos outros conselhos espalhados em todos os livros e cartas do Novo Testamento (Mt 18.15-20; 1Co 16.17; Gl 6.1; 1Ts 3.6; 1Tm 5.20; Tt 3.10,11; Hb 12.4-11; 2 Jo 1.9-11).

A Bíblia é um guia seguro do que o Senhor ensinou sobre Disciplina Eclesiástica. Ela contém referências textuais importantes para conduzir o uso da Disciplina. Afinal, “a correção é a essência da disciplina; o amor, a alma da correção,

²³ A versão da Bíblia utilizada neste trabalho será a segunda edição da **João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada no Brasil**, impressa pela Sociedade Bíblica Brasileira. Outras versões utilizadas serão sinalizadas no texto.

²⁴ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico** – Edição Revista e Ampliada - e um Suplemento Biográfico dos Grandes Teólogos e Pensadores. Ed. 9. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000. p. 124.

pois o Senhor Deus castiga a todos quantos ama, e aqueles a quem toma por filhos”.²⁵

2.2. A Disciplina Eclesiástica na Igreja Reformada

Influenciado por pensamentos seculares e pagãos, o cristianismo foi vagarosamente se afastando dos ensinamentos sobre a prática da Disciplina Bíblica, que passou a ser considerada como castigo ou punição durante a Idade Média. Tribunais religiosos conquistaram lugar no seio da igreja e muitos absurdos e brutalidades foram feitos em nome de Deus, com o propósito de proteger a Igreja e o Clero, tornando a Disciplina um sinônimo de intolerância e opressão religiosa.²⁶

A Igreja medieval contribuiu historicamente para que a Disciplina fosse deturpada e confundida com castigo e constrangimento de pessoas, o que levou o cristianismo a desviar-se dos ensinamentos sobre a prática da Disciplina Eclesiástica. Muitos abusos, punição física e perseguições continuaram ocorrendo no cristianismo dentro das comunidades reformadas, especialmente aos considerados ‘hereges’.²⁷ Mesmo diante desse legado negativo da prática da Disciplina Eclesiástica, a Reforma Protestante a estabelece como essencial para o bem-estar da chamada igreja verdadeira. Os reformadores contribuíram para que a mesma voltasse a ser entendida como uma das práticas mais importantes no cristianismo.²⁸ Por isso, nossa pesquisa se ocupará do tema da Disciplina Eclesiástica considerando a Reforma Protestante como ponto da restauração desta prática bíblica.

João Calvino, no século XVI, salientou a importância da Disciplina. Como afirmou Alfred Poirier: “Ele, porém, jamais se encolheu diante da necessidade de exercer disciplina na igreja”.²⁹ “Considerou, ao lado da proclamação da Palavra e da administração dos sacramentos, uma das marcas que distinguem a igreja verdadeira

²⁵ ANDRADE, 2000, p. 123.

²⁶ BURLANDY, Jorge Lucien. **Disciplina Eclesiástica e a Realidade Jurídico-Social Brasileira: Implicações para a Prática Pastoral**. 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Seminário Latino-Americano Adventista de Teologia. Engenheiro Coelho: 2012, p. 10. Disponível em: <<http://centrowhite.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Tese-Pr.-Jorge-Burlandy-2012.pdf>>. Acessado: 26 de dez de 2018.

²⁷ Dentro dos chamados ‘hereges’ que sofreram perseguições, podemos citar os anabatistas. Podemos observar na Confissão de Augsburg, de 1530, que se recomendava que os anabatistas “fossem caçados como cães danados, vencidos e entregues aos turcos” (CONFISSÃO DE AUGSBURGO, 1986).

²⁸ POIRIER, Alfred. **O Pastor Pacificador: Um guia bíblico para a solução de conflitos na Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 216.

²⁹ POIRIER, 2012, p. 217.

da falsa”³⁰. Em seus ensinamentos, Calvino afirmava que na igreja falsa a pregação da Palavra de Deus está ausente e os ritos sagrados são ensinados ou administrados de maneira errada, e o cuidado com a santidade e pureza doutrinária é negligenciado. No pensamento de Calvino, a partir do momento que essas coisas são tratadas de maneira permissiva, a Disciplina não segue os passos e objetivos ensinados pela Palavra de Deus. A membresia perde a referência como povo de Deus diante do mundo, gerando um péssimo testemunho ao Evangelho.³¹

A Disciplina Eclesiástica ocupava papel de destaque também dentro do movimento desencadeado por John Wesley no século XVIII.³² Pois quando a Disciplina foi administrada corretamente, destacando a restauração do pecador, a correção do comportamento moral pecaminoso, afim de que o transgressor fosse orientado e corrigido, alcançando assim a santidade bíblica³³, a comunidade de fé foi fortalecida e o crescimento acabou sendo uma resposta natural da vida saudável dos seus membros.

Os reformadores deram ênfase ao assunto da Disciplina Eclesiástica. Conforme Amaral Filho, foi tópico em várias Declarações de Fé da Igreja Reformada que remetem ao período do século XVI e XVII. Sintetizo na tabela abaixo a abordagem dada em cada documento sobre o assunto da Disciplina Eclesiástica.

³⁰ PORTELA NETO, F. Solano. Disciplina na Igreja. **Seminário JMC**. 2018. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/disciplina-na-igreja/>>. Acessado em: 22 de nov. de 2018.

³¹ PORTELA NETO, 2018.

³² BURLANDY, 2012, p. 10.

³³ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**. p. 3. Disponível em: http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/documentos-oficiais/manual_disciplina.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

Tabela 1: Confissões Protestantes sobre Disciplina Eclesiástica ³⁴

Declaração de Fé	Referência	Descrição
Confissão de Fé Escocesa 1560	capítulo 18	Descreve as marcas de uma igreja verdadeira: a primeira, a pregação da Palavra de Deus, a segunda, a administração dos sacramentos como ensinado nas Escrituras, a última, a Disciplina Eclesiástica como um limitador para o vício e incentivo à qualidade moral.
Confissão Belga 1561 ³⁵	artigo 28	Declara a comunidade de fé como espaço dos salvos, e que ninguém deve viver afastado deste convívio. Mas ao estarem juntos, unidos, devem ser submetidos à instrução da Disciplina, para edificação do corpo de Cristo.
Catecismo de Heidelberg 1563	Perguntas 83 e 85	A pregação e a Disciplina Cristã. Por essas duas chaves o reino dos céus se abre e se fecha pela rejeição delas. E depois de serem advertidos fraternalmente, muitas vezes, devem abandonar seus erros. Caso rejeitem as advertências, não devem participar mais dos sacramentos, são excluídos da igreja pelo próprio Deus, e do reino por Cristo, tendo oportunidade de voltar a ser membro diante de arrependimento autêntico.
Cânones de Dort 1618	Capítulo 3,4 Artigos 4 e 17	O ser humano depois da queda ficou com pouca noção de Deus, com dificuldade para discernir entre o certo e errado, contudo ainda esboça alguma virtude e disciplina exterior, mas está longe de alcançar e compreender a salvação. Por sua vez, os membros da igreja salvos pela ação de Deus permanecem leais pela pregação do Evangelho e pela Disciplina ministrada no seio da congregação cristã.
Confissão de Fé de Westminster 1647	Capítulo XXX	Deus colocou os oficiais na Igreja para um governo separado do governo da magistratura civil, e a eles foi dada a autoridade de desligar (censuras) e ligar pela absolvição das censuras eclesíásticas, tendo como objetivo resgatar para Cristo. A fim de impedir que o pecado estrague toda a comunidade de fé, o nome de Cristo deve ser exaltado e a ira de Deus deve ser evitada sobre a Igreja. Os oficiais da Igreja devem usar a repreensão, a suspensão da Ceia do Senhor por algum tempo e a exclusão da Igreja.

³⁴ Informações obtidas em: AMARAL FILHO, Wilson do. A disciplina eclesíastica na contemporaneidade. **Revista Ciências da Religião** – Histórias e Sociedade, v. 7, n. 1, p. 204-232, 2009, p. 209, 210.

³⁵ A Confissão Belga foi elaborada por Guido Brès, baseada na Confissão Gaulesa das Igrejas Reformadas Francesas de 1559.

Conforme a tabela acima, percebemos que, para o movimento da reforma, o assunto da Disciplina é “uma marca (Confissão Belga), uma das ‘chaves do reino’ (Catecismo de Heidelberg, Confissão de Westminster), ou um meio de graça (os escritos de Calvino e os cânones de Dort), a disciplina são os tendões do corpo de Cristo”³⁶.

2.3.A Disciplina Eclesiástica nos Manuais Contemporâneos

Apresento uma análise comparativa dos ordenamentos doutrinários das seguintes denominações: Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Metodista. Utilizo a Igreja Adventista do Sétimo Dia em nossa investigação por fazer parte da minha compreensão e prática pastoral da Disciplina Eclesiástica. As demais denominações foram escolhidas pelos seguintes critérios: Em primeiro lugar, estas denominações fazem parte das igrejas tradicionais do cenário evangélico brasileiro. Em segundo lugar, estas congregações possuem suas bases na Reforma Protestante. Em terceiro lugar, essas denominações possuem uma linha administrativa eclesiástica de relevância no cenário religioso atual. Em quarto lugar, por ter neste grupo de denominações uma diversidade de tradições: a tradição luterana, a tradição reformada/calvinista, e a tradição evangélica mais recente, a metodista.

Para que haja uma compreensão dos procedimentos da Disciplina Eclesiástica dentro destas denominações, serão comparados os itens relacionados aos procedimentos, sanções e infrações disciplinares de membros destas igrejas. Nosso objetivo não é detalhar a disciplina administrativa realizada pela instituição ao clero em falta, mas detalhar a Disciplina Eclesiástica relacionada ao membro em falta.

Para nosso estudo, utilizaremos as coletâneas de regras de cada denominação em análise, quais sejam: No estudo das normas disciplinares da Igreja Adventista do Sétimo Dia, utilizaremos o Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia³⁷ versão 2015, o Guia para Anciãos³⁸ revisado 2013 e o Guia para Ministros

³⁶ POIRIER, 2012, p. 218.

³⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da Igreja**. 22. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

³⁸ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Guia para Anciãos**. Ed. 6, Casa Publicadora Brasileira. Tatuí SP, 2014.

Adventistas do Sétimo Dia³⁹; na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, utilizaremos o Ordenamento Jurídico-Doutrinário da IECLB⁴⁰ e a Organização Eclesial – Disciplina Fraterna⁴¹; na Igreja Presbiteriana do Brasil utilizaremos o Manual Presbiteriano⁴² e a Constituição, Princípios de Liturgia e Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil Comentados⁴³; na Igreja Metodista os Cânones 2017⁴⁴ e o Manual de Disciplina⁴⁵.

2.3.1. Procedimentos Disciplinares

Entendemos como procedimentos disciplinares a maneira como devemos, primeiramente, agir como membros de uma comunidade cristã diante da falta de um membro impenitente. Em segundo lugar, os passos que devemos seguir como Igreja e liderança eclesiástica diante de uma queixa, denúncia ou faltas públicas de membros de nossa Igreja.

2.3.1.1. Procedimentos Disciplinares na Igreja Adventista do Sétimo Dia

A IASD⁴⁶ orienta que “o povo de Deus deve seguir estritamente as instruções dadas pelo Salvador no capítulo 18 de Mateus”.⁴⁷ E que nenhum passo além desses deve ser dado sem “que as instruções de Cristo a esse respeito sejam

³⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Guia para Ministros Adventistas do Sétimo Dia**. Ed. 6, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí SP, 2016.

⁴⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. IECLB. **Ordenamento Jurídico-Doutrinário da IECLB**, 2008. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/ordenamento-juridico-doutrinario-ojd>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁴¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. IECLB. **Organização Eclesial – Disciplina Fraterna**, 2008b. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/organizacao-elesial-disciplina-fraterna>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁴² IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Manual Presbiteriano**. Ed. 15. Editora Cultura Cristã. Cambuci SP, 1999.

⁴³ FIGUEIREDO, Onezio. **Constituição, Princípios de Liturgia e Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil Comentados**. Disponível: <http://www.ipbmanancial.com.br/sites/default/files/Constitui%C3%A7%C3%A3o-da-Igreja-Presbiteriana-do-Brasil.pdf>. Acessado em: 29 de nov. de 2018.

⁴⁴ IGREJA METODISTA. **Cânones da Igreja Metodista**: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 2017. Disponível: <http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/CANONES_2017.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

⁴⁵ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**.

⁴⁶ A Sigla “IASD” corresponde a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

⁴⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 58.

fielmente cumpridas”.⁴⁸ Esses são os procedimentos que devem ser seguidos de acordo com o Manual da Igreja⁴⁹:

- I. Buscar falar a sós com a pessoa errante e resolver ali mesmo o caso.
- II. Se a pessoa não admitir o erro e continuar irrepreensível, levar duas ou três testemunhas para tentar persuadir a pessoa do erro. Se houver arrependimento, acabe ali mesmo o caso.
- III. Se o problema não encontrar solução, será analisado pela Comissão da Igreja⁵⁰, que, por sua vez, fará uma proposta disciplinar para a Reunião Administrativa⁵¹. Essa proposta poderá ser de duas formas:
 - a. Censura – se a falta for considerada leve pela comissão da Igreja, será feita uma proposta em desaprovação pelo comportamento, estabelecendo o prazo de 3 a 12 meses de reprovação pela conduta praticada, e estabelecido um tempo para que o problema seja resolvido.
 - b. Remoção - se a falta for considerada grave pela comissão da Igreja, será feita uma proposta para remoção do nome do membro faltoso do registro da Igreja.

2.3.1.2. Procedimentos Disciplinares na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

A IECLB⁵² destaca que o ensino do Evangelho de Cristo exerce uma ação corretiva na vida do povo de Deus. E que todos temos uma missão dentro da comunidade eclesial que é de pastorear uns aos outros, orientando-se mutuamente diante de falhas, visando à santificação. Mas cabe ao líder eclesial (pastor ou pastora, presbitério da comunidade) exercer a prática da disciplina fraterna⁵³. A disciplina fraterna consiste nos seguintes passos:

⁴⁸ WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006. v. 7. p. 262.

⁴⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2016, p. 59.

⁵⁰ Comissão de Igreja consiste numa reunião de oficiais da Igreja que lideram os seus diversos departamentos, essa comissão administra a igreja local.

⁵¹ Reunião Administrativa consiste numa reunião devidamente convocada com os membros batizados presentes, onde são analisadas as propostas da comissão da Igreja.

⁵² A Sigla “IECLB” corresponde a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

⁵³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008b, p. 1

- I. A correção acontece através de uma comunicação verbal ou escrita. Destaca-se, porém, a importância do contato pessoal e o diálogo entre as partes divergentes.
- II. Se o conflito não for dissolvido, então o presbitério deve administrar o assunto confidencialmente.
- III. Caso a solução não for encontrada no presbitério, deve-se apresentá-lo na assembleia da comunidade, e decidir diante de voto da maioria.
- IV. Caso o membro sinta-se injustiçado, deve buscar a direção da Igreja.

Esses passos são descritos de acordo com o documento que descreve o posicionamento da IECLB diante da Disciplina Fraternal⁵⁴. Através do Ordenamento Jurídico-Doutrinário, a IECLB “prevê que processos disciplinares propriamente ditos sejam antecidos pela disciplina fraterna”⁵⁵. “Que o caminho pastoral tem precedência sobre o disciplinar, embora esse possa vir a ser necessário ali onde a via dialogal não mais surtir efeito”⁵⁶. Então, podemos afirmar que, diante de um conflito ou divergência dentro da comunidade eclesial, o primeiro passo que deve ser dado é trabalhar a situação mediante a disciplina fraterna. Somente depois que se esgotam os recursos da disciplina fraterna é que devem se instaurar o processo disciplinar ou processo doutrinário⁵⁷, que tem a finalidade de processar, julgar e aplicar sanção ou amenizar conflitos de natureza doutrinária no seio da Igreja.

2.3.1.3. Procedimentos Disciplinares na Igreja Presbiteriana do Brasil

A IPB⁵⁸ declara que, antes de instaurar um processo disciplinar pelo Conselho⁵⁹, deve-se empregar esforços para corrigir a falta pastoralmente, e verificar se o delator cumpriu (Mt 18.15-17). O Conselho precisa analisar se o conflito pode ser resolvido por meios suasórios, ou seja, os meios legítimos de

⁵⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008b, p. 1.

⁵⁵ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008b, p. 1.

⁵⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.. IECLB. **IECLB no Pluralismo Religioso**, 2000. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-no-pluralismo-religioso-2000>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

⁵⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2000, p. 8.

⁵⁸ A sigla “IPB” significa Igreja Presbiteriana do Brasil.

⁵⁹ Conselho é o órgão a quem compete exercer o governo de uma Igreja Presbiteriana do Brasil a nível local. Ele é constituído pelo Pastor (ou Pastores) e pelos Presbíteros.

encontrar uma solução sem que seja necessária uma demanda ou processo regular⁶⁰.

Ao tomar a decisão da instauração do processo disciplinar, diante de queixa ou denúncia, as faltas precisam ser levadas ao Conselho, e este convocará uma Reunião Disciplinar⁶¹ para tratar de questões disciplinares pastoralmente (faltas leves) ou judicialmente (processo sumaríssimo).

O processo poderá ser: a) Do Processo Sumaríssimo, quando o fato do suposto culpado chegar ao Concílio mediante boato generalizado, confissão espontânea para líderes, constatação de fatos consumados⁶². b) Do Processo Sumário, “dar-se-á em casos patentes e claramente explícitos. (...) o fato pecaminoso não suscita nenhuma dúvida ao tribunal nem à consciência da Igreja. Há consenso geral sobre a culpa e sobre a necessidade de disciplina”⁶³. c) Do Processo Ordinário, é o mais complexo, pois há contestação contra a estrutura organizacional do processo disciplinar ou contestação contra o tribunal e ministros docentes.⁶⁴

2.3.1.4. Procedimentos Disciplinares na Igreja Metodista

Os procedimentos disciplinares da IM⁶⁵ devem seguir passos abaixo mencionados nos Canônes da Igreja Metodista⁶⁶:

- I. Fase de Conciliação: Após o recebimento da queixa ou denúncia, o líder eclesial se reúne com as partes envolvidas e verifica a veracidade dos fatos, e, se for o caso, verifica a possibilidade de perdão e correção. Todavia, não conseguindo êxito nessa fase, a pessoa acusada é notificada e tem 15 dias para apresentar elementos de defesa.
- II. Fase da Apresentação de Provas: A Comissão de Disciplina recebe a queixa e buscará investigar, ouvir as pessoas envolvidas e testemunhas, acareações se necessário. Mas diante desta etapa procura levar a pessoa acusada ao

⁶⁰ Entende-se por “processo regular” aquele feito nos moldes do Código Disciplinar, em que o acusado tenha amplo direito de defesa.

⁶¹ Conselho e Presbitério, quando necessário, convertem-se em tribunais para julgar, originalmente, membros e pastores, respectivamente.

⁶² FIGUEIREDO, [S.I.], p. 275.

⁶³ FIGUEIREDO, [S.I.], p. 278.

⁶⁴ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 91.

⁶⁵ A Sigla “IM” refere-se a Igreja Metodista.

⁶⁶ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

arrependimento, quando há confissão. Encaminha relatório dos trabalhos à autoridade competente.

- III.** Fase do Contraditório e da Decisão: Antes de iniciar o julgamento, nova tentativa de conciliação deve ser proposta, se as partes estiveram presentes. Diante do julgamento, as partes envolvidas serão ouvidas pessoalmente ou mediante procuradores durante (20) minutos cada. Depois disso o presidente da comissão de Disciplina ouvirá o voto do relator, o presidente colherá os demais votos secretamente e depois comunicará a decisão da Comissão.

2.3.2. Sanções Disciplinares

Entendemos a sanção disciplinar como os atos corretivos aplicados ao membro infrator da comunidade eclesial, cujo objetivo não é de punir, mas intimidar o pecado com caráter repressivo, para que o infrator possa ajustar sua conduta aos valores morais e éticos da sociedade religiosa.

Tabela 2: Sanções Disciplinares

IASD ⁶⁷	IECLB ⁶⁸	IPB ⁶⁹	IM ⁷⁰
<p>Censura: Ofensa considerada leve, mas que precisa de advertência pública. O voto de censura priva o membro de exercer e ter cargos e participações na igreja durante o período de censura. Mas não o suspende da congregação e nem da santa ceia.</p> <p>Remoção: Diante de faltas graves, retira-se o nome do membro da relação de rol de membros.</p>	<p>Falta leve: I - Advertência verbal ou escrita; II - censura reservada ou pública. Falta grave: III - Perda dos cargos e das funções eleitas; IV - Suspensão de eleição para cargos ou funções por um período mínimo de 4 e máximo 8 anos; V - Desligamento do quadro de membros da comunidade.</p>	<p>Admoestação: exortar e corrigir de maneira particular. Afastamento: Impedidos da comunhão; os oficiais são impedidos do exercício do seu ofício até dar prova real de arrependimento. Exclusão, diante de faltas gravíssimas ou de rebeliões contra a administração da Igreja. Deposição: perda do ofício e prerrogativas da função.</p>	<p>I - admoestação pela autoridade eclesiástica superior; II - destituição dos cargos, funções e ministérios por tempo determinado. III - afastamento compulsório; IV - exclusão de Ordens eclesiásticas; V - exclusão da Igreja Metodista.</p>

⁶⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 59.

⁶⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 9.

⁶⁹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p.70

⁷⁰ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

2.3.3. Infrações Disciplinares

Entendemos as infrações disciplinares como as razões pelas quais os membros da Igreja estão sujeitos à aplicação da disciplina.

Tabela 3: Infrações Disciplinares

IASD ⁷¹	IECLB ⁷²	IPB ⁷³	IM ⁷⁴
<p>1 - Negação da fé nos princípios fundamentais do evangelho e nas doutrinas essenciais da Igreja, ou o ensino contrário a estas doutrinas.</p> <p>2 - Violação da lei de Deus, tal como a adoração de ídolos, homicídio, roubo, profanação, jogos de azar, transgressão do sábado, e falsidade voluntária e habitual.</p> <p>3 - Quebra do sétimo mandamento da lei de Deus, pelo que diz respeito ao casamento, ao lar cristão e às normas bíblicas da conduta moral.</p> <p>4 - Transgressões tais como fornicação, promiscuidade, incesto, prática homossexual, abuso sexual de crianças e de adultos vulneráveis e outras perversidades sexuais, e novo casamento de pessoa divorciada, exceto o cônjuge que permaneceu fiel ao voto matrimonial num divórcio causado por adultério ou perversões sexuais.</p> <p>5 - Violência física, inclusive violência familiar.</p>	<p>De natureza leve:</p> <p>1 - Não cumprimento das obrigações como membro da IECLB.</p> <p>De natureza grave:</p> <p>2 - Conduta irregular com o evangelho, com a ética cristã, ou com a função que exerce.</p> <p>3 - A ofensa à confessionalidade;</p> <p>4 - Produzir divisão e rupturas no seio da Igreja.</p> <p>5 - Ter conduta lesiva ao patrimônio da Igreja e de pessoas ou ofensivas à moral e aos bons costumes.</p> <p>6 - Insubmissão às decisões tomadas de caráter definitivo.</p> <p>7 - Membro que teve sua tese vencida, que insistir e continuar defendendo seu posicionamento.</p>	<p>1 - Transgressão aos ensinamentos que não estejam de conformidade com a Bíblia e que prejudique a paz, unidade, pureza, ordem e boa administração da Igreja.</p> <p>2 - A negligência dos tutores e pais diante do voto batismal de menor constitui falta passível de pena.</p> <p>3 - A prática de atos pecaminosos ou a omissão de deveres cristãos; ou, ainda, a situação ilícita.</p>	<p>1 - Deixar de cumprir os votos de membro clérigo ou membro leigo da Igreja Metodista.</p> <p>2 - Faltar aos deveres inerentes ao cargo que ocupar.</p> <p>3 - Desobedecer às determinações das autoridades superiores ou infringir as leis da Igreja Metodista.</p> <p>4 - Divulgar doutrinas contrárias aos padrões da Igreja Metodista;</p> <p>5 - Praticar atos contrários à moral e ética cristãs.</p>

⁷¹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 65.

⁷² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFESSÃO LUTERANA NO, 2008, p. 3, 11, 13.

⁷³ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 68.

⁷⁴ IGREJA METODISTA, 2017, p. 21.

<p>6 - Fraude ou deliberada falsidade no comércio.</p> <p>7 - Práticas desordenadas que tragam opróbrio sobre a igreja.</p> <p>8 - Adesão ou participação num movimento ou organização separatista ou desleal.</p> <p>9 - Persistente negativa quanto a reconhecer as autoridades da igreja devidamente constituídas, ou por não querer submeter-se à ordem e à disciplina da igreja.</p> <p>10 - O uso, a fabricação ou a venda de bebidas alcoólicas, fumo e drogas.</p>			
---	--	--	--

2.4. Análise dos Manuais

Quando analisamos os procedimentos adotados nas denominações investigadas, percebemos que todas possuem pontos similares e algumas diferenças entre si quanto aos passos para aplicação da Disciplina Eclesiástica. Utilizando como ponto de partida o Manual da IASD, queremos destacar os seguintes pontos:

Primeiramente, notamos em todos os documentos estudados que, antes de abirmos um processo formal de Disciplina Eclesiástica de acordo com as orientações e normas de procedimentos de cada instituição religiosa, **o primeiro passo a ser dado é buscar, através do diálogo e da mediação, resolver o conflito ou a falta do irmão em relação à sua comunidade de fé.** O confronto ao membro faltoso pode ocorrer através de outro membro da igreja ou líder eclesial, que se aproximará dele em tom pastoral, e nesse espaço ocorrerá a denúncia ao comportamento irregular; pois “se os membros alimentam indiferença ou afastamento, a igreja deve buscar resgatá-los para o Senhor”⁷⁵. Essa missão de confronto não compete somente ao pastor ou pastora, mas essa missão é de responsabilidade de todos que fazem parte do corpo de Cristo, pois “a comunidade

⁷⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p.58.

cristã tem autoridade para ensinar e perdoar seus membros, mas também para corrigir ou punir aqueles/as que se desviam de suas doutrinas e práticas”⁷⁶. Encontramos em todos os documentos analisados sobre Disciplina uma forte ênfase para que os princípios bíblicos de (Mt 18.15-17) sejam aplicados antes de uma denúncia formal ou da abertura de um processo disciplinar. Por isso destaco que todas as denominações apresentam que a disciplina informal precede a disciplina formal.

Em segundo lugar, noto que, apesar das pequenas diferenças de nomenclatura, formação e organização (comissão de Igreja, presbitério, conselho, comissão de disciplina), diante de um processo disciplinar instaurado, na maioria das situações **o caso será inicialmente analisado na Igreja local, mediante uma reunião formada por líderes leigos e o clero administrativo, ou seja, o pastor(ra) ou pastores(as) daquela comunidade. E que o principal objetivo dessa comissão ou conselho “não é a exclusão, mas a restauração”⁷⁷.**

Na IASD, o assunto é tratado em uma reunião de comissão da igreja em que a questão é estudada e formulará uma proposta que será enviada em forma de um relatório, que será apresentado em uma Reunião Administrativa devidamente convocada, composta pelos membros batizados da Igreja local. A proposta será observada e colocada em votação na reunião administrativa, esta avaliará a proposta disciplinar, e com o apoio da congregação seguirá para votação, e para decisão observará o voto da maioria dos presentes. Depois de contabilizada a decisão, esta será comunicada ao membro disciplinado⁷⁸.

Conquanto seja direito da igreja administrar a disciplina, isso não anula os direitos dos membros de buscar tratamento justo. Se membros julgarem que tenham sido tratados injustamente pela igreja local, ou que não tiveram o direito de ser ouvidos plenamente e que a igreja está indisposta a reconsiderar o caso, ou se os oficiais se recusarem a considerar seu pedido de readmissão, esses ex-membros têm o direito de apelar por escrito à igreja para ter uma audiência. A igreja não deve negligenciar ou recusar a concessão dessa audiência. Se isso acontecer ou se os ex-membros ainda se sentirem tratados injustamente pela igreja após a apelação, eles têm o direito ao recurso final de apelar para a Comissão Diretiva da Associação por uma audiência.⁷⁹

⁷⁶ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**. p. 5.

⁷⁷ IGREJA METODISTA **Manual de Disciplina**. p. 12 Disponível: <http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/documentosoficiais/manual_disciplina.pdf>. Acessado em 03/12/2018>.

⁷⁸ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2014, p. 70.

⁷⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2016, p. 70.

Já na IECLB, a autoridade ministerial, ao tomar ciência de fatos, conflitos ou divergências que possam comprometer o ambiente eclesial ou a exposição da palavra, “buscará o exercício da disciplina fraterna”.⁸⁰ A disciplina fraterna estabelecerá o caminho do diálogo e contato pessoal com as partes em conflito. Caso não haja sucesso, o presbitério deverá tratar o assunto confidencialmente. Caso não encontre ainda a solução, conduzirá para a assembleia da comunidade, que decidirá pela maioria. Caso permaneça convicção de injustiça por parte do envolvido, esse deverá recorrer à direção da Igreja.⁸¹

O OJD prevê que processos disciplinares propriamente ditos sejam antecedidos pela disciplina fraterna, com o objetivo de sanar por este meio os problemas registrados, e por uma sindicância independente para apuração dos fatos. Quando é instaurado um processo disciplinar ele é conduzido por instâncias independentes, eleitas pelo Concílio da Igreja e pelas assembleias sinodais.⁸²

Na IPB, “compete ao conselho processar e julgar originalmente membros e oficiais da Igreja”.⁸³ Ao receber uma denúncia ou queixa sobre a conduta de um membro da Igreja, o conselho verificará se os procedimentos bíblicos de (Mt 18.15-17) foram seguidos e tentará resolver a demanda antes de abrir um processo formal de disciplina; mas caso não encontre solução através desta atitude, conduzirá o caso disciplinar para uma Reunião Disciplinar que estudará o caso pastoralmente ou judicialmente, ou seja, o processo disciplinar poderá seguir o caminho judicialmente, onde será conduzido para Tribunal da Igreja, que estudará o caso e estabelecerá sanções eclesiásticas⁸⁴. Caso não esteja de acordo com a disciplina aplicada, o condenado poderá apelar da decisão do Conselho para o plenário do Presbitério⁸⁵.

Na IM, ao receber a comunicação da falta de um membro da comunidade religiosa local, mediante análise e estudo, a autoridade eclesial procurará resolver o conflito ou falta com o próprio membro faltoso, caso não tenha êxito, encaminhará à Comissão de Disciplina, que fará uma busca por provas. Todavia, uma vez mais, proporá “a conciliação por meio pastoral à ação disciplinar”⁸⁶. Caso contrário, a

⁸⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 3.

⁸¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008b, p. 1.

⁸² ALTMANN, Walter. Posicionamento referente ao Movimento Carismático. **IECLB**, 2005. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/momento-atual-da-ieclb-em-especial-a-relacao-com-o-movimento-carismatico-2005>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

⁸³ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p.73

⁸⁴ FIGUEIREDO, [S.I.], p. 280.

⁸⁵ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p.91

⁸⁶ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**, p. 25.

Comissão de Disciplina comunicará o dia do julgamento, e novamente deverá se insistir na conciliação, caso contrário o julgamento irá pronunciar sua decisão sobre a ação disciplinar.⁸⁷

Caso a sanção disciplinar não seja aceita, o processo disciplinar será encaminhado para a esfera administrativa superior, que receberá o relatório, ouvirá os envolvidos, testemunhas e promotores, fará o julgamento e pronunciará as sanções disciplinares. Em lugar de aplicar uma pena, a Comissão pode determinar que o acusado seja alvo de terapia ou tratamento especializado de saúde, conforme laudo médico⁸⁸.

Em terceiro lugar, a análise nos permitiu verificar que, diante de um processo disciplinar, o membro em falta sempre tem a oportunidade e o direito resguardado de comparecer para defender-se diante da reunião disciplinar. Na IASD, o membro em processo de disciplina tem “o direito de ser ouvido em defesa própria, apresentar provas e apontar testemunhas”⁸⁹, mas não poderá constituir advogados para sua defesa⁹⁰.

Na IECLB “o acusado ou acusada, querendo, poderá comparecer perante o relator do processo, acompanhado de defensor, devidamente credenciado e das suas testemunhas, que serão inquiridas pelo relator e pelos outros membros da comissão, eventualmente presentes”⁹¹.

Na IPB, o acusado poderá comparecer perante o Concílio ou tribunal, ou poderá ser representado por um procurador crente.⁹² Na IM, diante de um julgamento disciplinar, o membro poderá ser representado da seguinte maneira:

Podem ser apresentadas por escrito ou oralmente, por elas mesmas ou por alguém nomeado. Não há impedimento na participação de um/uma advogado/a, porém não é exigida a presença desse profissional. Para que eventuais interesses sejam defendidos, a autoridade indica um membro da Igreja para acompanhar o processo, como se fora um promotor.⁹³

Em quarto lugar, quando estudamos as sanções disciplinares das quatro denominações, estas possuem o objetivo claro de corrigir a conduta do membro faltoso e deixar claro para a comunidade de fé a conduta correta que precisa ser

⁸⁷ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**, p. 25,26.

⁸⁸ IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**, p. 25,26.

⁸⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2016, p. 67.

⁹⁰ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 67.

⁹¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA, 2008.

⁹² IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 79.

⁹³ IGREJA METODISTA, 2017, p. 219.

adotada pela membresia. Mas existem algumas pequenas diferenças e similaridades encontradas nas coletâneas sobre as sanções disciplinares que desejo pontuar:

Na IECLB e na IPB, o membro disciplinado é suspenso da cerimônia de comunhão como penalidade do processo disciplinar. Na IASD, os membros em disciplina “não serão, porém, privados do privilégio de tomar parte das bênçãos da Escola Sabatina, dos cultos ou da cerimônia da comunhão”⁹⁴, isto é uma decisão de fórum íntimo. Na IM, não encontramos em seus documentos restrição quanto à participação da mesa da comunhão por uma pessoa em processo disciplinar.

No tocante às faltas nas sanções disciplinares, estas aparecem classificadas na IASD com o nome de “censura”⁹⁵ para faltas leves e “remoção”⁹⁶ para faltas consideradas graves. Na IECLB utiliza-se a expressão “faltas leves”⁹⁷ para delitos que devem ser tratados mediante advertência verbal ou escrita e censura particular ou pública; e “faltas graves”⁹⁸ para delitos que precisam ser tratados com a suspensão dos ofícios eclesiásticos e o desligamento do quadro de membro da comunidade de fé. Na IPB eles classificam as faltas leves como aquelas que podem ser tratadas por meio suasório mediante a “admoestação”⁹⁹; as faltas graves como aquelas que produzem o “afastamento”¹⁰⁰ da mesa da comunhão e dos ofícios exercidos no ambiente da Igreja e as faltas gravíssimas a “exclusão”¹⁰¹ e “Deposição”¹⁰² quando o faltoso se mostra sem correção e insubordinado. As penas devem ser proporcionais às faltas, considerando as circunstâncias atenuantes (pouca experiência religiosa, falta de conhecimento doutrinário, influência do meio, bom comportamento anterior, assiduidade aos cultos, simplicidade, colaborador nos serviços da igreja, ausência de más intenções, confissão do erro) e agravantes (experiência religiosa, bom conhecimento doutrinário, influenciador, maus precedentes, negligência aos cultos, arrogância e desobediência, negação da falta).¹⁰³

Ao comentar sobre esse ponto, Figueredo faz a seguinte comparação:

⁹⁴ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 65.

⁹⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 65.

⁹⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 65.

⁹⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 9.

⁹⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2008, p. 9.

⁹⁹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 70.

¹⁰⁰ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 70.

¹⁰¹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 70.

¹⁰² IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 70.

¹⁰³ FIGUEIREDO, [S.I.], p. 204.

Do ponto de vista do testemunho, do exemplo, da repercussão e do escândalo, o adultério de um Ministro é muito mais grave que o de um membro comum da Igreja. Ele tem contra si os agravantes da responsabilidade, do modelo ministerial, do conhecimento doutrinário e do posto de pai espiritual de suas ovelhas.¹⁰⁴

Na IM não se faz classificação entre faltas leves e faltas graves, aplicando as sanções disciplinares conforme caminho similar das demais denominações, primeiramente buscam mediante “admoestação”¹⁰⁵ e, posteriormente, seguem processo com a “suspensão”¹⁰⁶, “destituição”¹⁰⁷, “afastamento compulsório”¹⁰⁸, “exclusão de ordens eclesiásticas”¹⁰⁹ e “exclusão da Igreja Metodista”¹¹⁰.

Em quinto lugar, sobre remoção ou exclusão do nome do membro disciplinado do rol da Igreja, para as denominações IECLB, IPB, IM, um possível retorno à membresia da Igreja deverá acontecer mediante solicitação de reingresso para o órgão administrativo da Igreja local após a confissão de arrependimento do motivo que gerou a sua remoção. O Manual Presbiteriano afirma que “todo faltoso terá direito à restauração mediante prova de arrependimento”.¹¹¹ O pastor Walter Altmann, da IECLB, afirma em carta pastoral que, se houver suspensão parcial ou total da condição de membro, este poderá recorrer às instâncias diretivas da Igreja.¹¹² Na IM, o membro leigo desligado pode ser readmitido por voto do Concílio Local.¹¹³ Já na IASD, o reingresso de membros que foram disciplinados com a remoção só poderá acontecer mediante novo batismo.¹¹⁴

Em sexto lugar, a leitura e comparação dos manuais permitiu verificar que são consideradas infrações todas as práticas que contrariam os princípios

¹⁰⁴ FIGUEIREDO, [S.I.], p. 205.

¹⁰⁵ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹⁰⁶ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹⁰⁷ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹⁰⁸ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹⁰⁹ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹¹⁰ IGREJA METODISTA, 2017, p. 217-219.

¹¹¹ IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 1999, p. 99.

¹¹² ALTMANN, Walter. Manifestação Oficial: Quem é membro da IECLB?. **IECLB**, 2007. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/quem-e-membro-da-ieclb-2007>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

¹¹³ IGREJA METODISTA, 2017, p. 6.

¹¹⁴ A IASD utiliza a prática do novo batismo com base na narrativa bíblica de Atos 19.1-7, “onde descreve indivíduos, sendo rebatizados após aceitar uma nova verdade vital. (...) O rebatismo deve ser raro. (...) O rebatismo só deve acontecer se houver apostasia clara das crenças e dos padrões que a comunhão com Jesus requer” (DORNELES, Vanderlei (ed). **Comentário Adventista do Sétimo Dia**. Tatui: Casa Publicadora Brasileira. 2014, p. 396, v.6). Michelson Borges afirma que “a ideia de rebatismo em Atos 19 é compartilhada por grandes teólogos não adventistas, como Marshall e Matthew Henry” Disponível em: <https://michelsonborges.wordpress.com/2018/04/03/os-adventistas-e-a-pratica-do-rebatismo/>. Acessado em: 14 de janeiro de 2020.

doutrinários de cada denominação, como também tudo aquilo que venha a fragmentar a unidade da Igreja, como também a violação dos princípios morais e éticos estabelecidos na Palavra de Deus. Mas, quero destacar alguns itens de infrações que são pontos mais relevantes ou diferenciados nas denominações analisadas.

Quanto às infrações do Manual da IASD, destaco a infração do item 4 da tabela 3, que faz um desdobramento do mandamento do adultério, e aparece como infração o novo casamento sem motivos bíblicos. A IASD só permite o divórcio diante de adultério, perversões sexuais (incesto, abuso sexual de criança e práticas homossexuais); e abandono por parte do cônjuge incrédulo¹¹⁵. A IASD reconhece que “as relações matrimoniais ficam, em muitos casos, abaixo do ideal”¹¹⁶, e que muitos divórcios hoje ocorrem sem uma base bíblica para dissolução do casamento, quando o divórcio ocorre por outras razões além das mencionadas na Bíblia. Pois “as Escrituras reconhecem o adultério e a fornicação (Mt 5.32) e o abandono por parte de um cônjuge incrédulo (1Co 7.10-15) como motivos para o divórcio”.¹¹⁷ A IASD não reconhece o novo casamento por dificuldades de relacionamento, financeira, maturidade, e etc.

Um cônjuge que tenha violado o voto matrimonial e se tenha divorciado não tem o direito moral de casar-se com outra pessoa enquanto o cônjuge que permaneceu fiel ao voto ainda vive e permanece sem casar-se e casto. Se ele se casar, deverá ser removido do rol de membros. A pessoa com quem se casar, se for membro da igreja, também deverá ser removida do rol de membros.¹¹⁸

Na IECLB, destaco o item 7 da tabela 3, que consta como infração o fato de um membro ou autoridade eclesial ser derrotado em sua tese, e continua a persistir na sua tese e prática dentro da IECLB.¹¹⁹ O então pastor presidente da IECLB Walter Altmann afirma:

Ainda assim, neste momento, a maior preocupação da IECLB não é de ordem financeira, mas sim de integridade confessional e de unidade da igreja. A diversidade de espiritualidade existente na IECLB é, em princípio, bela e enriquecedora para a igreja. Não são poucas as pessoas que têm se sentido atraídas para a IECLB ou a apreciam particularmente porque há nela um espaço bastante amplo para desenvolver de maneira peculiar e característica, a experiência de fé, a edificação comunitária e o projeto

¹¹⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p.162,163.

¹¹⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 161.

¹¹⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 161.

¹¹⁸ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 163.

¹¹⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA, 2008.

missionário. A diversidade tem, porém, seus limites, que são ultrapassados precisamente quando de algum modo são atingidos os pilares da confessionalidade luterana e/ou se instala na vida da comunidade um espírito divisionista que é incompatível com a compreensão de igreja como corpo de Cristo, em que os diferentes membros cooperam para sua edificação.¹²⁰

Quanto às infrações do Manual da IPB, destaco o item 2 da tabela 3, que descreve como falta sujeita à disciplina a negligência dos tutores de menores diante do batismo.

Batismo é o rito de introdução na Igreja, não um sacramento isolado, com poderes beatíficos à margem da comunhão do corpo de Cristo. O lustramento batismal que não inclui o batizando na Igreja para nela permanecer, perde o sentido, torna-se inócuo. Se os pais ou os tutores não podem criar e manter o batizado na Igreja, que não o batizem. Quem se responsabiliza pelo batismo de um menor e não o educa na fé cristã e o integra na comunhão eclesial dentro de sua faixa etária, quebra o pacto, fazendo voto falso diante de Deus e da comunidade dos servos de Cristo. O Conselho deve estar sempre vigilante para não permitir que isto aconteça. Acontecendo, os pais ou responsáveis precisam ser disciplinados, segundo o grau de desobediência ou irresponsabilidade.¹²¹

Na IM, destaco o item 2 da tabela 3, que apresenta como infração a negligência aos deveres ao cargo que se ocupa.¹²² A IM apresenta que existem direitos e deveres diante dos cargos e funções compartilhadas dentro da comunidade metodista, e que a negligência aos deveres destes cargos pode conduzir a um processo disciplinar.

No próximo capítulo realizamos uma análise de textos bíblicos do Novo Testamento que discorrem sobre a Disciplina e que fundamentam a maioria dos procedimentos disciplinares que compõem os manuais contemporâneos das igrejas que investigamos aqui.

¹²⁰ ALTMANN, 2005.

¹²¹ FIGUEIREDO, [S.I.], p. 197.

¹²² IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**. p. 21.

3. ANÁLISE DA DISCIPLINA ECLESIASTICA NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento a Disciplina está relacionada ao ensino, exortação, educação, admoestação, advertência, repreensão, convicção e correção¹²³.

Como são muitos os textos bíblicos no NT que abordam a Disciplina Eclesiástica, optamos por analisar os textos selecionados por House¹²⁴ (APÊNDICE A), pois eles nos permitem ter uma visão geral acerca do modo como a disciplina era administrada no Novo Testamento.

3.1. A Disciplina Eclesiástica em Mateus 18.15-17

O texto de (Mt 18.15-17) precisa ser compreendido em relação ao contexto do capítulo. Mateus tem um apelo para os discípulos se tornarem como crianças e se humilharem (v.3,4), bem como receber outros em nome de Jesus (v.5). Eles são exortados a evitar desprezar “os pequeninos” (v.6,10), mesmo que esses sejam considerados perdidos (v.11). Especialmente porque se descreve nestas passagens a busca incansável do Pai a um só destes pequeninos (v.10-14).

Além disso, os discípulos receberam grande autoridade para esta causa (v.18-20) e devem mostrar disposição irrestrita do perdão ao ofensor ou devedor (v.21-35). Esses ensinamentos atenuam fortemente a tentativa da comunidade eclesial de se purificar exteriormente, mas ensinam que deve existir uma busca incansável para resgatar, perdoar e redimir o membro infrator na comunidade religiosa.

No contexto religioso judaico, era tradição que o ofensor buscasse o ofendido e solicitasse o perdão, reconhecendo sua falta. Mas no ensino de Cristo, vemos a proposta de inversão desse procedimento, quando o pastor sai para buscar a ovelha perdida. Seus discípulos deveriam agir de maneira diferente ao ensino ministrado no judaísmo. Eles não deveriam esperar o irmão confessar seus erros. Portanto, em lugar de ir aos tribunais exigir seus direitos e receber reparação, a pessoa ofendida deveria buscar a salvação do membro faltoso¹²⁵. “Se um desses

¹²³ SHEDD, 2013, p. 19-52.

¹²⁴ HOUSE, 1999, p. 134. (Ver apêndice).

¹²⁵ KING, George Montague. **Church discipline as restoration: guidelines for its implementation in the Seventh-Day Adventist Churches in the Caribbean Union.** Andrews University Seventh-day

pequeninos for vencido, e cometer uma falta contra vós, é vosso trabalho então buscar restaurá-lo. Não espereis que ele faça o primeiro esforço para reconciliação”.¹²⁶

Em (Mt 18.15-17), vemos alguns passos que precisam ser dados para confrontar o irmão faltoso:

1) Correção particular: “*vai argui-lo entre ti e ele só*” (v.15). O objetivo da correção “é confrontar o irmão em particular e ‘mostrar[ar]-lhe o erro’. O verbo *elenchô*, provavelmente, sugere ‘condenar’ o irmão, não por meio de julgamento, mas condenando-o por seu pecado”.¹²⁷ Devido a uma má compreensão do papel do pastor, geralmente deixamos o pastoreio para o líder eclesial. Mas, diante das faltas dos membros da comunidade de fé, somos convidados a exercer uma aproximação pastoral, cujo “objetivo não é ganhar dele, mas ganhá-lo [...] porque toda disciplina, mesmo esse tipo de disciplina em particular, deve começar com propósitos redentores”¹²⁸. Lutero foi um dos reformadores que reconheceu que toda a Igreja deve ser envolvida no processo fraterno da Disciplina. Por isso declarou:

Aqui se ordena a cada membro que cuide do outro; quanto mais teremos de intervir quando age mal um membro que rege a comunidade, causando, por seu procedimento, grande dano e escândalo para os outros! Não seria um procedimento desnatural se houvesse um incêndio numa cidade e todo o mundo devesse ficar parado, deixando queimar o que quisesse queimar, somente porque não têm o poder do prefeito ou porque o fogo talvez tenha começado na casa do prefeito? Será que, no caso, cada cidadão não tem o dever de mobilizar e chamar os outros? Quanto mais isso deve acontecer na cidade espiritual de Cristo, quando se levanta um fogo de escândalo!¹²⁹

Sublinho que é preciso falar com ele, e não sobre ele, a outros. Arguir, repreender e convencer o irmão de sua culpa não tem nada a ver com desmascaramento público para humilhá-lo. Em seus escritos, Ellen White declara que, ao procurarmos corrigir os erros de um irmão, devemos “falar a sós no espírito de Cristo [...] Revelai amor semelhante ao de Cristo por vosso irmão, buscando

Adventist Theological Seminary, 1981, Project Documents. 351. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1365&context=dmin> . Acesso em: 30 abr. 2019. p. 15.

¹²⁶ WHITE, Ellen G. **Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995. p. 440.

¹²⁷ CARSON, 2010, p. 470.

¹²⁸ CARSON, 2010, p. 470.

¹²⁹ LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1988, p. 288, 289, v. 2.

acertar as dificuldades ‘entre ti e ele só’. Falai serenamente juntos. Que nenhuma palavra irada escape de vossos lábios”.¹³⁰

A correção precisa ser realizada inicialmente, portanto, de modo particular. Pois a visita privada favorece o arrependimento e reduz a necessidade de expor o membro faltoso diante de toda a congregação.

Nessa abordagem temos como discernir melhor se a nossa suspeita em relação ao membro faltoso está de fato correta. Como afirmou Carson, “o indivíduo que confronta pessoalmente seu irmão, fará isso com humildade [...] se é difícil aceitar uma repreensão, até mesmo em particular, é ainda mais difícil administrar a humildade em amor”¹³¹. Esta abordagem é um passo difícil, mas positivo, para reconciliar o irmão de volta à comunidade de fé.

2) Evidência de testemunhas: “... *duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça*” (v.16). Sustentado por Deuteronômio 19.15, caso o encontro em particular não funcione, o passo seguinte é levar consigo duas ou três testemunhas que sejam pessoas sábias e espirituais, estimadas pelo ofensor, de modo a criar uma nova oportunidade de diálogo. A presença das testemunhas visa aumentar a influência moral, e visa esclarecer se realmente o pecado é verdadeiro ou imaginário, e buscar eliminar o conflito ou a queixa. Embora o objetivo destas testemunhas não seja realizar um julgamento formal, todavia possibilita a apresentação do caso à igreja, caso isso seja necessário.¹³²

O objetivo do diálogo com duas ou três testemunhas é estabelecer a verdade. E diante da falta, o ofensor deve ser abordado de maneira firme e fraterna, para que haja arrependimento, confissão e reconciliação. Todo o esforço é realizado com o objetivo de que a restauração seja feita e o conflito resolvido. Pessoas em restauração precisam de muito carinho.

3) Papel da congregação: “*E, se ele não os atender, dize-o à igreja*” (v.17). Se os esforços de dois ou três não restaurarem o irmão faltoso, o conflito deve ser levado à igreja. O papel da Igreja não é de condenar, mas de estabelecer um diálogo para solução do conflito, jamais deveria significar exposição em detalhes do pecado envolvido. A razão para contá-lo à igreja é que todos possam alcançar o

¹³⁰ WHITE, Ellen G. **Meditação Matinal**: Olhando para o Alto. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 204.

¹³¹ CARSON, 2010, p. 471

¹³² CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. 6 v. São Paulo: Editora Candeia, 1982. v. 5. p. 469.

membro infrator, assegurando-lhe seu amor e buscando, mediante oração intercessora, oportunidade para restaurar e salvar o errante. Somente depois de o irmão faltoso recusar o chamado de toda a igreja, é que seguimos para o último passo.

4) O membro faltoso deve ser considerado como: “*gentio ou publicano*” (v.17b). A remoção do membro faltoso da igreja é o último passo no processo que visa conduzir o indivíduo ao arrependimento e à reconciliação, caso não ouça aquele a quem prejudicou ou a igreja como um todo. No entanto, o cuidado amoroso de Jesus ao tratar os pecadores e coletores de impostos (Mt 9.9-11; 11.19) deve servir como orientação na maneira como devemos tratar aqueles que forem retirados da comunhão da igreja, buscando sempre a restauração definitiva de todos.¹³³ O faltoso removido do rol de membros continua sendo parte da comunidade cristã e, talvez mais do que nunca, precisa de cuidado especial da igreja.¹³⁴ O membro removido deve ser considerado um pecador a ser reconquistado. A Disciplina com voto de remoção não deve ser aplicada por parte de um grupo que exerce liderança na igreja. A decisão deve ser compartilhada por toda comunidade eclesial, feita por meio de votação da maioria. “A autoridade de uma comissão, ainda que se componha de pessoas escolhidas pela igreja, não é suficiente para excluir membros de uma igreja”.¹³⁵

A conclusão a respeito de Mateus 18.15-17 é que Jesus descreve princípios que devem reger a nossa conduta como comunidade de fé, e que os problemas que surgem em nosso meio, produzidos por conflitos de relacionamentos ou pecado, devem ser tratados com uma atitude fraterna. Aqueles que estão desviando-se precisam, antes de tudo, ser ainda aceitos como parte da comunidade.¹³⁶ Devemos tomar a iniciativa de buscar o errante, ouvi-lo em particular, buscar restaurar mediante diálogo de duas ou três pessoas, e, em último caso, buscar a restauração mediante apoio de toda a igreja. E diante de uma possível recusa de arrependimento por parte do membro infrator, devemos considerá-lo como objeto e alvo de nossos esforços missionários, tratá-lo como gentio ou publicano.

¹³³ **Bíblia de Estudos Andrews**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 1262, 1263.

¹³⁴ CHAMPLIN, 1982. p. 470, (v. 5).

¹³⁵ CHAMPLIN, 1982. p. 470, (v.5).

¹³⁶ MARULLI, Luca. “Let both of them grow together”: Church discipline in the gospel of Matthew. **Ministry**. v. 82, n. 9, p. 10-13, set., 2010. Disponível em: <<https://cdn.ministrymagazine.org/issues/2010/issues/MIN2010-09.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.

Mas ressalto que existe também no texto uma convicção clara de que “a igreja deve ser diferente do mundo - que cristãos não devem viver como pagãos e publicanos”¹³⁷. Que a Disciplina Eclesiástica deve manter a integridade da comunidade eclesial e a dignidade do membro errante, permitindo que todos possam compreender que suas ações interferem na comunidade de fé.

3.2. A Disciplina Eclesiástica em 1 Coríntios 5.1-13

Paulo incentiva a igreja de Corinto a ministrar a Disciplina Eclesiástica. Não vemos o apóstolo exortando a igreja que aconselhe o membro infrator a buscar o arrependimento, como Jesus faz em Mateus 18.15-17. Paulo declara que o membro errante deve ser removido e reprova a Igreja por sua negligência (1Co 5.1-13). Abordaremos a seguir a lógica por trás desta posição paulina.

Primeiramente, precisamos compreender que a cidade de Corinto era moralmente degradante. Os coríntios “não conheciam o significado da castidade. Encontravam o prazer quando e onde queriam”.¹³⁸ Era uma cidade portuária, fervilhava de comerciantes e marinheiros em busca de diversão, prostituição, vício e tráfico humano. Abrigava o templo de Afrodite, deusa grega do amor e do sexo; era assistido por mil sacerdotisas prostitutas¹³⁹. Nesta colônia romana existia também o “maior monumento de Apolo, uma figura que expressava a beleza do corpo masculino e sugestionava o povo à prática do homossexualismo”¹⁴⁰. Brakemeier descreve a cidade de Corinto com as seguintes palavras:

Corinto pertencia às metrópoles importantes na antiga Grécia. Destruída em 146 a.C., ela havia sido reerguida por Júlio César em 44 a.C., na condição de colônia romana. Em 27 a.C. torna-se capital da província da Acaia e, com isso, sede de um procônsul. Sua privilegiada situação geográfica no afamado istmo de Corinto, com acesso tanto ao mar Adriático quanto ao mar Egeu, era responsável pelo rápido progresso da cidade. Na qualidade de cidade portuária, destacava-se como centro mercantil e ponto de encontro entre as nações do Oriente e do Ocidente.¹⁴¹

¹³⁷ LEEMAN, 2016, p. 30, 31.

¹³⁸ BARCLAY, William. **I e II Coríntios**. Trad. Carlos Biagini. 1973. p. 50 Disponível em: <<http://www.iprichmond.com/1corintios>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

¹³⁹ PETERSON, Eugene H. **A Mensagem**: Bíblia em Linguagem Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2011. p. 1614.

¹⁴⁰ LOPES, Hernandes Dias. **1 Coríntios**: Como resolver conflitos na Igreja. São Paulo: Editora Hagnos, 2009. p. 90.

¹⁴¹ BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto**: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. p.13.

Corinto, no mundo antigo, era conhecida como uma cidade rebelde, com problemas na área de alcoolismo e imoralidade. “Os cristãos de Corinto eram como uma pequena ilha de cristianismo rodeada por todos lados por muito paganismo, tinham entrado fazia bem pouco tempo ao cristianismo, era muito difícil despojar-se das práticas que tinham sido parte da vida de gerações de libertinos”.¹⁴²

Em segundo lugar, precisamos atentar para o fato de que a comunidade cristã de Corinto foi fundada por Paulo e que depois de três anos do início da sua organização começaram a desviar-se das normas cristã estabelecidas pelo apóstolo. Paulo, que estava distante, começou a receber muitas notícias negativas a respeito deles. Enumero vários problemas dos cristãos em Corinto, conforme elencados por Augustus Nicodemus Lopes¹⁴³:

Primeiro, problemas com divisões que se formaram em torno de personalidades: Alguns eram de Paulo, outros de Apolo, outros de Cefas e outros ainda de Cristo. O grupo dos que se diziam seguidores de Cristo rejeitava as instruções e autoridade de Paulo, e buscava experiências espirituais extraordinárias (3.4).

Segundo, problemas doutrinários sobre: a) O consumo de carne sacrificada aos ídolos (10.28). b) Questões relacionadas ao casamento; se era mais espiritual casar ou permanecer solteiro. (7).

Terceiro, problemas morais: a) Relacionados à prática da Santa Ceia. Muitos se embriagavam na hora da Santa Ceia, e participavam com espírito inapropriado (11.21). b) Confusão com o emprego dos dons de línguas e profético (14). c) A igreja se orgulhava de ser espiritual (5.2). d) Litígio de membros da comunidade de fé em tribunais seculares (6.4). e) Um grupo motivava a prática da prostituição religiosa (6.18,19).

Além destes problemas mencionados acima, Paulo aborda no capítulo 5 não apenas um caso comum de imoralidade sexual, mas um caso extraordinário de imoralidade, uma imoralidade que não era comum nem entre os gentios (v.1).

Paulo apresenta o problema de maneira muito clara, caracterizado por dois importantes aspectos: 1) A igreja de Corinto está inserida numa cultura de imoralidade. Um membro da comunidade local havia cometido incesto com a

¹⁴² BARCLAY, 1973, p. 50.

¹⁴³ LOPES, Augustus Nicodemus. **Corinto**: uma igreja com problemas de Disciplina – análise de 1 Coríntios 5. Disponível: https://thirdmill.org/files/portuguese/84988~9_18_01_3-36-43_PM~Corinto.html. Acesso em: 22 mai. 2019.

madrasta ou uma concubina de seu pai (v.1). 2) A comunidade eclesial local não fez nenhuma tentativa para solucionar a situação da imoralidade. Mas estavam cheios de orgulho espiritual, e nem chegaram a lamentar pelo ocorrido (v.2). Vamos analisar esses dois pontos a seguir:

Quanto ao primeiro aspecto do problema, Paulo inicia declarando que: “*Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade [...] se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai*” (v.1) - A palavra grega utilizada no original para “imoralidade” é *porneia*, e esta possui um significado bem amplo, pois representa qualquer ato sexual ilícito. Dentro do contexto dessa narrativa, a palavra “imoralidade” - *porneia*, é compreendido como fornicção - que é sexo praticado fora da relação do casamento, praticado por pessoa solteira. Paulo não utiliza a palavra “adultério” - *moicheia*, mas utiliza a palavra “imoralidade” - *porneia*, para representar uma possível relação incestuosa. Esse comportamento sexual era inapropriado tanto para cultura judaica como para os romanos.¹⁴⁴

Na Bíblia Hebraica, Deus revela sua abominação ao incesto. Deus reprova a relação sexual entre um homem e sua madrasta (Dt 22.30). Esta relação incestuosa era conhecida tanto pela comunidade cristã como pela sociedade de Corinto. O verbo “possuir” está no tempo presente, e indica uma ação contínua, ou seja, ele estava mantendo relação sexual ilícita¹⁴⁵. Esta é a primeira parte do problema.

Em relação ao segundo aspecto do problema: “E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou?” (v.2). Destaca-se que a manifestação de Paulo se fez necessária mediante a ausência de correção ou reprovação da parte da Igreja em face à imoralidade praticada; ou seja, o fato da igreja não tomar esta atitude de zelar pela vida e pela pureza da igreja, pelo nome de Cristo e pelo próprio pecador. Temos que considerar também a palavra “lamentar”, no original, *penthein*, que representa um choro de profunda tristeza, como o choro diante da perda de um familiar ou amigo.¹⁴⁶ O pecado deveria gerar no seio da comunidade eclesial uma tristeza e não um sentimento de orgulho, uma atitude de reprovação ou vergonha, não de vanglória. Essa comunidade religiosa não era somente omissa, mas também se orgulhava daquele tipo de pecado. Era como se eles desejassem retratar um

¹⁴⁴ MOURA, 2008, p. 9.

¹⁴⁵ REIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova. 1985. p. 294.

¹⁴⁶ REIENECKER; ROGERS 1985, p. 295.

espírito de mentalidade aberta ou plural. Wiersbe declara que: “É terrível um cristão viver em pecado [...] e a igreja não fazer nada a respeito!”¹⁴⁷

A permissividade diante do pecado dentro de uma comunidade de fé tem um efeito bem parecido com o do “fermento que leveda a massa” (v.6) – Pois, se o pecado não for repreendido, a membresia acaba entendendo aquela atitude como algo normal, e não como um pecado que precisa ser evitado e corrigido. E muito mais do que isso, corremos o risco de que tal comportamento pecaminoso se torne uma cultura da igreja.

Paulo orienta: “*Lançai fora o velho fermento*” (v.7). O fermento é símbolo do pecado (cf. Mt 16.6), que deveria ser eliminado dos lares dos hebreus para a celebração da páscoa. Ao fazer a sua exposição sobre este verso, Hernandes D. Lopes diz: “... quando a Igreja tolera o pecado, ela perde a santidade, a autoridade e o poder. O pecado destrói o testemunho da igreja”¹⁴⁸. E no mesmo contexto Hernandes D. Lopes afirma:

Paulo diz que o fermento pode azedar essa festa. Devemos, então, jogar fora o velho fermento para celebrar a Páscoa com alegria. Não com o fermento para maldade, mas com os asmos da sinceridade e da verdade. Quando você não apenas corrige e objetiva a restauração do faltoso, mas também previne a igreja, e isso gera temor e obediência entre seus membros.¹⁴⁹

As orientações de Paulo vão no sentido de que o membro infrator seja removido do meio da congregação (v.2) e “*entregue a Satanás*” (v.5). Ainda que os demais membros não se associassem com o irmão impuro (v.9), a recomendação de Paulo pode nos suscitar alguns questionamentos: Onde está a possibilidade de arrependimento? Onde está o trabalho pastoral de buscar redimir o pecador? Será que o pecado deste homem é tão grave assim ou escandaloso, que seja indigno de uma abordagem mais fraterna?

Paulo afirma que o membro faltoso seja: “*entregue a Satanás para destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo...*” (v.5). Este texto é um grande desafio para os exegetas, mas existe um consenso de que tal expressão, “*entregue a Satanás*”, representa a remoção do membro faltoso da comunhão da Igreja. Como nós temos este mundo dividido em dois reinos (o reino de Cristo *versus*

¹⁴⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe Novo Testamento**. Santo André: Editora Geográfica. 2008, p. 467, v. 2.

¹⁴⁸ LOPES, 2009, p. 95.

¹⁴⁹ LOPES, 2009, p. 103.

o reino de Satanás), o membro infrator deveria ser colocado onde ele já se encontrava, ou seja, no reino de Satanás. Isso deveria levá-lo a uma reflexão sobre a gravidade de seus atos, para conduzi-lo ao arrependimento. Mas, como a igreja nada havia feito, este vivia no reino das trevas, como se estivesse no reino de Cristo.¹⁵⁰

Sintetizo o comentário de John White e Ken Blue sobre esse tópico da seguinte maneira: a igreja serve como escudo contra os ataques satânicos. É claro que não estamos livres de sermos atingidos por seus dardos inflamados, mas também não estamos abandonados diante dele. O Diabo pode até atacar, mas ele nos atinge como soldado do exército de Cristo. Ser entregue a Satanás representa não mais pertencer a esse exército triunfante. Ao contrário disso, estamos sozinhos, pois a proteção é retirada. A remoção da igreja expõe o membro faltoso à ação de Satanás.¹⁵¹

Quando a Bíblia afirma “*a fim de que o espírito seja salvo*”, entendemos que o objetivo da Disciplina Eclesiástica deve ser o de restaurar, reconciliar o membro faltoso, a fim de que seja salvo e não perca a salvação. Por isso, o comentário Adventista afirma:

A disciplina na igreja tem como propósito de despertar o pecador a fim de atentar para sua perigosa situação e mostrar a ele a necessidade de arrependimento e contrição. Uma vez corrigido e humilhado por sua disciplina, o pecador pode ser convidado novamente à virtude e à fé. O objetivo da correção da igreja jamais deve ser a vingança, mas salvar da ruína. O membro separado da igreja deve ser objeto de interesse, e devem ser feitos esforços para sua recuperação espiritual (...).¹⁵²

Paulo apresenta em 1Coríntios 5 dois tipos de pessoas: 1) Pessoas que experimentam o arrependimento; ou seja, gente transformada. 2) Pessoas que não experimentam o arrependimento; ou seja, gente que não herdará o reino de Deus. Do lado daqueles que não herdarão o reino de Deus, Paulo descreve pessoas que são definidas por seus pecados, não de maneira adjetivada, mas substantivada: o impuro, o avarento, o idólatra, o maldizente, o beberrão, o roubador (v.11 NVI). Esses pecados descrevem o que essas pessoas são.

¹⁵⁰ MOURA, 2008, p. 10.

¹⁵¹ WHITE, J.; BLUE, K. **Restaurando o ferido**: a necessidade do amor na disciplina da igreja. São Paulo: Editora Vida, 1985, p. 98, 99.

¹⁵² DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. 7 v. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2014. v. 6. p. 761.

Em síntese, Paulo solicita a remoção do homem impuro porque a característica dele é a ausência de arrependimento, falta de mudança de vida, de conversão, de uma entrega genuína, pois o pecado deste homem nem mesmo entre os *pagãos* era praticado.¹⁵³ Para Paulo, o “problema não é só o pecado, mas o pecado não confessado, não reconhecido e não tratado”.¹⁵⁴ Pois, como povo de Deus, devemos viver à altura do cristianismo apresentado no evangelho de Cristo, temos que refletir no mundo a luz de Cristo. A remoção é uma atitude drástica para censurar o estado de rejeição à restauração na vida do membro faltoso, para que esse venha a reconhecer o seu pecado.

3.3. A Disciplina Eclesiástica em 2 Coríntios 2.5-11

Esta segunda carta de Paulo aos coríntios é de cunho mais pessoal, espelha suas lutas e aflições mais profundas. Um dos assuntos tratados nesta epístola é a descrição de uma pessoa que pecou, foi censurada eclesiasticamente, mas fora abandonada pela comunidade eclesial. Uma situação muito diferente daquela registrada em sua primeira carta, como foi apresentado na seção anterior.

Esse membro infrator é identificado no comentário expositivo de Hernandes D. Lopes como sendo o homem incestuoso de (1Co 5.1), que liderou a oposição a Paulo em sua segunda visita a Corinto¹⁵⁵. A respeito disso, Barclay afirma que “quando Paulo visitou Corinto houve um líder da oposição. A breve e desventurada visita fora envenenada pela atividade de um homem. Este evidentemente insultou pessoalmente a Paulo (...)”¹⁵⁶.

Ao narrar a situação para igreja de Corinto, Paulo não fornece informações adicionais, considerando que a situação fosse de conhecimento geral da membresia. Como afirma Wiersbe “Paulo não menciona o nome do homem”¹⁵⁷. Ele escreve o relato de maneira pontual e objetiva, evitando expor o membro faltoso. Mas existem semelhanças entre as duas narrativas - o homem incestuoso (1Co 5) e o homem

¹⁵³ LEEMAN, 2016, pp. 64, 65, 66.

¹⁵⁴ LOPES, Agustus Nicodemus. Corinto – Uma Igreja com Problemas de Disciplina: Uma Análise de 1 Coríntios 5. 2019. Disponível: https://thirdmill.org/files/portuguese/84988~9_18_01_3-36-43_PM~Corinto.html. Acesso em: 22 mai. 2019.

¹⁵⁵ LOPES, Hernandes Dias. **2 Coríntios**: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades. São Paulo: Editora Hagnos, 2010. p. 45.

¹⁵⁶ BARCLAY, William. **2 Coríntios**. Trad. Carlos Biagini. p. 28. Disponível em: <http://www.iprichmond.com/2corintios>. Acesso em: 05 mai. 2019.

¹⁵⁷ WIESBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo Novo Testamento 1**, Santo André: Editora Geográfica, 2006, p. 830, (v.5).

ofensor de Paulo (2 Co 2), que são pontuadas pelo comentarista Kistemaker. Esse autor afirma que: “Mesmo que sejam marcantes as semelhanças, não temos nenhuma prova de que as duas pessoas sejam o mesmo indivíduo. E, por outro lado, não há prova que torne impossível essa identificação”¹⁵⁸. Na sequência apresento em resumo as semelhanças entre as duas narrativas apresentadas por Kistemaker, na forma de uma tabela:

Tabela 4: Semelhanças entre os Relatos de 1 Coríntios 5 e 2 Coríntios 2.5-11¹⁵⁹

Semelhanças entre os Relatos		
	Homem Incestuoso (1Co 5)	Homem ofensor de Paulo (2 Co 2)
01	Um único membro faltoso (v.1)	Um único membro faltoso (v.5)
02	Igreja, tem motivos para ficar triste diante do erro do membro infrator (v.2)	Igreja, tem motivos para ficar triste diante do erro do membro infrator (v.5)
03	Paulo exige que o membro infrator seja disciplinado pela igreja (v.5, 13)	A maioria da congregação satisfaz ao pedido de Paulo e disciplina o membro infrator (v.6)
04	Paulo prescreve a remoção, mas abre a possibilidade de uma futura restauração (v.5)	Paulo exorta que os membros da igreja estendam àquele que pecou o perdão (v.7-9)
05	Paulo se refere ao poder e nome de Jesus, e age como representante de Jesus (v.4)	Paulo menciona a presença de Cristo, e age como representante de Jesus (v.10)
06	Homem incestuoso entregue a Satanás, para que a natureza pecaminosa seja destruída (v.5)	Satanás não deve ter vantagens sobre o homem ofensor, a comunidade de fé deve restaurá-lo, mediante o perdão. (v.11)

A narrativa desta história ressalta que a falta daquele homem afetou não só a Paulo, mas a toda congregação. Os membros da igreja sofreram com a atitude daquele membro que “causou tristeza, [mas] não fez apenas a mim” (v.5). Sobre isso, Kistemaker declara: “Pecados morais não se restringem às pessoas imediatamente envolvidas, mas geralmente afetam todo o grupo de membros da igreja”.¹⁶⁰ Como analisa Fritz Rienecker, os efeitos negativos do pecado ainda podiam ser sentidos pela congregação ao afirmar que a “dor continua a ser sentida”¹⁶¹.

¹⁵⁸ KISTEMAKER, J. Simon. **Comentário do Novo Testamento: Exposição da Segunda Epístola de Coríntios**. Cambuci: Editora Cultura Cristã, 2003. p.121.

¹⁵⁹ KISTEMAKER, 2013, p. 120 -121.

¹⁶⁰ KISTEMAKER, 2013, p. 112.

¹⁶¹ RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 337.

O texto bíblico registra o fato de que, diante do pecado do membro infrator, a comunidade reuniu-se e aplicou a disciplina - uma "(...) *punição pela maioria*" (v.6). Seguindo, assim, o modelo de (Mt 18.15-17), onde, depois de um trabalho pastoral, a questão é conduzida à igreja para que ela possa resolver a questão do conflito, com base na posição da maioria dos membros presentes. Pois "a disciplina é uma punição que traz cura. A disciplina é o remédio amargo que traz alívio para a igreja e restauração para o faltoso".¹⁶²

De acordo com o apóstolo dos gentios, a disciplina aplicada cumprira o seu propósito na vida do membro infrator, levando-o à confissão e arrependimento, pois a ausência de perdão e aceitação por parte da congregação local estava levando o membro infrator a ser "consumido por excessiva tristeza" (v.7). A palavra "consumido" - *katapino*, tem o sentido de "devorar, devorar completamente"¹⁶³, mas Paulo exorta esta comunidade para que:

Diante da atitude penitente e arrependimento, o irmão disciplinado merecia nova chance. Por isso, Paulo roga aos irmãos de Corinto: "Que confirmeis para com ele o vosso amor" (2:8). E, em assim fazendo, não permitiriam que Satanás o alcançasse vantagem sobre a igreja (2:11). [...] A frouxidão embala o membro com uma falsa segurança quanto à sua salvação, enquanto o zelo farisaico impede o retorno do irmão arrependido.¹⁶⁴

"A restauração de um pecador deve ser uma atitude de toda a igreja na presença de Cristo"¹⁶⁵, pois o objetivo da disciplina é conduzir o pecador novamente ao aprisco do Bom Pastor, é resgatar a ovelha perdida, é trazê-lo de volta ao convívio da comunidade de fé. Por isso, Paulo confirma que todo o processo disciplinar é realizado na presença de Cristo e sob a autoridade de Cristo, ou como o texto bíblico descreve, o "fiz na presença de Cristo" (v.10).

Paulo atribui à ação disciplinar realizado pela igreja em conjunto, não só por tal ação coletiva gerar maturidade coletiva, mas também por ser o único tipo de ação eclesial genuinamente potente. Somente se a igreja como corpo fizer os ofensores sentirem o aguilhão do opróbrio e a vergonha de um repúdio firme, porém feito em amor, a medida se provará eficaz.¹⁶⁶

¹⁶² LOPES, 2010, p. 46.

¹⁶³ RIENECHER; ROGERS, 1985, p. 337.

¹⁶⁴ MOURA, 2008, p. 10.

¹⁶⁵ LOPES, 2010, p. 48.

¹⁶⁶ CARSON, D. A. **Um Modelo de Maturidade Cristã**: Exposição de 2 Coríntios 10-13. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 64.

Quando Paulo exorta a igreja de Corinto para que perdoe o ofensor, declara que já havia perdoado o homem que lhe causou tristeza, a ele se referindo, então, como “o que tenho perdoado”(v.10). Como afirma Kistemaker:

O tempo do verbo perdoar indica que Paulo já tratou desse assunto antes de escrever essa epístola. Ele colocou em primeiro lugar a igreja, e a si mesmo em segundo, com respeito à ofensa cometida. Paulo mostra um espírito magnânimo de amor para com o ofensor ao absolvê-lo de culpa. Paulo se dispõe a avaliar a afronta como insignificante quando diz: ‘se de fato tive de perdoar alguma coisa’.[...] ele se pôs acima da afronta do ofensor e já duvidava de que tivesse algo que precisasse perdoar. ¹⁶⁷

Paulo conclui o assunto de maneira incisiva afirmando que tudo isso seria para que “Satanás não alcance vantagem sobre nós” (v.11), a igreja. Pois a expressão grega “tirar vantagem de” – *pleonekteo*, era usada para descrever uma pessoa arrogante que deseja tirar vantagem sobre alguém mediante meios desonestos.¹⁶⁸ Os ressentimentos são aproveitados como vantagens por Satanás para destruir a vida espiritual da igreja. Ele tira vantagens de erros e pecados não perdoados e não resolvidos, enganando o povo. Essa é a dinâmica utilizada por nosso arqu-inimigo para intimidar o trabalho de Cristo em sua igreja na terra. Produzindo divisões e inimizades, Satanás consegue bloquear o avanço da Igreja e do reino de Cristo.¹⁶⁹ Calvino orienta a igreja corretamente ao explicar que:

Não existe nada mais perigoso do que dar a Satanás uma chance de reduzir um pecador a extremo desespero. Sempre que deixamos de consolar aqueles que são movidos a uma sincera confissão de seu pecado, nós favorecemos o próprio Satanás¹⁷⁰.

3.4. A Disciplina Eclesiástica em Gálatas 6.1

Paulo foi um plantador de igrejas. Mesmo depois de abrir uma igreja e seguir para uma nova região, continuava pastoreando suas congregações mediante suas cartas. Assim aconteceu com as igrejas da região da Galácia, na Ásia Menor.

Na epístola aos Gálatas, Paulo aborda a questão da divisão social e racial entre os cristãos. Os primeiros cristãos eram judeus e, à medida que outras comunidades gentílicas passaram a crer em Jesus, era lhes ensinado que os gentios

¹⁶⁷ KISTEMAKER, 2013, p.116.

¹⁶⁸ RIENECHER; ROGERS, 1985, p. 338.

¹⁶⁹ KISTEMAKER, 2013, p.116

¹⁷⁰ CALVINO, João. **2 Coríntios- Série Comentários Bíblicos**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2008. p. 67.

precisavam observar as leis judaicas para serem plenamente aceitos por Deus. Esse evangelho com tom judaizante estava criando atritos para a nova comunidade de crentes na Galácia.

Paulo claramente “ficou furioso com os defensores do ultrapassado sistema judaico, que empregavam táticas religiosas para intimidar os cristãos e obrigá-los a desistir da vida livre em Jesus. Mas ele também estava furioso com os cristãos, por terem cedido à intimidação”.¹⁷¹

O livro de Gálatas declara que todas as promessas feitas a Abraão devem ser aceitas à luz de Cristo, que morreu pelos pecados do mundo inteiro, em vez de uma visão centrada em Israel. A visão do cristianismo despertou muita oposição diante dos judeus convertidos a Cristo. “Paulo lutou contra o ‘outro evangelho’ de maneira enérgica e sem pedir desculpas a ninguém, pois abrir mão do verdadeiro evangelho é abandonar e perder o próprio Cristo (1.6)”¹⁷².

O livro de Gálatas apresenta um cristianismo que modifica a maneira como construímos nossos relacionamentos, transforma a visão que temos do outro e de nós mesmos. O evangelho faz com que crentes em Cristo consigam se encorajar na vida cristã olhando para o outro com responsabilidade fraterna¹⁷³.

Paulo encerra o corpo principal de sua carta com uma série de sete imperativos¹⁷⁴ sobre a vida cristã. Essas orientações podem ser nomeadas como “uma elaboração do caminhar-no-Espírito”¹⁷⁵. O primeiro imperativo paulino descreve como devemos restaurar os caídos. Paulo afirma: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1).

O texto inicia com as palavras: “*Irmãos, se alguém for surpreendido*” (v. 1). Paulo usa a expressão “irmãos” pois deseja encorajar que os relacionamentos dentro da comunidade eclesial sejam regidos pelo amor fraterno. Pois, geralmente, diante do membro infrator, agimos com superioridade orgulhosa, que nos leva a

¹⁷¹ PETERSON, 2011, p. 1653.

¹⁷² KELLER, Timothy. **Gálatas para você**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 11.

¹⁷³ KELLER, 2015, p. 174.

¹⁷⁴ Os Sete imperativos paulinos em Gl 6 são: 1) Restaurar os caídos (v.1), 2) Levar as cargas uns dos outros (v.2), 3) Evitar o hábito de censurar (v.3-5), 4) Repartir com os mestres (v.6), 5) Parar de enganar a si mesmos (v.7 e 8), 6) Não se cansar (V. 9), 7) Fazer o bem a todos os homens (v.10); conforme divisão elaborada por: ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman, Novo Testamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP). 1988. v. 11. p. 151- 153.

¹⁷⁵ ALLEN, Clifton J. (ED.). **Comentário Bíblico Broadman, Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), 2 ed., 1988, p. 151, (v.11).

desprezar essa pessoa e a festejar nossa moralidade. Ou agimos com uma inferioridade orgulhosa que nos leva a invejar a vida pecaminosa, onde corremos o risco de nem apontar o seu fracasso em viver em conformidade com o evangelho.¹⁷⁶ O termo “alguém” não foi traduzido por “irmão”, embora esse alguém “seja presumivelmente um cristão”¹⁷⁷.

O termo “*surpreendido*” (v.1) pode significar: Primeiramente, alguém “apanhado em flagrante”¹⁷⁸, de “surpresa”¹⁷⁹, alguém que não estava vivendo em “desobediência deliberada”¹⁸⁰, alguém que é pego em pecado sem saber que estava em pecado. Ou ainda, segundo outros intérpretes, pode remeter à ideia de alguém que foi “apanhado pelo erro ou pelo próprio pecado de modo a cair repentinamente, sem que estivesse esperando ser envolvido”¹⁸¹. Uma terceira interpretação afirma que a expressão trata de alguém que tem um comportamento pecaminoso arraigado, como diz Keller: “É um hábito de comportamento pecaminoso que a pessoa não será capaz de vencer sem ajuda e sem intervenção externa”.¹⁸²

Assim, uma possível tradução para “*for surpreendido*” (v.1), *prolambano*, pode ser: “surpreender, ser pego antes de poder escapar”¹⁸³. O sentido do termo não determina como esse “alguém” é apanhado em falta – se pelos membros da comunidade, se pelo pecado, ou se foi surpreendido em seu comportamento pecaminoso. Porém, sem importar qual seja o caso, a restauração é ordenada.

A palavra “*falta*” (v.1), do grego *paraptoma*, significa literalmente “pisar fora do caminho”¹⁸⁴ e pode ter sido escolhido por Paulo, porque é apropriado para a vida cristã como um caminhar no Espírito. Champlin faz o seguinte comentário acerca da palavra “*falta*” no texto:

Se um indivíduo qualquer, ao invés de caminhar espiritualmente, vier a cair, deslizando para um dos lados do caminho, nós, por sua vez, não devemos usar de um espírito de censura; pelo contrário, cumpre-nos fazer tudo

¹⁷⁶ KELLER, 2015, p. 174.

¹⁷⁷ GUTHRIE, Donald. **Gálatas, Introdução e Comentário**. São Paulo: Editoras Vida Nova e Mundo Cristão, 2011, p. 183.

¹⁷⁸ HARRISON, Evere F. **Comentário Bíblico Moody – Mateus à Apocalipse**. São Paulo: Editora Batista Regular, v.2, 2010, p. 36.

¹⁷⁹ GUTHRIE, 2011, p. 183.

¹⁸⁰ WIERSBE, 2008, p. 943. (v.5).

¹⁸¹ CHAMPLIN, R.N. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Editora Candeia, 1982. v. 4. p. 514.

¹⁸² KELLER, 2015, p.175.

¹⁸³ REIENECKER; ROGERS, 1985, p. 383.

¹⁸⁴ GUTHRIE, 2011, p. 183.

quanto estiver ao nosso alcance para ajudá-lo, para recolocar-lhe os pés na vereda correta, para enconrajá-lo a caminhar novamente.¹⁸⁵

A expressão “*vós, que sois espirituais*” (v.1) é uma referência à distinção entre os que são guiados pelo Espírito e os que não são conduzidos por ele. Não se refere a uma classe especial de crentes. É algo que é esperado por todos aqueles que são guiados pelo Espírito Santo.¹⁸⁶ Aqueles que são conduzidos pelo Espírito Santo não “deveriam tomar a atitude arrogante em relação ao irmão que tinha caído (...). Não deveriam desanimá-lo nem induzi-lo mediante críticas ou censuras”¹⁸⁷

A palavra “*corrigi-o*” (v1), do grego *katartidzo*, significa “restaurar e corrigir. É usado especialmente como um termo cirúrgico, no sentido de colocar um osso ou uma junta em posição correta”¹⁸⁸. O termo não põe a ênfase no castigo, mas na cura. A correção não deve ser entendida como tristeza, mas sim como restauração¹⁸⁹. O objetivo é o de corrigir o irmão em falta, mesmo que doloroso, e de incentivar a mudança de vida e de coração.

A expressão “*com espírito de brandura*” (v.1) é referência a uma atitude contrária ao espírito de censura ou reprovação. Paulo faz alusão aqui a uma vida cheia do Espírito Santo e que reproduz, em sua atitude para com o pecador, a “*brandura*”, o “*amor*” que é fruto do Espírito Santo (Gl.5.23). Como afirma Champlin: “Esses crentes serão suficientemente ‘espirituais’ para se dedicarem a esse trabalho de restauração”.¹⁹⁰ Para reforçar a posição paulina, a escritora White faz a seguinte afirmação:

Frequentemente tem-se de dizer claramente a verdade e os fatos aos que erram, a fim de os levar a verem e sentirem o erro, para que se reformem. Mas isso deve ser feito sempre com piedosa delicadeza, não com aspereza ou severidade; deve-se considerar a própria fraqueza, para que a pessoa não seja ela própria tentada também. Quando a pessoa em falta vê e reconhece seu erro, então, em vez de entristecê-la e fazer com que o sinta mais profundamente, deve-se dar conforto.¹⁹¹

¹⁸⁵ CHAMPLIN, 1982, p. 514, (v.6).

¹⁸⁶ GUTHRIE, 2011, p. 183.

¹⁸⁷ DORNELES, 2014, p.1090, (v.6).

¹⁸⁸ REIENECKER; ROGERS, 1985, p. 383.

¹⁸⁹ BARCLAY, William. **Gálatas e Efésios**. Trad. Carlos Biagini. p. 57. Disponível em: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Galatas_Barclay.pdf>. Acesso: 13 mai. 2019.

¹⁹⁰ CHAMPLIN, 1982, p. 514, (v.6).

¹⁹¹ WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. v. 3. p. 93.

O termo “*guarda-te*” (v.1), do grego *skopeō*, significa “uma consideração firme, como contemplar o alvo antes de dar um tiro”¹⁹². Paulo destaca que não podemos restaurar os outros sem fazer uma autoanálise. Pois todos que desejam restaurar o seu próximo do lamaçal do pecado devem ter certeza que têm os pés bem alicerçados em terra firme. Keller exemplifica bem essa atitude ao afirmar que:

Paulo diz que essa gentileza só lhe sobrevirá se você cuidar de si mesmo, para não ser tentado também (v.1). Um conselho difícil, mas prático. Não conseguiremos ser encantadores ao confrontar alguém se nos consideramos incapazes de pecado similar ou igual. Se nos sentimos acima da pessoa, nosso ar de superioridade ficará evidente e acabaremos destruindo, em vez de restaurar.¹⁹³

No que diz respeito à expressão “*para que não sejas também tentado*” (v.1), vale destacar que o verbo grego *peiradzo* é usado de duas maneiras no Novo Testamento: 1) A tentação pode ocorrer em condições de surpresa, em que a pessoa tem pouco domínio sobre a tentação ou 2) A pessoa é responsável por estar na condição de tentado por se colocar no terreno do Inimigo.

Isso revela para nós que todos estamos sujeitos à tentação e que devemos cuidar para não cair em pecado.¹⁹⁴ E mais, devemos compreender também que, diante da obra de restaurar um pecador de seu caminho, nossa atitude nunca deve ser de aspereza ou orgulho, pois todos nós estamos sujeitos às mesmas circunstâncias e devemos cuidar para não cair em tentação.

Ao concluir o estudo desta passagem, encerro com o pensamento da escritora White que afirma:

Cristo nos ordenou restaurar os que são espiritualmente fracos, e nos torna responsáveis se, por nossa conduta, forem levados ao desânimo, desespero e ruína. A menos que cultivemos diariamente a preciosa planta do amor, correremos o risco de tornar-nos egoístas, apáticos, pessimistas e críticos, tendo-nos na conta de justos, quando estamos longe de ser aceitos aos olhos de Deus. Alguns são indelicados, rípidos e severos. São como as cascas ouriçadas das castanhas, ferem ao mais leve toque, e causam dano incalculável porque representam mal nosso amoroso Salvador.¹⁹⁵

¹⁹² GUTHRIE, 2011, p. 184.

¹⁹³ KELLER, 2015, p. 175, 176.

¹⁹⁴ HOWARD, R. E. et al. **Comentário Bíblico Beacon: Gálatas a Filemon**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006. v.9. p. 80.

¹⁹⁵ WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b. v.5. p. 605.

3.5. A Disciplina Eclesiástica em 2 Tessalonicenses 3.6-15

As epístolas de 1 e 2 Tessalonicenses foram escritas por três autores: Paulo, Silvano e Timóteo (1Ts 1.1 e 2Ts 1.1). Paulo, todavia, é o autor principal destas cartas destinada à igreja de Tessalônica.¹⁹⁶ O escritor William Barclay faz uma descrição da importância dessa cidade para a geografia local, alertando para o fato de que, se o evangelho tivesse êxito em Tessalônica, estaria também destinado a conquistar toda a província da Macedônia, sendo, portanto, importante para o crescimento do cristianismo.

Seu nome original era Thermai, que significa "fontes quentes", dando nome ao golfo onde se encontrava. Seiscentos anos antes Heródoto a descrevia como uma grande cidade. Tinha sido sempre um porto famoso. Aqui Xerxes o persa estabeleceu sua base naval ao invadir a Europa, e até na época dos romanos era um dos arsenais maiores do mundo. Em 315 antes de Cristo Cassandro reedificou a cidade e lhe pôs o novo nome de Tessalônica, nome de sua mulher, filha de Filipe da Macedônia e meio-irmã de Alexandre Magno. Era uma cidade livre. Isto significa que jamais tinha sofrido a afronta de aquartelar entre seus muros tropas romanas. Tinha sua própria assembleia popular e seus próprios magistrados. Sua população se elevava a 200.000 habitantes, e durante um tempo rivalizou com Constantinopla como candidata a capital do mundo.¹⁹⁷

Depois de alguns dias evangelizando Tessalônica, Paulo precisou deixar o local sob um clima de perseguição e ficou preocupado com o futuro da congregação. Posteriormente, diante de um pequeno relatório feito por Timóteo a respeito de alguns problemas na nova comunidade religiosa, o apóstolo escreve as duas epístolas. Em 1 Tessalonicenses, a ênfase está no fato de que os cristãos corriam o risco de perder a esperança na segunda vinda de Cristo. Em 2 Tessalonicenses, Paulo descreve a maneira como os cristãos deveriam viver no intervalo de tempo entre aquela época e a segunda vinda de Cristo. No Capítulo 1, ele ensina que os ímpios sentirão a ira do Senhor na Segunda Vinda. No capítulo 2, Paulo corrige a falsa ideia de que a Segunda Vinda já havia ocorrido. Também profetiza que ocorrerá uma apostasia antes da volta do Senhor e incentiva os tessalonicenses a

¹⁹⁶ **Bíblia de Estudos Andrews**, 2015, p. 1564.

¹⁹⁷ **Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses**. Trad. Carlos Biagini. Disponível: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/2Tessalonicenses_Barclay.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2019. p.11.

permanecerem fiéis. No capítulo 3, aconselha os membros da Igreja a trabalharem para prover suas necessidades temporais e a não se cansarem de fazer o bem.¹⁹⁸

O texto de nossa análise (2Ts 3.5-15) consiste nas observações finais de Paulo àquela comunidade religiosa. Nesse ponto encontramos uma das principais razões pela qual a epístola foi escrita - corrigir a situação de ociosidade de alguns membros que tiravam proveito do ensinamento apostólico sobre o retorno de Cristo. Alguns julgavam ser breve o retorno de Cristo e outros salientavam que a vinda de Cristo já havia ocorrido, isso servia como motivo para sua indolência.¹⁹⁹ De acordo com a escritora Ellen White, os membros da congregação de Tessalônica compreenderam que Paulo “havia expressado a esperança de que ele próprio estaria vivo para testemunhar o advento do Salvador”²⁰⁰. A segunda carta procurou corrigir essa má interpretação.

Logo no início da advertência paulina encontramos a expressão “que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente” (v.6) . Alguns membros da igreja viviam desordenadamente, eram pessoas ociosas que não se preocupavam em trabalhar para conseguir seu sustento, viviam às custas da comunidade eclesial. Essa preguiça tinha duas motivações: 1) os mais privilegiados com recursos acreditavam que tinham obrigação de ajudar os mais pobres e 2) a atitude de negligência ao trabalho por parte de um grupo devido à crença na iminente da volta de Cristo. Veja a maneira como I. Howard Marshall sintetiza essas motivações:

Os membros mais ricos da igreja sentiam uma obrigação de ajudar os pobres, talvez especialmente nas refeições comunitárias onde a Ceia do Senhor era celebrada como parte de uma refeição mais completa. É possível, também, que tenha havido distribuição aos pobres da mesma maneira que nos primeiros tempos da igreja em Jerusalém (At 2.44-45;4.32 – 4.11; 6.1-6). Torna-se, então, provável que alguns membros da igreja estivessem aproveitando indevidamente a generosidade dos outros e que não estavam procurando sustentar a si mesmos. Essa indisposição para o trabalho pode ter sido encorajada pela crença de que a *parusia* estava próxima, de modo que não havia necessidade de ter provisões para o futuro.²⁰¹

Ao ser informado dessa situação, Paulo teve que tomar uma decisão enérgica. Já em 1Tessalonicenses advertiu os preguiçosos (4.11 e 5.14). Mas

¹⁹⁸ LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses: Como se preparar para a segunda vinda de Cristo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2009. p. 25, 26.

¹⁹⁹ CHAMPLIN, 1982, p. 258. (v. 5).

²⁰⁰ WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994, p. 264.

²⁰¹ MARSHALL, I. Howard. **1 e 2 Tessalonicenses: Introdução e Comentário**. São Paulo: Editora Vida Nova e Mundo Cristão, 1984. p. 255.

parece que os seus conselhos não foram seguidos. Agora, em 2 Tessalonicenses, Paulo volta com mais vigor a exortar aqueles que andam desordenadamente. Como afirma Arnold E. Airhart: “A igreja é uma comunidade social que arca com a responsabilidade pela conduta de seus membros. Ela não pode ficar indiferente a estes irmãos desordeiros”.²⁰²

Em virtude da ociosidade de um grupo de membros da igreja de Tessalônica, o apóstolo ensina, pelo exemplo, que o trabalho é algo que dignifica o ser humano. Ele e seus companheiros “jamais come[ram] pão à custa de outrem” (v.8). Paulo não viveu preguiçosamente, mas trabalhou duramente para sustentar-se.

Contudo, Paulo não queria usar sua autoridade para exigir pagamento. Pelo contrário, ele queria ser um exemplo (...). O fato de que ele trabalhava também eliminaria qualquer oportunidade de acusá-lo de ganância. Ele não queria que nada impedisse a propagação do evangelho (1Co 9.12).²⁰³

A expressão “*se alguém não quer trabalhar, também não coma*” (v.10) relembra o fato de que aqueles que imaginavam que o dia do Senhor já havia chegado desprezavam o trabalho por ser uma atividade secular. O resultado foi que esses, depois de terem esgotado suas próprias fontes, começaram a depender dos demais membros. Paulo não fala de pessoas que não podem trabalhar (velhos, doentes, desempregados que não encontram serviço), mas de gente que negligencia o trabalho, por visão distorcida sobre a volta de Cristo. Como afirma I. Howard Marshal:

O texto é uma parte relevante dos ensinamentos bíblicos acerca do assunto, embora deva ser entendido no contexto doutros ensinamentos bíblicos. Logo, deve ser contrabalançado pelo ensino sobre a necessidade de dar ajuda àqueles que necessitam dela. Deve também ser notado que é a falta de vontade de trabalhar, ao invés de uma falta de oportunidade que consta no texto, e isto é de grande importância nas discussões acerca de auxílio aos desempregados.²⁰⁴

Além da ociosidade, este grupo de crentes ainda criava problemas, como Paulo expressa: “*andam desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia*” (v.11). Paulo dá a entender que essas pessoas estavam aparentemente sempre muito ocupadas, mas o que faziam não eram coisas úteis. E

²⁰² HOWARD, R. E. e at., 2006, p. 428. (v.9).

²⁰³ RADMACHER, Earl D., ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **Novo Comentário Bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010. p. 580

²⁰⁴ MARSHALL, 1984, p. 260.

ainda que tais indolentes se intrometiam em assuntos que não lhes diziam respeito. Eles não eram trabalhadores ativos, mas tornaram-se intrometidos ativos. Eles não eram ativos em algo proveitoso, mas ativos em tratar da vida de terceiros.²⁰⁵ F. B. Meyer diz que a “melhor atitude para os que esperam o Senhor não é colar o rosto à vidraça da janela para aguardar a chegada de sua carruagem, mas executar seu trabalho com mãos hábeis e coração consagrado”.²⁰⁶ Ellen White endossa esse pensamento com a seguinte declaração: “Cristão alerta é o cristão que trabalha, buscando zelosamente fazer tudo que está em suas forças para o avançamento do evangelho”²⁰⁷.

Paulo orienta aos membros da congregação: “*não vos associeis com eles (...) mas adverti-o como irmão*” (v.15) e se mesmo assim não mudarem de atitude, para não se associar ou misturar com eles. Wiersbe, afirma que “há uma diferença entre relacionamento social, amizade e comunhão. Tratar cristãos desobedientes com a mesma amizade reservada a cristãos consagrados é o mesmo que aprovar seus pecados”.²⁰⁸ Paulo não quer a remoção desses da comunidade, mas que eles sejam censurados ou disciplinados por suas ações. Paulo não nega aos indolentes a condição de membros da comunidade, pois eles são tratados como “irmãos e não como inimigos” (v.6,16). A Disciplina Eclesiástica tem o objetivo de reconquistar o irmão faltoso. Wiersbe declara:

A disciplina eclesiástica é para o membro da igreja o que a disciplina familiar é para a criança: um exercício e uma prova de amor corretivo. Pais amorosos que disciplinam seus filhos, procurando torna-los uma pessoa melhor, não agem como um juiz sentenciando um criminoso.²⁰⁹

3.6. A Disciplina Eclesiástica em 1 Timóteo 5.19-20

A carta de 1 Timóteo é de autoria de Paulo e foi enviada ao jovem amigo de ministério Timóteo com o propósito de dar orientações sobre como administrar as igrejas em Éfeso e minimizar os ensinamentos dos falsos mestres que circulavam por aquela região. Todavia, grande parte do que o apóstolo escreve consiste em

²⁰⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon**. São Paulo: Editora Cultura, 1998. p. 296.

²⁰⁶ MEYER, F.B. **Comentário Bíblico Devocional Novo Testamento**. Venda Nova: Editora Betânia, 1992. p. 236.

²⁰⁷ WHITE, 1994, p. 261.

²⁰⁸ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo Novo Testamento 2**. Santo André: Editora Geográfica, 2006. p. 270, (v. 6).

²⁰⁹ WIERSBE, 2006, p. 269, (v.6).

conselhos apropriados à comunidade cristã de maneira geral²¹⁰. Para destacar o caráter ímpar das epístolas paulinas à Timóteo e Tito, Hernandez Dias Lopes declara:

As cartas pastorais distinguem-se das demais epístolas escritas por Pedro, Tiago e João, ao se caracterizarem como missivas gerais dirigidas a todas as igrejas, enquanto as últimas se destinavam a obreiros individuais. Também diferem das demais cartas escritas por Paulo endereçadas às igrejas específicas da Galácia, Macedônia, Acaia, Ásia Menor e Roma. E se distinguem ainda da epístola a Filemon, uma carta eminentemente pessoal, enquanto as epístolas pastorais remetidas a Timóteo e Tito têm o propósito precípua de orientar esses dois ministros a lidarem corretamente com as diferentes demandas da vida eclesiástica ²¹¹.

O texto de 1Timóteo 5.19-20 consiste em um conjunto muito prático de normas no tocante à Disciplina Eclesiástica que envolva líderes religiosos. O termo “presbítero” (v.19), de acordo com Champlin, refere-se a “um título eclesiástico, indicando um pastor, um dirigente da congregação local”²¹². John N. D. Kelly também considera como sendo uma referência para “detentores de cargos”²¹³. O Comentário Bíblico Adventista apresenta também como uma alusão aos “líderes da congregação local”²¹⁴.

No entanto, Paulo menciona que devemos rejeitar qualquer denúncia contra líderes eclesiásticos sem evidências. Afinal, boatos e impressões não constituem uma base segura para um processo de Disciplina. Temos que levar em consideração que, “aqueles que se acham em posições administrativas, que exercem autoridade sobre outros, se acham sob o foco de suspeita e ataque”²¹⁵.

O texto bíblico declara que uma denúncia só pode ser aceita mediante “depoimentos de duas ou três testemunhas” (v.19). Essa afirmação bíblica segue os princípios básicos da jurisprudência judaica transmitidos por Moisés (Dt 19.15) e usados também por Jesus (Mt 18.16), assim como por Paulo. O famoso teólogo Dietrich Bonhoeffer declara que “o testemunho é necessário [tanto] por causa da constatação dos fatos pecaminosos”.²¹⁶ O comentário Broadman declara: “Se a

²¹⁰ **Bíblia de Estudo Andrews**, 2015, p. 1569.

²¹¹ LOPES, Hernandez Dias. **1 Timóteo: O pastor, sua vida e sua obra**. São Paulo: Editora Hagnos. 2014. p. 12.

²¹² CHAMPLIN, 1982, p. 337. (v.5).

²¹³ KELLER, John Norman Davidson. **1 e 2 Timóteo e Tito, Introdução e Comentário**. São Paulo: Editoras Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 121. (Série Cultura Bíblica).

²¹⁴ DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia: Filipenses a Apocalipse**. 5 v. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. v. 7. p. 323.

²¹⁵ CHAMPLIN, 1982, p. 339, (v. 5).

²¹⁶ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004. p. 193.

igreja seguisse este princípio rigorosamente, nenhum membro ou ministro jamais se tornaria vítima de um indivíduo vingativo”.²¹⁷ Warren W. Wiersbe contribui com esse pensamento ao fazer a seguinte declaração:

É triste quando as igrejas desobedecem à Palavra e dão ouvidos a boatos, mentiras e fofocas. Muitos pastores piedosos foram frustrados em sua vida e ministério. ‘Onde há fumaça, há fogo’ pode ser um bom lema para o corpo de bombeiros, mas não se aplica às igrejas. ‘Onde há fumaça, há fogo’ pode significar que a língua de alguém foi ‘posta ela mesma em chamas pelo inferno’ (Tg 3:6).²¹⁸

O apóstolo nos aconselha a agir contra essa maneira imatura e precipitada com os líderes da igreja. Mas afirma que os líderes que “vivem em pecado” (v.20) devem ser disciplinados de maneira enérgica, como comenta Champlin sobre este verso: “Uma vez que saiba que um ancião ou pastor está levando uma vida de pecado, e uma vez que isso tenha sido comprovado na igreja, severa disciplina deve ser aplicada, de acordo com o caso envolvido”.²¹⁹

J.N.D. Kelly explica que a expressão “vivem em pecado” (v.20) pode ser entendida como “os que persistem na prática do mal”.²²⁰ A expressão no grego dá a entender “aqueles que estão vivendo no pecado”.²²¹ Geralmente, nós esperamos que o líder que esteja em falta, por consciência, afaste-se voluntariamente de suas atividades frente à comunidade religiosa. Mas sabemos também que existem aqueles que estão em falta e ao mesmo tempo insistem em permanecer na função da liderança eclesial. Essa situação é prejudicial para o líder - que necessita de um tempo para lidar com sua falta, para tratar de maneira particular a sua situação. Ao mesmo tempo, a comunidade também é prejudicada - quando um líder age de maneira incoerente com os princípios bíblicos adotados por sua comunidade de fé, acarreta desânimo e descrença entre os leigos. Por isso, há necessidade de que a situação seja tratada com rigor.

Se um líder for culpado, deverá de acordo com o texto bíblico ser corrigido “na presença de todos” (v.20). Alguns estudiosos apontam que esta expressão possa significar “diante de toda congregação reunida ou diante da mesa dos presbíteros”.²²² O comentário bíblico Adventista declara: “Ambas as possibilidades

²¹⁷ HOWARD, R. E. et al., 2006, p. 491, (v. 9).

²¹⁸ WIERSBE, 2017, p. 303. (v. 6).

²¹⁹ CHAMPLIN, 1982, p. 340. (v. 5).

²²⁰ KELLY, 1983, p. 121.

²²¹ CHAMPLIN, 1982, p. 340. (v. 5).

²²² KELLY, 1982, p. 121.

podem ser corretas, pois diversos tipos de falhas, desde a simples ineficiência até a flagrante imoralidade, podem ser tratadas de formas distintas”.²²³ Mas John N. D. Kelley afirma de maneira diferente ao declarar que “não ouvimos falar noutra igreja, no entanto, de tais sessões particulares, e o desmascaramento público diante da igreja está muito mais em harmonia com a atmosfera do cristianismo apostólico”.²²⁴

Paulo declara que a ação disciplinar precisa acontecer “para que todos demais temam” (v.20). Em sua visão todos deveriam compreender que o erro de um líder eclesial prejudica a si mesmo e a toda comunidade religiosa. Ao ser submetido à Disciplina Eclesiástica, isso acaba sendo uma advertência para os demais líderes e também membros. Pois, de acordo com Hernandes Dias Lopes, o pecado de um líder é muito mais grave, devido a sua posição, conhecimento e consequências do pecado para a congregação. Vejam o pensamento abaixo:

A vida do líder é a vida de sua liderança, mas os pecados do líder são os mestres do pecado. Os pecados do líder são mais graves, mais hipócritas e mais danosos que os pecados dos demais membros da igreja. São mais graves, porque o líder peca mesmo tendo maior conhecimento. São mais hipócritas porque o líder convoca o povo a viver em santidade e, muitas vezes, pratica o pecado em secreto. E são mais danosos, porque, quando um líder cai, mais pessoas são atingidas.²²⁵

Paulo comunica o princípio de que os pecados de conhecimento público devem ser repreendidos publicamente, para que haja temor, pois a Disciplina visa não apenas a restauração do membro infrator, mas também deveria advertir os outros membros da comunidade cristã a não caírem na mesma falta. A igreja nunca pode comunicar por seus atos ou ausência deles, dar a ideia de que está tolerando o pecado. A escritora Adventista Ellen G. White, ao utilizar o texto em análise, declara que o pecado público deve ser corrigido publicamente para que o crescimento e ensinamento da igreja não sejam prejudicados²²⁶. O teólogo anglicano britânico John R. W. Stott colabora com esse pensamento ao fazer a seguinte declaração:

Uma regra segura é tratar em particular os pecados que não são de conhecimento público, sendo tratados publicamente apenas os de conhecimento público. Não é nem correto nem necessário tornar público o

²²³ DORNELES, 2014, p. 325. (v. 7).

²²⁴ KELLY, 1982, p. 121.

²²⁵ LOPES, 2014, p. 126-127.

²²⁶ WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2005. v.2. p. 15.

que é privado antes que todas as demais possibilidades tenham sido exaustivamente tentadas.²²⁷

3.7. A Disciplina Eclesiástica em Tito 3.9-11

Foi Tito que acompanhou Paulo no importante Concílio em Jerusalém. Naquele momento algumas congregações que estavam sob a influência judaica passaram por crise de identidade em razão da observância, ou não, quanto à prática da circuncisão. No Concílio foram estabelecidas algumas metas para ações missionárias no mundo gentílico (Gl 2.1,3). Tito, cidadão grego e gentio, tornou-se exemplo vivo dos frutos colhidos em função das viagens missionárias do apóstolo Paulo.²²⁸

A epístola é chamada de carta pastoral no Novo Testamento, redigida como um auxílio para o jovem pastor Tito, que enfrentava algumas dificuldades no seu ministério nas diversas congregações da ilha de Creta. Há um consenso entre os especialistas no entendimento de que Paulo, ele mesmo, não pode ser considerado o autor direto. Pelo que tudo aponta, a carta foi escrita por discípulos de Paulo com o propósito de proteger o evangelho contra corrupção herética. Todavia, a teologia de Paulo norteou a redação desta carta.²²⁹

O conteúdo da epístola pastoral descreve: 1) os conselhos de Paulo a Tito sobre a escolha de líderes para as diversas congregações da ilha de Creta (1.5-9); 2) instruções sobre como agir com membros dissidentes e reagir aos falsos ensinamentos (1.10-16; 2.1;3.9-11); 3) o caráter e a conduta dos membros da igreja (2.1-15). O objetivo geral da carta era transmitir uma boa impressão dos cristãos aos cretenses para que também aceitassem o evangelho (2.3-9; 3.1-8).²³⁰

Tito enfrentava dificuldades adicionais em sua atividade ministerial, produzidas por um grupo de falsos mestres que Champlin identifica como sendo “um ataque (...) dos gnósticos”²³¹ aos cristãos de Creta. O Comentário Adventista declara que esses falsos mestres eram “judeus semiconvertidos”²³² que ensinavam mitos, genealogias e a lei, gerando debates inúteis. Já Wiersbe apresenta que “um grupo

²²⁷ STOTT, John R. W. **A Mensagem de 1Timóteo e Tito: A vida da Igreja local, a doutrina e o dever**. São Paulo: ABU Editora, 2004. p. 140.

²²⁸ SIEGLE, Manfredo. **Proclamar Liberdade**, v. 34. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009. p. 47.

²²⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. **Proclamar Liberdade**, v. 4. São Leopoldo, 1979. p. 282.

²³⁰ **Bíblia de Estudo Andrews**, 2015, p. 1582.

²³¹ CHAMPLIN, 1982, p. 442. (v.5).

²³² DORNELES, 2014, p. 378 (v.7).

de falsos mestres tentavam misturar a Lei judaica com o evangelho da graça (Tt 1:10,14), enquanto alguns dos cristãos gentios abusavam da mensagem da graça, transformando-a em licenciosidade (Tt 2:11-15)".²³³

O texto bíblico descreve que o cristão deve evitar “discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não tem utilidade e são fúteis” (3.9). O autor da carta “condena a discussão fútil, sem proveito, sem implicações práticas na vida espiritual. Não podemos perder o foco (...) com conversas inúteis”²³⁴, afirma Hernandes D. Lopes. Este aviso anuncia a seriedade sobre o efeito destruidor de tais ensinamentos e apresenta a Tito a necessidade de que ele estivesse devidamente qualificado para combatê-los. Calvino, ao comentar sobre aquilo que deve ser o foco de nosso ensino, declara:

Ao ensinarmos, temos de levar sempre em consideração a utilidade [do que ensinamos], de modo que tudo o que não contribua para o crescimento na piedade deve ser excluído. Não há dúvida de que os sofistas, ao argumentarem em torno de coisas de nenhum valor, orgulhavam-se delas tão ruidosamente como se realmente fossem de algum valor e valessem a pena saber; Paulo, porém, nada reconhece como útil senão aquilo que contribua para a edificação da fé e de uma vida santa.²³⁵

O termo “evita o homem faccioso” (v.10), do grego *paraiteomai*, significa “evitar, afastar-se de”²³⁶. Paulo não aconselha a remoção do membro faccioso por causa de sua opinião pessoal, a menos que este a imponha em oposição à autoridade eclesiástica devidamente constituída ou que tal opinião seja de cunho imoral.²³⁷ A nossa atitude em relação ao dissidente deve ser o afastamento, a rejeição, não dando atenção à sua ideologia religiosa.

O termo *hairetikos* possui um tom de predileção pessoal, onde o ensino herético é resultado de uma preferência pessoal, de um pensamento apreciado pelo “homem faccioso”. Fritz Reienecker e Cleon Rogers reforçam esse pensamento ao definir o termo *hairetikos* como “tendo o poder da escolha, partido ou seita auto escolhido. A palavra também pode significar ensino herético, heresia, herético”.²³⁸ Tito deveria rejeitar os dissidentes dentro da igreja, aqueles que apreciam criar

²³³ WIERSBE, 2017, p. 337, (v.6).

²³⁴ LOPES, Hernandes Dias. **Tito e Filemom: Doutrina e Vida, um binômio inseparável**. São Paulo: Editora Hagnos, 2009. p. 117.

²³⁵ CALVINO, João. **Pastorais - Série Comentários Bíblico**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009. p. 362.

²³⁶ REIENECKER; ROGERS, 1985, p. 486.

²³⁷ DORNELES, 2014, p. 396. (v.7).

²³⁸ REIENECKER; ROGERS, 1985, p. 486.

partidos e geram discórdia alimentando verdades distorcidas. Nada fere mais uma congregação do que aqueles que se afastam da verdade e vivem gerando conflito.

Assim, o termo *hairetikos* está mais relacionado a uma seita, partido ou escola de pensamento, como é aplicado no livro de Atos ao referir-se aos partidos da era cristã como saduceus, fariseus e cristãos. William Barclay afirma que

o verbo grego *hairein* significa *escolher*, e a palavra grega *hairesis* significa partido, uma escola ou seita. Originalmente a palavra não tinha nenhum significado mau. Uma *hairesis* não era uma heresia; era simplesmente um partido ao qual uma pessoa erige sua opinião privada contra todo ensino, acordo e tradição da Igreja. Um herege é simplesmente uma pessoa que decidiu que está no certo e que todos os outros estão equivocados. A advertência de Paulo dirige-se contra as pessoas que têm feito de suas próprias idéias a prova e medida de toda a verdade.²³⁹

Paulo neste texto declara que o membro faccioso deve ser evitado depois de uma ou duas advertências (v.10). Essa é a maneira de trabalhar com membros que promovem divisões e conflitos. O faccioso geralmente tem uma postura contrária ao evangelho. Se essas opiniões forem toleradas, a divisão se estabelece e a congregação ficará enfraquecida na fé. É dever do líder eclesial advertir com misericórdia o faccioso. Se não houver uma mudança de postura, o passo seguinte é um segundo pedido de cooperação clara. A proposta dessas duas iniciativas é restaurar o membro faltoso. Devem ser dadas ao dissidente evidências razoáveis e conclusivas de que seus pontos de vista são errados. Cada líder deve recordar de que o padrão da doutrina não é a opinião pessoal, mas qualquer decisão sobre posições heréticas deve ser baseada claramente em princípios bíblicos. O comentário Broadman contribui com essa posição ao afirmar que

O costume de usar a **primeira e segunda admoestação** se havia originado no judaísmo. Possivelmente, as advertências eram privadas, e não públicas. Mateus 18:15-17, possivelmente refletindo o mesmo procedimento na situação missionária, prescreve três estágios (1) confrontação em particular, (2) confrontação diante de duas ou três testemunhas e, (3) como último recurso, confrontação pública. A excomunhão ou expulsão ocorria quando não restasse esperança de reconciliação.²⁴⁰

Paulo é muito firme em seu julgamento, pois sabe que precisa proteger a igreja de ensinos falsos. Alertar contra o membro faccioso que ignora a advertência do líder eclesial contra sua atitude herética e conflitante, e persiste em tornar sua

²³⁹ BARCLAY, William. **Tito**. Trad. Carlos Biagini. p. 65. Disponível em: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Tito_Barclay.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

²⁴⁰ ALLEN, 1988, p. 447. (v.11).

posição a norma da verdade cristã, “tal pessoa está pervertida e vive em pecado” (v.11). Pois se um membro dissidente ignora ouvir as advertências de restauração, este mesmo se condena (v.11). Está sobre ele o pecado do orgulho, pois rejeita a oportunidade de restauração oferecida. O Comentário Adventista declara que “a pessoa facciosa não só conhecia a verdade e, por um tempo, a rejeitou em troca de ensinamentos contraditórios, mas também rejeitou as admoestações fraternas dos líderes da igreja”.²⁴¹

3.8. Lições sobre Disciplina Eclesiástica no Novo Testamento

Encontramos no texto grego muitas evidências da Disciplina na comunidade do Novo Testamento. No evangelho de Mateus 18.15-17, o texto descreve a maneira como devemos tratar o irmão faltoso. O conselho é que aqueles que estão em falta precisam ser, primeiramente, aceitos como parte da comunidade de fé; em segundo lugar, perdoados; em terceiro lugar, serem cuidados e pacientemente resgatados e encorajados; e, apenas como última e drástica medida, serem tratados como “gentios e publicanos”, quando devem tornar-se nosso objeto de evangelização.

A análise de 1 Coríntios 5.1-13 sugere que a Disciplina Eclesiástica não foi destinada apenas para os cristãos do primeiro século, mas para crentes de todos os tempos. Hoje temos algumas congregações que se esqueceram da existência da Disciplina na Igreja. Em outro extremo, algumas congregações ou líderes são tão obcecados com a Disciplina, que esquecem o seu papel redentor. A Disciplina precisa ser realizada na Igreja cristã, observando os sentimentos pessoais do membro infrator, sob a liderança do Espírito Santo.

Mediante o estudo de 2 Coríntios 2.5-11, compreendemos que, quando um pecador se arrepende de seu pecado e se submete à Disciplina, devemos dar-lhe outra chance. E mesmo que um membro da nossa congregação não se arrependa e venha a ser removido da igreja, os servos de Deus têm a missão de usar todos os meios possíveis para que esse alcance o arrependimento. Se o infrator se render à influência do Espírito de Deus dando sinais reais do seu arrependimento, por mais grave que tenha sido sua infração, deve merecer o perdão e ser novamente aceito

²⁴¹ DORNELES, 2014, p. 396. (v.7).

pela igreja, pois o objetivo da Disciplina Eclesiástica não é castigar o pecador, mas transformá-lo.

Em Gálatas 6.1, Paulo orienta a tratar com brandura o membro faltoso. Pois o cristão guiado pelo Espírito Santo, ao surpreender um irmão em alguma falta, abordará o infrator com um espírito de mansidão e de amor, enquanto que o crente com espírito legalista irá demonstrar uma atitude de orgulho e de condenação. Pois este finge que jamais seria capaz de cometer tal pecado. Todavia, o cristão guiado pelo Espírito Santo tem consciência de suas próprias fraquezas e se aproxima do “outro” com firmeza, mas com profunda ternura.

O apóstolo Paulo apresenta em 2 Tessalonicenses 3.6-15 a Disciplina como uma ferramenta para prevenir a perda, pois capacita a comunidade eclesial para restaurar aqueles que estão agindo “desordenadamente” (v.6). A igreja precisava proteger-se daqueles membros que estavam em seu meio com opiniões e doutrinas fanáticas e que perturbavam o corpo de Cristo, por isso Paulo insiste com a congregação “que separasse de sua comunhão qualquer pessoa que persistisse em desrespeitar as instruções (...)”²⁴² dadas pelo apóstolo a seus companheiros. Ele ainda destaca que a verdadeira Disciplina consiste na construção de um ambiente amoroso, pois toda advertência deveria ocorrer diante de uma atitude fraterna, “adverti-o como irmão” (v.15).

Paulo descreve em 1 Timóteo 5.19-20 que, diante da falta de um detentor de um cargo eclesiástico, deverá ser denunciado sob acusação de duas ou três testemunhas, para evitar que o líder sofra perjúrio. Que diante da insistência do líder na prática do pecado, ou de que a falta seja de conhecimento público, esse deve ser repreendido diante da congregação, para que a Disciplina Eclesiástica possa ser uma ação pedagógica para a liderança e congregação.

Em Tito 3.9-11, Paulo orienta Tito, os líderes e os membros das diversas congregações da ilha de Creta a evitarem debates, conflitos inúteis, diante de falsos mestres que apresentavam um pseudo-evangelho destituído da graça de Cristo, mas carregado de elementos judaizantes ou de liberalismo defendido pelos gnósticos. Essa tarefa de evitar o faccioso era muito mais do que simplesmente colocá-lo de lado, mas era adverti-lo uma ou duas vezes, com propostas claras para que este retornasse a ter uma fé sadia. Diante de sua recusa, este deveria ser

²⁴² WHITE, 1994, p. 268.

afastado do ambiente da comunidade religiosa, para que a congregação fosse poupada das suas distorções do evangelho. O processo da Disciplina Eclesiástica tem como objetivo advertir o membro do seu pensamento errado, oportunizar o arrependimento, poupar a congregação local de divisões e erros doutrinários. Além disso, devemos evitar qualquer distração que prejudique o nosso grande objetivo que é a evangelização, que é apresentar a graça de Cristo àqueles que ainda desconhecem. Por isso precisamos de uma congregação unida e segura do evangelho que prega, para que esses possam testemunhar desta verdade aos outros.

Diante daquilo que analisamos nos textos sobre Disciplina Eclesiástica do Novo Testamento, destaco, como contribuição prática decorrente desse trabalho investigativo, duas advertências que precisam ser considerados pelos líderes e comunidade eclesial da igreja cristã à qual me vinculo:

Em primeiro lugar, nunca perder de vista a noção de que a prática da Disciplina precisa ser redentora. Para um grande número de pessoas a prática da Disciplina Eclesiástica sugere algo negativo como “castigar e punir”²⁴³. Porém muitos outros entendem a Disciplina “como algo que preserva a igreja”²⁴⁴, relacionada com a tarefa de “ensinar, instruir, educar alguém”.²⁴⁵ No livro *Discipulado*, Dietrich Bonhoeffer afirma:

A disciplina eclesial não visa à criação de uma igreja da perfeição, mas exclusivamente à edificação de uma igreja das pessoas que, de fato, vivem sob a misericórdia perdoadora de Deus. Disciplina eclesial está a serviço da graça preciosa. O pecador dentro da igreja deve ser exortado e punido para não perder a salvação, e para que não haja abuso do Evangelho.²⁴⁶

Rejeitar a Disciplina porque em algum momento ela lhe tenha sido administrada de maneira equivocada é tão injustificável quanto abandonar o ato de adoração com base no fato de que muitas vezes essa é má ministrada. Infelizmente, o abandono da Disciplina pode acarretar resultados mais absurdos do que o seu excesso. “Como ensina um antigo axioma ‘o abuso não justifica o não uso’. Somente por alguns cometerem abusos de autoridade em termos de disciplina, isso não é

²⁴³ MOURA, 2008, p. 8.

²⁴⁴ POIRIER, 2012, p. 218.

²⁴⁵ MOURA, 2018, p. 8.

²⁴⁶ BONHOEFFER, 2016, p. 191.

motivo para que o uso adequado da disciplina não seja colocado em prática”.²⁴⁷ Assim, entende-se, mediante os textos analisados, que praticar a Disciplina é amar o irmão o bastante para livrá-lo da miséria do pecado. Parte-se do pressuposto de que a Disciplina deva ser adotada como representação da misericórdia Divina, que busca trazer de volta ou resgatar o irmão perdido em pecado.

A Disciplina Eclesiástica, quando exercida como descrita no texto bíblico do NT, busca restaurar aqueles que estão feridos ou em pecados. Pois devemos ser zelosos em manter nossos membros, insistentes em buscar a restauração daqueles que estão desviando-se da fé e cuidadosos com aqueles que negligenciam a restauração. Como Igreja de Cristo, devemos disciplinar com lágrimas nos olhos, pois o nosso propósito deve ser sempre a restauração do infrator e nunca a sua punição.

Em segundo lugar, A Disciplina Eclesiástica é um instrumento para o Crescimento da Igreja. A proposta de Deus é que a igreja seja diferente do mundo secular, que seus membros vivam uma vida santa e lutem contra a malignidade do pecado; pois isto consiste em nosso chamado, de “sede santos, porque eu sou santo” (1 Pd.1.16). Leeman afirma que ser membro de uma comunidade cristã “é praticar a fé e o arrependimento que produzem um novo padrão de decisões; é submeter-se a Cristo como Senhor”.²⁴⁸ Pois não esperamos encontrar na igreja um ambiente de perfeição, sem as marcas do pecado; mas desejamos encontrar amplas evidências da graça redentora de Deus na vida de seus membros. Valdeci da Silva Santos afirma que “uma igreja sem disciplina torna-se um empecilho para o avanço do evangelho”.²⁴⁹

Uma congregação que não busca a santidade, uma congregação que permite que os membros errantes continuem em seus pecados sem reprovação, perde sua eficácia diante do evangelismo. Pois uma comunidade cristã marcada por conflitos internos e externos, liderança marcada por ausência de conversão genuína, servirão como barreiras que impedirão o crescimento da igreja. Jorge Lucien Burlandy confirma esse pensamento em sua tese de doutorado sobre Disciplina Eclesiástica ao afirmar:

²⁴⁷ POIRIER, 2012, p. 215.

²⁴⁸ LEEMAN, 2016, p. 135.

²⁴⁹ SANTOS, 1998, p.153.

Uma igreja com membros bem nutridos, equipados interiormente, disciplinados e consagrados, terá a bênção de Deus não só para manter os membros que formam a congregação, mas também para conquistar outros. A existência de membros não consagrados afastará possíveis interessados no evangelho. A presença constante de membros que não representem bem a verdade como ela é em Cristo, é uma fonte de desestímulo para os demais, bem como uma razão para que outros de fora não se interessem e não se sintam atraídos pelo evangelho.²⁵⁰

Existe uma relação muito íntima entre Disciplina Eclesiástica, evangelismo e crescimento da igreja. Uma comunidade eclesial indisciplinada prejudica o evangelismo, por isso Burlandy declara que dentro de uma “igreja deve haver espaço simultâneo tanto para o evangelismo como para a Disciplina Eclesiástica, um sustenta o outro”,²⁵¹ gerando um crescimento qualitativo e quantitativo. Portanto, como afirma Shedd,

a disciplina bíblica deve favorecer o crescimento da igreja, uma vez que cria o clima e prepara o solo de tal maneira que o crescimento surge espontaneamente. Quando existe um ambiente de aceitação e apoio mútuo, os membros integram-se na igreja e são leais à comunidade e seu Senhor.²⁵²

Essas são algumas razões que observei diante dos estudos realizados dentro deste quadro sobre Disciplina Eclesiástica no Novo Testamento, que me ajudaram a compreender o papel da Disciplina dentro da minha comunidade religiosa.

²⁵⁰ BURLANDY, 2012, p. 123.

²⁵¹ BURLANDY, 2012, p. 125.

²⁵² SHEDD, 2013, p. 16.

4. DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À DISCIPLINA ECLESIASTICA

A comunidade eclesial tem encontrado, especialmente em nossos dias, alguns desafios que dificultam a prática da Disciplina Eclesiástica. Neste último capítulo, esforço-me em pontuar algumas das principais características do modo de vida contemporâneo, identificado como pós-moderno, considerando, principalmente, seus efeitos sobre o exercício da Disciplina entre os cristãos. E, por fim, apresento uma proposta de ação que poderia atenuar tais efeitos: a aplicação do chamado Discipulado Cristão nas igrejas de nossa comunidade, com vistas ao exercício da Disciplina como prática pedagógica e não apenas corretiva.

4.1. A Pós-Modernidade

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “o pós-modernismo não representa (...) uma teoria coerente e unificada, mas um conjunto variado de perspectivas, abrangendo uma diversidade de campos intelectuais, políticos, estéticos, epistemológicos”.²⁵³

Embora não nos seja possível sumariamente apresentarmos uma definição do que seja a pós-modernidade, pretendo colocar em diálogo, nesta seção, um conjunto de pensadores que procuraram demarcar, mesmo que minimamente, o modo de vida contemporâneo.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman tratou de explicitar em diversos livros as diferentes características daquilo que denominou como a *modernidade líquida*. Por meio da metáfora da liquidez, chamou nossa atenção para os efeitos da passagem, durante o século XIX, de uma fase “sólida” da modernidade para uma fase “líquida”.

Segundo ele, trata-se de um período onde “as **organizações sociais** (...) se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que se leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam”.²⁵⁴ Na pós-modernidade, “a

²⁵³ SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015. p. 111.

²⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 7.

‘**comunidade**’, como uma forma de se referir à totalidade da população que habita um território soberano do Estado, parece cada vez mais destituída de substância”.²⁵⁵

Tal aspecto é especialmente importante nesta pesquisa, uma vez que instituições e comunidades assumem na modernidade²⁵⁶ o papel de estabelecer padrões de comportamento. Mas, se agora, como Bauman comenta, que “vivemos em um tempo mutante no qual as referências – institucionais ou não – que oferecem modelos de conduta estão em fluxo permanente e completamente desreguladas”²⁵⁷, não devemos nos surpreender então, que, em um cenário desses, prevaleça a insegurança sobre o destino individual, uma vez que as receitas de vida parecem extinguirem-se, ou de modo ambivalente, se multiplicarem (por meio de especialistas) a tal ponto de não termos mais certeza sob qual delas devemos basear nossas decisões. Nas palavras de Bauman, nesse tempo,

os riscos envolvidos em cada escolha podem ser produzidos por forças que transcendem a compreensão e a capacidade de ação do indivíduo, mas é destino e dever deste pagar o seu preço, pois **não há receitas endossadas** que, caso fossem adequadamente aprendidas e diligentemente seguidas, poderiam permitir que erros fossem evitados, ou que pudessem ser, em caso de fracasso, consideradas responsáveis. **A virtude que se proclama servir melhor aos interesses do indivíduo não é a conformidade às regras (as quais, em todo caso, são poucas e contraditórias), mas a flexibilidade: a prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento - e buscar oportunidades mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências.**²⁵⁸ (grifos meus)

Ou dito de outro modo, na ausência de referências e na multiplicação de modelos de vida na qual estamos inseridos, parece faltar espaço para “a conformidade às regras” sob a qual se assenta, por princípio, a Disciplina Eclesiástica, pois a pós-modernidade trouxe consigo a desagregação institucional e o abandono das metanarrativas e das tradições por parte das pessoas.

²⁵⁵ BAUMAN, 2007, p. 8.

²⁵⁶ Entende-se por modernidade o momento histórico caracterizado pela antitradição, pela derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, pela saída dos particularismos e entrada no universalismo, ou ainda pela entrada na idade da razão. Como afirma Habermas, “o conceito de modernização refere-se a um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo: à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas etc.” (HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 5).

²⁵⁷ ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p. 32.

²⁵⁸ BAUMAN, 2007, p. 10.

Na pós-modernidade não existe mais uma verdade que julga aquilo que é legítimo ou não, as narrativas que estavam ancoradas no discurso científico já não podem mais ser consideradas suficientes para explicar e justificar os fenômenos sociais ao mostrarem-se falhas em garantir o bem-estar social. Essas metanarrativas²⁵⁹ estavam ligadas à crença de que, por meio do conhecimento racional, seria capaz de explicar o universo por meio de uma única teoria; narrativas essas que emancipariam, gerariam a libertação de todo e qualquer infortúnio e absolveria toda a humanidade.²⁶⁰

Todas as vastas e maravilhosas afirmações acerca da verdade, do sentido da vida e da existência humana são rejeitadas como metanarrativas por serem opressivas, universais e, por isso, devem ser ignoradas. Sendo que o leitor é quem estabelece o significado do texto, e nenhum controle limita o significado da leitura; pois o texto precisa ser reconstruído como palavra livre. A autoridade do texto é negada em nome da libertação, e as interpretações diversas são celebradas como autenticidade. Desta maneira, a verdade é elaborada e não descoberta, assim o indivíduo pode construir uma estrutura pessoal de espiritualidade, livre de interferências ou autorização externas.²⁶¹

Na obra intitulada *Condição pós-moderna*, o filósofo francês Jean-François Lyotard realiza uma análise acerca do modo como o saber científico foi atingido pela incredulidade pós-moderna. O autor esclarece que a sociedade informatizada e as transformações tecnológicas alteram o modo como a investigação e a transmissão do conhecimento se dão. Em especial, tornam possível o questionamento a dados e resultados obtidos pelas pesquisas, por exemplo. E destaca que “a natureza do saber não sai intacta nesta transformação geral”.²⁶² Ora, se até mesmo a razão

²⁵⁹“As metanarrativas podem ser compreendidas como explicações gerais, amplas e universalizantes sobre o mundo e a sociedade na qual vivemos. Os ideais e princípios da modernidade alicerçam-se em narrativas mestras (...) [Mas a pós-modernidade rejeita as metanarrativas, e abre espaço para] nos fazer pensar no contraste que estabelecem, ou na antítese implicitamente sugerida. A pós-modernidade (...) implica em não mais prescrever receitas para tudo, mas, sim, assumir um papel em que se coloca como restrita, parcial, vulnerável e sujeita a erros; ou seja, um abandono aos grandes moldes, aos grandes relatos, um abandono das metanarrativas”. (KEPPS, Peterson. **Metanarrativas e Pós-Modernidade.** Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/pemcie/2019/07/26/metanarrativas-e-pos-modernidade/> . Acessado em: 15 de janeiro de 2020).

²⁶⁰ LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1986. p.32-40.

²⁶¹ MOHLER, Albert Jr. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser: o desafio do pós-modernismo.** Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costumava-ser-o-desafio-do-pos-modernismo>. Acesso em: 28 jul. 2019.

²⁶² LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Lisboa: Editora Gradiva, 1989. p. 17.

instrumental, que caracteriza a Ciência – marco da modernidade, passa a ser questionada, com que intensidade as verdades bíblicas, duramente atacadas pelo Iluminismo, não serão igualmente colocadas sob suspeição pela pós-modernidade? O que importa sublinhar aqui é esse espírito da época pós-moderna, que assume a dúvida como um imperativo. No que diz respeito à igreja cristã, é fácil perceber o constante assédio à verdade bíblica que a sustenta, até mesmo sobre os achados científicos e arqueológicos que comprovam a veracidade dos escritos do Antigo e Novo Testamento.

A visão relativista da realidade e a qualidade da experiência humana fazem da verdade algo que depende da pessoa ou, simplesmente, aquilo que é verdadeiro apenas para ela mesma. Ou seja, a verdade é relativa às minhas preferências individuais ou às do grupo a que pertencemos. Não é mais vista como objetiva, eterna nem é reconhecida como algo que se transmite de uma geração para outra. A verdade agora é criada e recriada a partir da experiência e do diálogo com os outros, dentro da cultura de cada pessoa. Isso significa que os valores morais de hoje não são os mesmos de ontem.²⁶³

Por isso é preciso compreender que a pós-modernidade encara as verdades da era moderna, bem como as de outras eras, como algo que não podem ser descartadas. Ao contrário, essas verdades têm sua validade como símbolos históricos comprovados, no entanto como verdade incompleta, limitada e superável, diante de uma nova leitura sistêmica. Isto é, o reconhecimento de que toda verdade, tida como absoluta, precisa passar por um novo filtro e interpretações diante de um processo sistêmico.²⁶⁴

Em relação às transformações tecnológicas, chamou-me atenção a reflexão feita pelo filósofo Gianni Vattimo, que, mesmo em idos dos anos de 1990, quando ainda não havíamos experimentando o imperativo das redes sociais, já nos convida a pensar a pós-modernidade como uma sociedade transparente. O autor afirma que a modernidade acabou. E faz essa afirmação levando em conta o fato de que a modernidade conferia um papel central à ideia de progresso. Por meio de uma narrativa que aponta para o passado como algo menos avançado, e para o futuro como algo mais avançado, a história tinha a função de nos dizer o que nós somos e para onde podemos ir. Mas, segundo Vattimo, a filosofia se encarregou de, ao longo

²⁶³ RASI, Humberto M.; VYHMEISTER, Nancy J. **A lógica da fé: Respostas inteligentes para perguntas difíceis sobre nossas crenças**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014. p. 119.

²⁶⁴ SCHAEFFER, Dario G. Modernidade, Pós-modernidade e a teologia: Pensamentos sobre uma postura teológica democrática e Interdisciplinar – um debate. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 33, n. 02, p. 128-144, 1993. p. 135.

do século XIX, revelar o caráter ideológico da História. Assim, passou-se a admitir que “não existe mais uma história única, existem sim imagens do passado propostas por pontos de vista diversos(...)”.²⁶⁵ E nesse sentido, os meios de comunicação assumiram um protagonismo significativo no processo de dissolução dos pontos de vista centrais ou as grande narrativas e disseminação de outras visões de mundo. Em um cenário como esse, é muito desafiadora a tarefa de exortar um pecador ao arrependimento por meio da Disciplina Eclesiástica, uma vez que o mesmo, se já estiver secularizado e imerso na cultura pós-moderna, possivelmente, não admitirá nem mesmo a veracidade bíblica, quanto menos o padrão de santificação apresentado nos evangelhos como modelo de conduta a ser perseguido pelos cristãos. Como afirma Albert Mohler Jr,

a pós-modernidade pode não ser considerada como um movimento ou uma metodologia. Ele pode ser melhor percebido como **uma disposição mental que se afasta das certezas da era moderna**. Essa disposição mental é o cerne do desafio pós-moderno.²⁶⁶

Essa disposição mental, ou seja, a racionalidade pós-moderna, se impõe, portanto, como um desafio atual à igreja cristã. Mark Dever, em seu artigo *Falando sobre o pecado em um mundo pós-moderno*, afirma: “O eu no pós-modernismo é completamente incapaz de ser julgado por qualquer outro (...). O eu se torna a última palavra; o eu é divinizado”.²⁶⁷

Constatamos que o pluralismo²⁶⁸ e relativismo²⁶⁹, característicos de nosso tempo, preparam o terreno para o indivíduo assumir características existenciais

²⁶⁵ VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa, Portugal: Edições 70,1991. p. 11.

²⁶⁶ MOHLER Jr. 28 de julho de 2019.

²⁶⁷ DEVER, Mark. Falando sobre o pecado em um mundo pós-moderno. In: CARSON, D. A. **A verdade: Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 157.

²⁶⁸ Compreende-se por pluralismo o fato de não acreditar em um ‘único padrão’, na vigência de valores absolutos e menos ainda de verdades absolutas. O pluralismo não nasceu no período pós-moderno, todavia ele desenvolveu-se neste período por ser uma época de contestações, do abandono e da rejeição dos valores anteriores. (CAMPOS, Héber Carlos. **O Pluralismo do Pós-Modernismo**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica_heber.htm . Acessado em: 15 de janeiro de 2020).

²⁶⁹ "Uma das principais características da pós-modernidade é o relativismo – uma vez que o conhecimento é relativo, os pós-modernos não estão, necessariamente, preocupados em provar que estão ‘certos’ nem que outros estejam ‘errados’, pois o pós-moderno ignora o conceito maniqueísta de bem ou mal. Na verdade, a mente pós-moderna segue dois princípios básicos: (1) toda explicação da realidade é uma construção válida, mas não necessariamente verdadeira e (2) não há conhecimento universal, revelado por entidades sobrenaturais ou concebido pela mente humana. A ausência de certezas e verdades absolutas gera um relativismo religioso e a cultura se torna um referencial tênue de verdade.” (DORNELES, Vanderlei. **Cristãos em Busca do Êxtase:**

extremamente individualistas, fazendo prevalecer nas diferentes relações sociais uma tendência ao autocentrismo quase absoluto do sujeito. O ser humano organiza sua vida em torno de si mesmo e estabelece suas relações em função de seus próprios desejos, na condição de cidadão do reino do fragmento e da ausência de certezas.

O individualismo²⁷⁰ prepara o terreno para o crescimento de experiências religiosas individuais e concorre para o florescimento de um novo tipo de religiosidade, caracterizada como um mero servidor das necessidades humanas particulares. Com isso, as religiões assumem características próprias do contexto no qual estão inseridas. Elas deixam as questões doutrinárias em segundo plano e se dirigem preponderantemente às emoções e às aspirações do ser humano. Timothy Keller contribui com esse pensamento ao declarar que “vivemos em uma sociedade amoral, em que certo ou errado são categorias sem significado universal, e todo mundo faz o que é certo para si”.²⁷¹

A pós-modernidade incentiva a individualidade do ser humano. Por um lado, trata-se de um canal aberto para a recepção do evangelho, mas também é verdade que o indivíduo fica livre para acreditar no que deseja, e transforma o sagrado em objeto de seu desejo. Isso faz com que as escolhas religiosas sejam baseadas em experiências pessoais e não mais em ensinamentos bíblicos antigos, gerando um pluralismo religioso. Onde o indivíduo se torna aberto ao evangelho, mas aceita diversas linhas religiosas, permitindo um sincretismo religioso.

Consideramos que a Disciplina Eclesiástica, primeiramente, tem sua aplicação fundamentada no texto bíblico, conforme analisado no capítulo anterior de nosso trabalho. Em segundo lugar, que seu papel fundamental consiste no pastoreio

Para compreender a nova liturgia e o papel da música na adoração contemporânea. Engenheiro Coelho SP: UNASPRESS, 2003, p. 43 – 48).

²⁷⁰ Compreende-se por individualismo uma dinâmica que impera em todos os setores da vida, com fortes doses de subjetivismo e utilitarismo. E isto compromete a vida nas relações fundamentais quer da pessoa com ela mesma e com os outros, quer com a criação e com a transcendência. Isso transforma o homem e mulher fechados em si mesmos, vivendo relações de instrumentalização, coisificantes. (VIEIRA, Érico Douglas e STENGEL, Márcia. Individualismo, Liberdade e Insegurança na Pós-modernidade. In: **Revista ECOS: Estudos Contemporânea da Subjetividade**. v.2. n.2, p. 348-356, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/740/726> Acessado em: 15 de janeiro de 2020).

²⁷¹ KELLER, Timothy. Pregando a moralidade em uma época amoral. In: HADDON, Robinson; GRAIG, B. Larson (Org.). **A Arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 201.U8

e cuidado espiritual dos membros de nossa comunidade eclesial. Em terceiro lugar, que a Disciplina Eclesiástica tem o objetivo de servir como um instrumento de proteção para assegurar a comunidade cristã da apostasia, heresias e comportamentos distorcidos do evangelho. Em quarto lugar, a Disciplina Eclesiástica proporciona um testemunho mais positivo da Igreja perante a sociedade, o que proporciona um crescimento quantitativo e qualitativo. Perguntamo-nos, então: será que temos como preservar o ensino e a aplicação da Disciplina Eclesiástica em uma sociedade religiosa marcada pela pós-modernidade?

Por isso, apresento o tópico seguinte como um ensaio de resposta para a aplicação da Disciplina Eclesiástica, propondo-a como uma prática que deve ser construída tomando como base a noção de discipulado cristão, que passo a apresentar na seção a seguir.

4.2. A Disciplina Eclesiástica na Pós-Modernidade

Então surge a grande pergunta: Como aplicar a Disciplina Eclesiástica em uma sociedade com as características da pós-modernidade? O desafio é grande, e precisamos de mais de uma abordagem. A primeira voltada para a prática e a outra para o ensino, para alcançar de maneira fraterna os membros de nossa comunidade religiosa. Diante disso, apresento duas formas para a abordagem da Disciplina Eclesiástica dentro da contemporaneidade.

4.2.1. A Disciplina Eclesiástica Através do Discipulado

Neste ambiente plural pós-moderno não podemos esconder a nossa vida por trás de grandes argumentos racionais, porque agora as palavras não impressionam mais. Nós precisamos viver o evangelho com ações, com uma postura de amor pelos outros, com medidas de compaixão, com uma mensagem bíblica transformada em vida; pois temos hoje uma geração desencantada e cheia de superstições que perambula como “*ovelhas sem pastor*” (Mc. 6.34).²⁷² Podemos afirmar que nossa caminhada cristã não é uma jornada individual em uma

²⁷² SALINAS, D.; ESCOBAR, S. **Pós-modernidade: Novos desafios à fé cristã**. São Paulo: ABU Editora, 1999. p. 46.

comunidade eclesial, nós precisamos doar e receber cuidado pastoral. Pois Mark Finley declara:

Indivíduos de mente secularizada não são conquistados por programas, mas por outros indivíduos que desenvolvam um relacionamento interpessoal com eles. Os seres humanos respondem à bondade. A amizade genuína quebra preconceitos. Não conseguiremos ganhar pessoas para Cristo tentando argumentar contra elas.²⁷³

Ellen White resumiu de maneira pontual o método de Cristo, o qual deve ser o estilo de vida a ser adotado em nossa comunidade religiosa: “O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’ (João 21.19)”.²⁷⁴

Temos que resgatar o modelo de Cristo, cujo ministério público foi marcado pelo relacional. Ele circulava no meio das multidões, procurava-os nas ruas públicas, nas casas particulares, nos barcos, na sinagoga, às margens do lago e nas festas de casamento. Cristo sabia o que era padecer de calor em um deserto, ou trazer esperança para uma família enlutada. Ele deixou ser tocado por uma mulher cerimonialmente contaminada, e curou intencionalmente um leproso rejeitado pela sociedade. Ele falou de coisas comuns como: sal, lâmpadas, sementes, pastores, de pais e filhos. Hoje, mais do que nunca, precisamos seguir esse modelo se queremos transmitir o evangelho para essa geração pós-moderna.²⁷⁵

Ao trabalhar com o tema da Disciplina Eclesiástica em uma comunidade cristã marcada com a mentalidade pós-moderna, isso precisa ser feito com compaixão, mediante relacionamentos significativos. Por isso apresentamos que a Disciplina Eclesiástica precisa ser abordada através do Discipulado. Como declara Coleman, “embora os pós-modernos rejeitem as afirmações de certeza teológica, não estão cegos ao amor sacrificial quando o encontram”.²⁷⁶

O termo Disciplina vem da palavra latim *díscere*, que significa aprender, a mesma raiz da palavra discípulo.²⁷⁷ John Driver ensina que discipular dentro de uma congregação cristã é convidar as pessoas a se submeterem ao senhorio de Cristo,

²⁷³ FINLEY, Mark. Secularismo ontem e hoje. **Revista Ministério**. Tatuí, nov./dez. 2001. p. 24.

²⁷⁴ WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 143.

²⁷⁵ SALINAS; ESCOBAR, 1999, p. 46.

²⁷⁶ COLEMAN, Robert E. O estilo de vida da grande comissão. In: CARSON, 2015, p. 285.

²⁷⁷ MOURA, 2008, p. 8.

num ambiente de discípulos.²⁷⁸ Não existe discipulado sem disciplina. Disciplinar não implica necessariamente em castigar, e sim orientar, capacitar, ajustar ou mesmo restaurar.

O conselheiro pastoral Alfred Poirier afirma que “a igreja de Cristo é o corpo formado pelos discípulos de Cristo. Discípulos são pessoas que vivem sob disciplina”.²⁷⁹ O discipulado está relacionado em primeiro lugar ao ato de seguir a Cristo (Lc 14.25-35) e em segundo lugar ao ato de ensinar pessoas a seguirem a Cristo (Mt 28.19). Nesse sentido, pode-se afirmar que discipular envolve tanto ensino quanto correção. Como explica Johnatham Leeman,

as congregações precisam compreender, portanto, que ser discípulo de Cristo é também saber como ser corrigido e ensinado por outros discípulos de Cristo. Os pastores precisam incentivar os membros da igreja a cultivar entre si relacionamentos nos quais seja normal corrigir e instruir; devem ensiná-los que a pessoa firmada no evangelho aprende a estar aberta à correção e a aplicá-la com ternura. Homens mais velhos com os mais novos. Mulheres mais velhas com as mais novas.²⁸⁰

O Discipulado é uma obra de pastoreio. Requer que compreendamos que fazemos parte do corpo de Cristo, e como parte deste corpo, que somos também responsáveis uns pelos outros (Rm 15.14). Esta obra de pastoreio não é exclusiva do administrador eclesial, mas de todos que fazem parte desta comunidade (Cl 3.16). Pois “devemos gravar nas mentes e corações de nosso povo que a disciplina é responsabilidade de cada membro da família de Deus”.²⁸¹ Assim sendo, discipulado é muito mais do que ensinar outros a trazerem outros a Cristo, “é seu modo de assegurar a santificação da igreja.”²⁸², é antes de mais nada uma atitude de amor, envolvimento, ensino e correção (1 Ts 5.14). Fred Greco declara também que “cada membro da igreja tem a responsabilidade de ajudar os outros em suas lutas contra o pecado, não através de julgamento e críticas, mas, ao invés disso, com gentileza e visando à restauração, sabendo que ele mesmo está sujeito à

²⁷⁸ DRIVER, John. **Contra a Corrente**: Ensaios de Eclesiologia Radical. São Paulo: Cristã Unida, 1994. p. 75.

²⁷⁹ POIRIER, 2012, p. 233.

²⁸⁰ LEEMAN, 2016, p. 136.

²⁸¹ POIRIER, 2012, p. 243.

²⁸² COLEMAN, 2015, p. 289.

tentação (Gl 6.1)".²⁸³ Wilson do Amaral Filho, contribui com esta visão ao declarar que:

Se porventura um discípulo sabe o que seu mestre quer e não faz, gera dúvidas sobre seu compromisso de ser discípulo e afeta seu relacionamento com Deus e com a Igreja. A disciplina consistirá, então, na aplicação dos meios bíblicos pelos quais esse discípulo volte a reafirmar seu compromisso com seu mestre.²⁸⁴

É muito importante destacar que a Disciplina Eclesiástica é uma medida preventiva contra a apostasia, usada para fortalecer o caráter e o comportamento do cristão dentro dos princípios bíblicos. Um pai cuidadoso deve preparar seu filho a amar a Deus com todas as suas faculdades humanas e a viver em demonstração prática desse amor (Dt. 6.4-9). O verdadeiro discipulador irá cuidar para que seu discípulo possa ser orientado, admoestado, repreendido diante de uma falta em relação ao seu comportamento cristão, evitando que esse continue em um caminho errado que no fim poderá levá-lo à rejeição da fé. Assim, quanto mais um discipulador se aplica ao expediente de amar o seu discípulo em Cristo, quanto mais instrui de maneira criteriosa e madura em seu amor à Cristo, menor é a incidência de membros obstinados aos padrões da vida cristã.²⁸⁵

O discipulado permite que o ensino da Disciplina Eclesiástica seja praticado com os membros da nossa comunidade cristã que estão imersos no pensamento pós-moderno. Pois sujeitos pós-modernos desejam se conectar a outros. Robertson Mcquilkkin afirma que "os relacionamentos que estabelecemos com o outro é que constitui a humanidade. Quando apresento uma vida transformada de maneira vibrante, experimentada e marcada pela santificação; ofereço, ao meu discípulo uma base bíblica sólida, para viver os princípios éticos da Palavra de Deus."²⁸⁶ Como Mcquilkkin ainda declara:

Realizamos um grande desserviço se não falamos ao coração desta geração e estimulamos sentimentos, sentimentos divinos. O pós-modernismo recapturou o coração e nos abriu a nossas emoções. Por isso

²⁸³ GRECO, Fred. **Disciplina na Igreja: Castigo ou Amor?** Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/658/Disciplina_na_Igreja_Castigo_ou_Amor>. Acesso em: 27 jun. 2019.

²⁸⁴ AMARAL FILHO, 2009, p. 221.

²⁸⁵ AMARAL FILHO, 2009, p. 225, 226.

²⁸⁶ MCQUILKIN, Robertson. Conectando com pós-modernos. In: HADDON; GRAIG, 2009, p. 210, 211.

devemos ser gratos. Pois isso conduz a uma realidade bíblica maior do que conhecíamos como modernos do iluminismo.²⁸⁷

O relacionamento no discipulado é fundamental, como descreve o texto bíblico: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.35). O discipulado, como princípio de ação, tem o foco no coração, enseja a preocupação real com o outro, o que permite que a aplicação da Disciplina Eclesiástica encontre um caminho fraterno e pastoral. Pois é mediante o discipulado que ganhamos oportunidade para admoestar, corrigir e orientar o nosso irmão em Cristo e, ao mesmo tempo, permitir que discipulador e discipulado aprendam juntos. Como declara Robert E. Coleman, a “correção não será motivo de ressentimento quando feita em amor, se construirmos a autoestima nos crentes por meio do elogio constante a cada prova de progresso no sacerdócio em desenvolvimento”.²⁸⁸

Podemos encerrar o nosso tópico com a seguinte declaração de Alfred Poirier:

A disciplina não é uma palavra ou uma prática a se temer. Ao contrário, é um ministério que nutre, cuida, preocupa-se e é também uma oportunidade. É no contexto do discipulado que devemos começar a ensinar as pessoas acerca da disciplina, pois discipulado significa simplesmente aprender a se tornar disciplinado nas graças de nosso Senhor Jesus Cristo.²⁸⁹

4.2.2. *A Disciplina Eclesiástica Através do Ensino*

Creio que nossa missão como líder eclesial também seja ensinar aos membros da comunidade religiosa as doutrinas bíblicas e os compromissos que estão abraçando ao tornarem-se membros da igreja. Nenhum novo membro deveria ser aceito na congregação sem o devido conhecimento das regras que administram a comunidade de fé. Como declara Mark Dever, “se as igrejas fossem mais cuidadosas no reconhecimento e na recepção de novos membros, teriam, posteriormente, menos ocasiões de praticar a disciplina corretiva”²⁹⁰.

Além desse cuidado ao informar e orientar os novos membros sobre as doutrinas e regras de procedimentos eclesiásticos, devemos utilizar o espaço da pregação como um ambiente de ensino, admoestação, correção, repreensão. Bonhoeffer afirma que a “origem de qualquer prática disciplinar é a pregação da

²⁸⁷ MCQUILKIN, 2009, p. 211.

²⁸⁸ COLEMAN, 2015, p. 289.

²⁸⁹ POIRIER, 2011, p. 226.

²⁹⁰ DEVER, 2009, p. 94.

Palavra”.²⁹¹ Na mesma linha de pensamento, Russel P. Shedd declara que o “ensino bíblico que encoraja o cristão a pensar e agir de forma que venha a imitar o seu Senhor tem seu cumprimento na disciplina cada vez mais positiva. O ensino visa a sanar os erros advindos da ignorância e da negligência”.²⁹²

O evangelista e apologista cristão Ravi Zacharias descreve esse ambiente da pós-modernidade como “um dos padrões mais oportunos”²⁹³ para a transmissão da Palavra de Deus. Pois todas as disciplinas ensinadas sobre o critério da modernidade falharam em quase todos os aspectos. E que, mesmo diante de toda a prosperidade material, existe uma fome pelo espiritual.²⁹⁴ Jimmy Long também declara que:

Vemos no pós-modernismo uma mudança importante. Provavelmente a sexta ou sétima grande mudança desde o tempo de Cristo. (...) Ao olharmos para a história, conseguimos identificar transições com 200 ou 300 anos de duração. Na condição de povo de Deus, precisamos ver essas mudanças como oportunidades únicas. A transição para a cultura pós-moderna é uma dessas oportunidades únicas para o ministério.²⁹⁵

O ensino da Palavra de Deus é uma forma de ministério cristão e um pastoreio (Rm12.6-8). Além disso, as Escrituras não separam as funções de ensinar e pastorear. Paulo espera que o jovem pastor Timóteo seja “apto para ensinar” (1Tm 3.2). Warren W. Wiersbe explica a expressão “pastores e mestres” em Ef. 4.11, que “esses dois termos indicam que se trata de um único cargo com dois ministérios”²⁹⁶. Ensinar a membresia da Igreja não é apenas uma função pastoral, mas é uma das formas mais eficazes de ministério; Cristo é descrito nos evangelhos como um “Mestre” (Mt 5.2, Jo 13.13). Jesus frequentava as sinagogas e sua atividade constante nesse lugar era o ensino (ver Mt 4.23; 9.35; Mc 1.21; 3:1; 6.2; Lc 4.16; 6.6). Jesus foi um frequentador do templo, onde ensinava (ver Mt 21.14; 24.1; Mc 12.35; 14.39; Lc 2.42; 20.1; 22.53; Jo 8.59; 10.23). O verbo “ensinar” (*didasko*) é o que caracteriza o ministério de Jesus, e aparece 48 vezes, referindo-se a Jesus.²⁹⁷

²⁹¹ BONHOEFFER, 2016, p. 191.

²⁹² SHEDD, 2013, p. 111.

²⁹³ ZACHARIAS, Ravi. Uma antiga mensagem, por meios modernos, à mente pós-moderna. In: CARSON, 2015, p. 29.

²⁹⁴ ZACHARIAS, 2015, p. 29, 30.

²⁹⁵ LONG, Jimmy. Gerando esperança: Uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna. In: CARSON, 2015, p. 355.

²⁹⁶ WIERSBE, 2006, p. 48 (v.6).

²⁹⁷ DORNELES, Vanderlei. **Cristãos em busca do êxtase**: Para compreender a nova liturgia e o papel da música na adoração contemporânea. Engenheiro Coelho: UNASPRESS. 2003. p. 197.

A prática do ensino esteve presente na atuação dos apóstolos de Jesus no ensino entre judeus e gentios (ver At 5.28; 28.31; 16.17; I Co 4.17; 11.23; Gl 6.6; Cl 2.7). Os apóstolos transmitiam o conhecimento de Cristo mediante ensino expositivo da verdade, pois os encontros realizados por eles tinham a mesma natureza pedagógica das reuniões de Jesus com os seus discípulos – o ensino.²⁹⁸

O grande objetivo do ensino é “levar pessoas a um relacionamento de salvação com Jesus Cristo”²⁹⁹. Assim o ensino desempenha uma parte no grande plano de redenção, com a proposta de ajudar a restaurar novamente a relação entre o homem e Deus, relação esta que foi rompida mediante a entrada do pecado (Gn 3). A obra do ensino é concretizada mediante o poder dinâmico do Espírito Santo, que realiza a obra de transformação, gerando uma descontinuidade com o passado e um novo começo, que chamamos de conversão.³⁰⁰

Um verdadeiro conhecimento da Bíblia só pode ser obtido pelo auxílio daquele Espírito pelo qual a Palavra foi dada. E, a fim de obter esse conhecimento, devemos viver de acordo com ele. Temos de obedecer tudo que a Palavra de Deus ordena. Podemos reivindicar tudo que ela promete. A vida que ela recomenda é a que, pelo seu poder, devemos viver. Somente quando a Bíblia é considerada dessa maneira é que ela pode ser estudada de forma eficaz.³⁰¹

O ensino é muito importante na formação de novos discípulos. Sem o ensino sobre a pessoa de Cristo, seu senhorio e seus mandamentos, como podemos esperar obediência dos novos membros da comunidade religiosa? Como afirma o Russell P. Shedd: “naturalmente, a Palavra que não é anunciada não tem poder nenhum para sustentar e santificar os membros da igreja!”³⁰²

Não temos como ministrar a Disciplina Eclesiástica em uma congregação se esta desconhece os critérios pelos quais será avaliada. O ensino deve ser essencial para que os membros possam estar informados sobre aquilo que a comunidade cristã espera deles, que estes tenham acesso ao manual de regras da igreja, para que o processo não seja desconhecido.

O papel fundamental do ensino é encorajar o cristão a pensar e agir como imitador de Cristo. Shedd afirma que “a igreja tem a responsabilidade de ser a

²⁹⁸ DORNELES, 2003, p. 198.

²⁹⁹ KNIGHT, George R. **Educando para a eternidade**: Uma filosofia adventista de educação. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017, p. 84.

³⁰⁰ KNIGHT, 2017, p. 85.

³⁰¹ WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. p. 134.

³⁰² SHEDD, 2013, p. 26.

escola do cristão. Cada membro desempenha o papel de discípulo, ao passo que a igreja é seu mestre”.³⁰³ Por isso, cremos que tanto o discipulado quanto o ensino sejam ferramentas positivas para contribuir para facilitar a aplicação da Disciplina Eclesiástica neste contexto da contemporaneidade.

A Disciplina Eclesiástica é caracterizada não somente pelo ato de repreensão, mas também de “instruir em justiça” (2Tm 3.16). O que poderíamos afirmar é que a verdadeira Disciplina é exercida pelo ensino da Palavra, pois esta é moralmente instrutiva, revela as razões de nossas crenças, e ensina os membros de nossa comunidade religiosa a serem sábios em todos os aspectos da vida.³⁰⁴

Os aspectos da cultura pós-moderna em que estamos inseridos estão em conflito com os ensinamentos da Bíblia. Por isso o ensino da Bíblia deve nos ajudar a evitar uma distorção da Palavra de Deus, devemos ter uma vida cristã respaldada pela Palavra de Deus.

4.3. Produto Final Relativo à Escrita da Dissertação: Material Didático para uso na Igreja Adventista do Sétimo Dia

Diante do exposto até aqui, cabe ainda problematizar, por fim, o modo como os membros, em especial os que são aceitos pelo batismo na IASD, entram ou deveriam entrar em contato com as normas e regulamentos eclesiásticos que sustentam a Disciplina na organização em questão.

A IASD declara em seu manual que, todos os que desejam ser membros, devem ser instruídos “nos ensinamentos fundamentais da Igreja e nas práticas relacionadas com esses ensinamentos, para que eles, os candidatos, possam ingressar na igreja com uma sólida base espiritual”.³⁰⁵ Além dos estudos iniciais que precedem o candidato ao batismo, a IASD incentiva seus novos membros a participarem do chamado Ciclo do Discipulado, onde o novo membro é direcionado para uma classe especial, para aprofundamento doutrinário e capacitação para o serviço do Senhor.³⁰⁶

³⁰³ SHEDD, 2013, p. 111.

³⁰⁴ POIRIER, 2011, p. 222, 223.

³⁰⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 45.

³⁰⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2014, p. 108.

O Manual orienta que os candidatos tenham conhecimento sobre as doutrinas fundamentais e também sobre as “práticas e responsabilidades como membro da igreja”.³⁰⁷

Como se pode verificar na análise do Manual realizada no primeiro capítulo, existem muitos elementos envolvidos na Disciplina Eclesiástica da IASD, diferentes sanções para as mais distintas infrações. De tal modo que se torna quase indispensável, ao candidato ao batismo, ter o conhecimento sobre as regras que envolvem o cotidiano da membresia na comunidade na qual o novo membro está sendo recebido.

Isso auxiliaria o administrador eclesial, que, diante de um processo disciplinar, tem a certeza de que ao membro foi deixado claro, desde o início, qual é a postura da igreja diante da negligência ou rejeição das Crenças Doutrinárias propostas pela Igreja.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia utiliza um modelo de ensino em formato de “estudos bíblicos”³⁰⁸, que tem como base a exposição temática de doutrinas por meio de perguntas e respostas, esse tem sido o principal método de ensino bíblico no processo de formação de novos membros.

Aproveitando a metodologia em formato de “estudos bíblicos”, apresento a formulação de três estudos bíblicos, elaborados com perguntas e respostas, onde se discute alguns conceitos da Disciplina Eclesiástica e que irá contribuir para que o ensino possa ser transmitido com mais transparência para os novos membros. Eis os estudos bíblicos:

4.3.1. Estudo Bíblico: O Discipulado e a Disciplina Eclesiástica

A verdadeira prática do discipulado consiste em corrigir o pecado e mostrar ao discípulo o melhor caminho – a isso nós chamamos Disciplina Eclesiástica. Ser discipulado é, entre tantas coisas, aceitar ser disciplinado. Um cristão é discipulado por meio do ensino e da repreensão; como um professor faz em sala de aula, o professor ensina a lição e depois corrige os erros dos alunos. A disciplina é

³⁰⁷ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. 2016, p. 46.

³⁰⁸ O termo “estudos bíblicos” é uma expressão usada pelos adventistas com a finalidade de indicar o ensino da Bíblia oferecido por um membro adventista a uma pessoa que não seja praticante desta fé, na forma de perguntas e respostas apoiadas em passagens bíblicas. Método praticado extensivamente desde 1880.

formativa por meio do ensino, a disciplina é corretiva por meio da repreensão ao pecado. Por isso discipulado e disciplina caminham juntos, com proposta de aperfeiçoar o discípulo em seu caminho cristão.³⁰⁹

01. Qual deve ser a atitude de um discípulo com relação à vida cristã do seu irmão em Cristo? Complete o texto:

R: *“E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o....., aptos para vos uns aos”.* (Romanos 15.14).

02. Como um discípulo deve pastorear os demais cristãos de sua comunidade religiosa? Complete o texto:

R: *Habite, ricamente, em vós a de Cristo; instruí-vos e em toda sabedoria....*.(Colossenses 3.16).

03. Qual deve ser a atitude de um discípulo de Cristo ao perceber que um irmão fraco ou novo na fé afasta-se da comunidade religiosa? (Mateus 18.10-14). Marque a alternativa correta:

R: () Resgatar () Desprezar () Ignorar () Ser indiferente () Odiar

04. Quem deu a autoridade ao discipulador para repreender e admoestar a vida de seu irmão de fé? (Mateus 18.18; S. João 20.21-23). Marque a alternativa correta:

R: () Apóstolos () Profetas () Jesus () Igreja () Anjos

05. Paulo descreve que a obra de pastorear não é exclusiva do pastor. Quem mais deve estar envolvido nesta tarefa? (Colossenses 3.16). Marque a opção correta:

R: () Ancião local () Diáconos () Evangelistas () Discípulos

³⁰⁹ LEEMAN, 2016, p. 29.

06. Qual deve ser a atitude de um discípulo diante de um membro errante, fraco, rebelde e desanimado? (I Tessalonicenses 5.14).

Marque V ou F:

- () Devo deixá-lo de lado, pois cada um é responsável por sua salvação.
- () Devo solicitar que o nome da pessoa seja retirado do rol de membros.
- () Devo solicitar que o pastor faça uma visita para esse membro.
- () Devo admoestá-lo, ampará-lo e agir pacientemente para que ele seja restaurado.

07. O verdadeiro amor consiste em cuidar, ensinar, repreender, admoestar e tratar com misericórdia; isso é apresentado mediante o pastoreio da Disciplina Eclesiástica. Por que devo ter uma atitude pastoral com os demais membros da minha comunidade cristã? Complete o texto:

R: "Nisto conhecerão todos que sois.....: se tiverdes amor uns aos outros". (S. João 13.35).

08. Paulo descreve que, ao corrigir o irmão, preciso fazer com um "espírito de mansidão". Porque devo agir dessa maneira? (Gálatas 6.1). Marque a alternativa correta:

- a. () Devo compreender que sou superior a meu irmão na fé.
- b. () Devo abordá-lo com mansidão, pois todos estamos sujeitos ao pecado.

Minha Decisão:

- a. () Compreendo que um verdadeiro discípulo de Cristo realiza a obra de pastorear o rebanho de Deus aqui na Terra.
- b. () Aceito que discipular consiste em ensinar, admoestar, corrigir e repreender quando necessário.

4.3.2. Estudo Bíblico: A Importância da Disciplina Eclesiástica

Jesus Cristo relacionou seu nome à igreja. Cristo apostou em nosso testemunho a sua reputação. Além disso, ele entregou à igreja a função: cuidar de seu nome e de sua reputação perante o mundo. Quer apreciemos, quer não, somos a referência neste mundo do reino de Deus mediante a nossa forma de viver. A Disciplina Eclesiástica, em essência, consiste em proteger que os membros da igreja representem a Jesus e não outra pessoa. Por isso, somos chamados de cristãos, ou seja, pequenos Cristos – para ser uma prova viva do poder de Deus.³¹⁰

01. A Disciplina Eclesiástica é uma atitude de Deus para com seus filhos.

Qual é a base do caráter de Deus, para a aplicação da Disciplina?

Relacione a primeira coluna com a segunda:

- (a) Provérbios 3.12 () *“Eu repreendo e disciplino a quantos amo...”*
 (b) Apocalipse 3.19 () *“porque o Senhor corrige a quem ama...”*
 (c) Hebreus 12.6 () *“...O Senhor repreende a quem ama...”*

02. Qual é o principal motivo pelo qual Deus utiliza a Disciplina Eclesiástica? Complete o texto bíblico:

“... Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua”. (Hebreus 12.10).

03. Jesus apresenta no evangelho de Mateus a base para todo o processo disciplinar de membros. Enumere os quatro passos que devemos seguir para resgatar nosso irmão errante: (Mateus 18.15-18)

- a. () Contato individual, com dois ou três pessoas - *“duas ou três testemunhas”*.
 b. () Contato com a Igreja – *“e, se ele não os atender, dize-o à igreja”*.
 c. () Contato individual, pessoa a pessoa – *“vai argui-lo entre ti e ele só”*.

³¹⁰ LEEMAN, 2016, p. 24, 25.

d. () Remoção – *“trata-o como gentil e publicano”*.

04. Algumas faltas cometidas por membros de nossa comunidade podem tornar-se públicas e gerar escândalos em nossa sociedade. Nessa situação, como devemos administrar essa falta que tornou-se pública? (I Coríntios 5. 1-13). Marque V ou F:

- a. () O membro deve ser transferido imediatamente para outra comunidade.
- b. () O membro deve ser removido e a Igreja reprovada por sua negligência.
- c. () O membro deve ser perdoado e protegido pela liderança da igreja.

05. Qual é a motivação que deve levar a liderança da igreja a realizar a correção de um pecado que ganhou dimensão pública? Complete o texto:

R: *“Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os,, para que também os demais”*. (1 Timóteo 5.20).

06. Quando um membro errante, recebe a correção por parte da igreja, e este reconhece o seu erro e demonstra arrependimento. Qual deve ser a atitude da comunidade cristã com esse membro? Complete o texto:

R: *“De modo que deveis, pelo contrário e, para que não seja o mesmo consumido por tristeza”*. (2Coríntios 2.7).

07. Quando recebemos uma denúncia relacionado à conduta inadequada de um líder religioso, que princípio devemos seguir? (1 Timóteo 5.19-22). Marque a questão correta:

- a. () Precisamos de duas ou três testemunhas.
- b. () Devemos agir rapidamente para evitar um escândalo maior.
- c. () Devemos afastá-lo da função ministerial.

08. Como devemos agir com o membro da igreja que tem um “comportamento faccioso”, que produz divisão na comunidade cristã?

Complete o texto:

R: “.....o homem faccioso, depois de primeiro e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada”. (Tito 3.10-11).

09. Qual deve ser proposta da prática da Disciplina Eclesiástica na comunidade cristã? (Hebreus 12.11-13). Marque V ou F:

- a. () A Disciplina tem como objetivo a punição do membro errante.
- b. () A Disciplina tem como objetivo a remoção do membro errante.
- c. () A Disciplina tem sempre um tom redentivo em todo o seu processo.

Minha Decisão:

- a. () Aceito o método de Deus para solucionar conflitos entre membros da comunidade religiosa, adotar o princípio de Mateus 18.15-18.
- b. () Compreender que todo processo disciplinar possui um único objetivo – reconciliar, resgatar, salvar o membro errante ou fraco.
- c. () Aceito que a Igreja é representante do corpo de Cristo, tem autoridade tanto para ensinar como para repreender os membros de sua comunidade.

4.3.3. Estudo Bíblico: A Disciplina Eclesiástica Como prática na Igreja Adventista do Sétimo Dia .

A Igreja precisa ter regras claras e bíblicas relacionadas ao ensino quanto à aplicação da Disciplina Eclesiástica. Antes da abertura de um processo disciplinar na Igreja, precisamos compreender que as atitudes fraternas e pastorais devem ser dadas para que o conflito ou erro encontre uma solução, pois todo o processo disciplinar deve ter um claro e único objetivo – restauração. Jamais deveríamos

permitir que o processo ganhe dimensões de punição ou tenha teor de vingança. A única proposta deve ser a de buscar a “ovelha errante” e resgatá-la novamente para o aprisco. Por isso a Igreja Adventista possui o Manual da Igreja, onde regras e procedimentos claros estão descritos sobre o uso e aplicação da Disciplina Eclesiástica, e devemos seguir essas orientações como padrão de conduta.

01. Os membros da igreja não podem seguir os seus próprios impulsos no trato com o membro infrator. Qual deve ser nosso primeiro procedimento disciplinar?

R: “Se teu..... pecar [contra ti], vai argui-lo e Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”. (Mateus 18.15).

02. Depois de uma abordagem particular, com o membro faltoso o erro ou conflito persiste. Qual deve ser o segundo passo no procedimento disciplinar?

R: “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo ou testemunhas. Toda palavra se estabeleça”. (Mateus 18.16).

03. Se o membro errante rejeitar a abordagem fraterna da disciplina, qual o passo que devemos seguir?

R: “E, se ele não os, dize-o à.....(....)”. (Mateus 18.17)

04. Se o membro errante rejeitar a abordagem fraterna da disciplina, qual o passo que devemos seguir?

R: “... se recusar ouvir também a, considera-o como e”. (Mateus 18.17).

Obs.: E diante de uma possível recusa de arrependimento por parte do membro infrator, devemos considerá-lo como objeto e alvo de nossos esforços missionários, tratá-lo como gentio ou publicano.

05. Qual é o plano de Deus quando encontramos algum membro errante?

R: “sabei que aquele que converte o do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobriráde.....”. (Tiago 5.20).

06. Deve um cristão buscar resolver diante de um magistrado civil os conflitos gerados dentro da comunidade religiosa?

R: “Mas irá um irmão a contra outro irmão, e isto perante incrédulos! O só existir entre vós já é completa para vós outros”. (1 Coríntios 6.6,7).

Razões para disciplina de Membros³¹¹

1. Negação da fé nos princípios fundamentais do evangelho e nas doutrinas básicas da Igreja, ou o ensino de doutrinas contrárias a eles.
2. Violação da lei de Deus, tal como a adoração de ídolos, homicídio, roubo, profanação, jogos de azar, transgressão do sábado, e falsidade voluntária e habitual.
3. Transgressão do sétimo mandamento da lei de Deus, pelo que diz respeito à instituição do casamento, ao lar cristão e às normas bíblicas da conduta moral.
4. Transgressões tais como fornicação, promiscuidade, incesto, prática homossexual, abuso sexual de crianças e de adultos vulneráveis e outras perversidades sexuais, e novo casamento de pessoa divorciada, exceto o cônjuge que permaneceu fiel ao voto matrimonial num divórcio causado por adultério ou perversões sexuais.
5. Violência física, inclusive violência na família.
6. Fraude ou deliberada falsidade no comércio.
7. Procedimento desordenado que traga opróbrio sobre a igreja.
8. Adesão ou participação em movimento ou organização separatista ou desleal.
9. Persistente negativa quanto a reconhecer as autoridades da igreja devidamente constituídas, ou por não querer submeter-se à ordem e à disciplina da igreja.
10. O uso, a fabricação ou a venda de bebidas alcoólicas.

³¹¹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 64.

11. O uso, a fabricação ou a venda do fumo em qualquer de suas formas para consumo humano.
12. O uso indevido ou o tráfico de narcóticos ou outras drogas.

Tipos de Disciplina³¹²

Basicamente, há dois tipos de disciplina eclesiástica:

1) Censura: de um a doze meses, aplicada àqueles que cometem atos que merecem a desaprovação da igreja. A censura tem o duplo propósito de manifestar a desaprovação da igreja, bem como dar tempo ao ofensor de corrigir sua conduta. Durante o tempo da censura, o membro não pode ter participação de liderança, nem ensinar em uma classe da Escola Sabatina. Uma vez concluído o tempo da censura, o ofensor volta à plena comunhão com a igreja, sem necessidade de qualquer outro voto.

2) Remoção: aplicada em casos de violação aberta da lei de Deus, especialmente quanto a pecados de fornicação (sexo praticado por solteiros), adultério, todos os atos de indiscrição moral, além de outros pecados que trazem opróbrio público sobre a igreja. Nesses casos, a remoção é necessária para a proteção do bom nome da igreja e das normas cristãs. Quando o membro removido der provas de estar de acordo com as normas e ensinamentos da igreja, deve solicitar o seu retorno, que geralmente acontecerá mediante rebatismo.

³¹² IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2016, p. 65, 66.

Infográfico do Processo de Disciplina



Fonte: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/institucional/igreja-explica-como-funciona-a-disciplina-eclesiastica/>.

Minha Decisão:

- Buscar restaurar o membro errante mediante disciplina fraterna.
- Buscar utilizar os padrões do Manual da Igreja Adventista como critério do processo disciplinar, e evitar padrões particulares.

5. CONCLUSÃO

A prática da Disciplina Eclesiástica acaba sendo muito frequente na vida ministerial, pois muitas são as questões que geram conflitos dentro de uma comunidade religiosa e exigem do administrador eclesial um olhar pastoral e ético capaz de eliminar e amenizar os conflitos. A Disciplina Eclesiástica, apesar de ter ganhado contornos negativos em nossa cultura religiosa, se compreendida e aplicada à luz dos ensinamentos das Escrituras Sagradas, torna-se uma ferramenta saudável para edificação da igreja de Cristo.

A motivação da Disciplina Eclesiástica não é simplesmente remover da igreja o irmão infrator, nem uma tentativa de livrar-se de um membro gerador de conflitos e nem de impor sanções a uma comunidade religiosa, mas, como aprendi ao longo dessa pesquisa, o objetivo da mesma está no perdão e reconciliação. Isso sugere que a metodologia que deve ser usada pela Igreja na aplicação da Disciplina seja pautada unicamente no amor. Um amor que revela uma preocupação, que se coloca no lugar do membro errante. Espera-se que a Igreja possa exercer uma Disciplina de maneira amorosa, atenciosa e instrutiva, tornando-se um instrumento para restauração do membro faltoso.

No primeiro capítulo desta pesquisa o ensino da Disciplina foi descrito como um importante tema bíblico que esteve presente nos diferentes períodos históricos da Igreja cristã durante a sua existência: 1) Na igreja primitiva esteve presente como orientação para solução de conflitos dentro da irmandade eclesial (Mt 18.15-17), para evitar a negligência aos princípios bíblicos (1 Co 5.1-13) e para corrigir desvios doutrinários (Tt 3.9-11). 2) No período medieval a Disciplina Eclesiástica ganhou contornos de brutalidade, tornando-se desprezível, mas, apesar disso, torna-se uma das práticas mais importantes do cristianismo, sendo defendida e descrita em várias Declarações de Fé da Igreja Reformada do período dos séculos XVI e XVII (entre elas Confissão de fé escocesa 1560, Confissão belga 1561, Catecismo de Heidelberg 1563, Cânones de Dort 1618, Confissão de fé de Westminster 1647); Calvino e John Wesley destacam sua relevância dentro da comunidade cristã. 3) Na Igreja contemporânea analisamos os Manuais de Regulamentos Eclesiástico-Administrativos das seguintes igrejas: IECLB, IASD, IPB e Metodista e verificamos o modo como estes funcionam - como uma salvaguarda para proteger a membresia. Eles estabelecem regras que precisam ser seguidas por um líder eclesial de modo a

padronizar o processo disciplinar e evitar abuso de autoridade por parte do líder religioso.

Especialmente no caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia, onde atuo como pastor ordenado, percebi, ao comparar os casos práticos vividos por mim ou relatados por colegas, que na maioria das vezes as orientações dadas no Manual da Igreja sobre a Disciplina Eclesiástica são seguidas, mas creio que temos falhado em um ponto: os novos membros precisam ser mais bem informados acerca das normas eclesiásticas e sanções que compõem a vida de membro da Igreja Adventista, pois quem decide se tornar membro da IASD voluntariamente se obriga a viver de acordo com os preceitos que a Igreja regulamenta em conformidade com a Bíblia e o seu Manual de Igreja.

No segundo capítulo, analisei alguns textos bíblicos do Novo Testamento que descrevem o ensino da Disciplina Eclesiástica (Mt 18.15-17, 1 Co 5.1-13, 2 Co 2.5-11, Gl 6.1, 2 Ts 3.6-15, 1 Tm 5.19-20, Tt 3.9-11). O texto mateano é base para a aplicação da Disciplina, pois, antes da abertura de um processo disciplinar formal, todo conflito precisa antecipadamente ser tratada de maneira fraterna. A Disciplina visa a restauração do membro errante e, depois de todas as recusas, é indicada a remoção como advertência extrema, mas deixam a possibilidade do retorno para a congregação mediante a demonstração de arrependimento. Todo processo disciplinar analisado tem como objetivo final e único o arrependimento do membro faltoso, que todo esforço para salvá-lo deve ser feito. A Disciplina Eclesiástica tem um papel redentivo, cujo alvo é evitar o afastamento do membro infrator da comunidade religiosa.

Mas ao mesmo tempo que devemos trabalhar para evitar a perda de um membro da comunidade religiosa, não podemos diminuir nossos esforços para manter a unidade e pureza da igreja, por isso a Disciplina Eclesiástica deve ser encarada como um ato de amor: 1) membro errante, para evitar apostasia; 2) comunidade de fé, para manter a pureza doutrinária e incentivar a santificação; 3) preservar o testemunho da igreja visando a evangelização de novos fieis.

No terceiro capítulo pontuei algumas marcas deste fenômeno chamado pós-modernidade, tais como: pluralismo, relativismo, individualismo e o abandono das metanarrativas. No atual cenário, a aplicabilidade da Disciplina Eclesiástica exige um esforço para que o processo possa ocorrer de maneira mais pastoral e transparente. Primeiro, não podemos permitir que a Igreja reproduza uma abordagem disciplinar

movida pela falta de amor com o membro errante, que pelo excesso de zelo aos princípios doutrinários o membro faltoso seja menosprezado ou ignorado, este deve se sentir amado e cuidado. A Disciplina precisa ser apresentada com a linguagem do coração, com um toque suave do amor de Cristo, que “*repreende a quem ama*” (Pv 3.12). Por isso a Disciplina foi apresentada neste capítulo como uma abordagem que deve acontecer através do discipulado. Parto do pressuposto de que a Disciplina precisa assumir um tom pastoral e se afastar desse caráter mais punitivo, quase vingativo. Mediante o discipulado, a Disciplina Eclesiástica ganha a dimensão de cuidado, pastoreio, amor ao próximo e do amor à Cristo. Em segundo lugar, entendi que essa visão da Disciplina Eclesiástica de caráter punitivo só acontece quando somos negligentes ou ausentes no ensino que traga informação bíblica de como podemos disciplinar de maneira redentiva.

Ao mesmo tempo em que precisamos demonstrar um claro amor aos membros da igreja e à ovelha errante, precisamos comunicar firmeza diante dos valores bíblicos da comunidade cristã, pois em um mundo em crise, diante de tantas vozes e caminhos, carecemos de uma voz clara que possa mostrar o rumo para onde devemos seguir.

Como este trabalho de pesquisa se insere na linha do Mestrado Profissional, apresentei, ao final, propostas de Estudos Bíblicos centrados no tema da Disciplina Eclesiástica na tentativa de tornar prático o trabalho de relacionar ensino e discipulado com foco na saúde espiritual dos membros da comunidade em que atuo no momento, uma congregação que se aproxima de 1.200 membros. Tive algumas limitações quanto aos materiais investigados. Para alcançar uma investigação mais cuidadosa, precisaria acompanhar *in loco* o processo disciplinar acontecendo dentro das diversas comunidades religiosas que tiveram seus Manuais de Regulamentos Eclesiástico-Administrativo analisados, pois ficamos restritos aos Manuais de Regulamentos Eclesiástico-Administrativo. E seria necessário também identificar, mediante entrevistas com colegas pastores das outras denominações, processo inviabilizado no momento de concepção do projeto por conta dos prazos de submissão do mesmo junto a um Comitê de Ética, como a Disciplina é percebida pela membresia, e quais as dificuldades do administrador eclesial diante da aplicação da Disciplina Eclesiástica em suas comunidades na atualidade.

Algumas questões surgiram no andamento desta pesquisa que poderiam ser utilizadas para uma futura investigação: 1) A Disciplina Eclesiástica e o crescimento

da igreja; 2) A Disciplina Eclesiástica aplicada aos pastores e administradores da Igreja; 3) O papel da Disciplina no Antigo Testamento. Mas tais temas, bem como métodos (entrevistas), ficam aguardando uma futura oportunidade, quem sabe junto ao curso de doutorado desta instituição.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman, Novo Testamento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP). 1988. v. 11.
- ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; BRACHT, Valter. **Bauman & a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- ALTMANN, Walter. Posicionamento referente ao Movimento Carismático. **IECLB**, 2005. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/momento-atual-da-ieclb-em-especial-a-relacao-com-o-movimento-carismatico-2005>>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- ALTMANN, Walter. Manifestação Oficial: Quem é membro da IECLB?. **IECLB**, 2007. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/quem-e-membro-da-ieclb-2007>>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- AMARAL FILHO, Wilson do. A disciplina eclesial na contemporaneidade. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 7, n. 1, p.203-232, 2009.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico – Edição Revista e Ampliada - e um Suplemento Biográfico dos Grandes Teólogos e Pensadores**. Ed. 9. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.
- BARCLAY, William. **2 Coríntios**. Trad. Carlos Biagini. Disponível em: <<http://www.iprichmond.com/2corintios>>. Acesso em: 05 mai. 2019.
- BARCLAY, William. **Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses**. Trad. Carlos Biagini. Disponível: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/2Tessalonicenses_Barclay.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2019.
- BARCLAY, William. **Tito**. Trad. Carlos Biagini. p. 65. Disponível em: <https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Tito_Barclay.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BEACH, Walter Raymond. When should a church discipline members? **Ministry**. mar., p. 8-10, 1978. Disponível em: <<https://www.ministrymagazine.org/archive/1978/03/when-should-a-church-discipline-members>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- BEDIAKO, Daniel. Implications of 1 Corinthians 5.5 for church discipline. **Ministry**. v. 80, n. 9, p. 5-11, set. 2008. Disponível em: <<https://cdn.ministrymagazine.org/issues/2008/issues/MIN2008-09.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.
- Bíblia de Estudos Andrews**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed.rev. e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado.** São Leopoldo: Editora Sinodal, 2016.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: um comentário exegético-teológico.** São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Proclamar Libertação**, v. 4. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1979. p. 280-286.

BRETSCH, Robert. "Soft Touch" Church Discipline. **Ministry**. v. 67, n. 3, p. 15-18, março, 1994. Disponível em: <https://cdn.ministrymagazine.org/issues/1994/issues/MIN1994-03.pdf>. Acessado em: 07 de outubro de 2019.

BURLANDY, Jorge Lucien. A Disciplina eclesiástica e a realidade jurídico-social. **Revista Kerigma**. Engenheiro Coelho: UNAPRESS – Imprensa Universitária Adventista, v. 9, n. 1, p. 67-85, 2013.

BURLANDY, Jorge Lucien. **Disciplina Eclesiástica e a Realidade Jurídico-Social Brasileira: Implicações para a Prática Pastoral.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Seminário Latino-Americano Adventista de Teologia. Engenheiro Coelho: 2012. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Tese-Pr.-Jorge-Burlandy-2012.pdf>. Acessado em: 26 de dez de 2018.

CALVINO, João. **2 Coríntios- Série Comentários Bíblicos.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2008.

CALVINO, João. **Pastorais – Série Comentários Bíblicos.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.

CAMPOS JÚNIOR, Héber Carlos. A Doutrina de Calvino sobre Disciplina Eclesiástica foi principalmente resultado da influência de Martin Bucer? **Fides Reformata**, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_X_2005_1/heber.pdf . Acesso em: 06 fev. 2018.

CAMPOS JR., Héber. **O Líder e a Disciplina na Igreja.** 2016. (57m21s). Disponível em: https://youtu.be/_0BTRjvhTw >. Acesso em: 29 de jul de 2018.

CAMPOS, Héber Carlos. A Relevância dos Credos e Confissões. **Fides Reformata**, v. 2, n. 2, 1997. Disponível em: <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/visualizar.php?id=30>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

CAMPOS, Héber Carlos. **O Pluralismo do Pós-Modernismo.** Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica_heber.htm. Acesso em: 15 jan. 2020.

CARL, Lancy. **A Guide to Church Discipline** (Guia sobre Disciplina Eclesiástica). Minneapolis: Bethany, 1985.

CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. Santo Amaro: Publicações Shedd, 2011.

CARSON, D. A. **A verdade**: Como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **Um Modelo de Maturidade Cristã**: Exposição de 2 Coríntios 10-13. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Porto Alegre: Editora Concórdia & Sinodal, 1986.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. 6 v. São Paulo: Editora Candeia, 1982, v. 4.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. 6 v. São Paulo: Editora Candeia, 1982, v. 5.

DEVER, Mark. **O que é uma Igreja saudável?** São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.

DORNELES, Vanderlei (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. 7 v. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011 – 2015, (Série Logos).

DORNELES, Vanderlei. **Cristãos em busca do êxtase**: Para compreender a nova liturgia e o papel da música na adoração contemporânea. Engenheiro Coelho: UNASPRESS. 2003.

DRIVER, John. **Contra a Corrente**: Ensaios de Eclesiologia Radical. São Paulo: Cristã Unida, 1994.

ELLIFF, Jim; WINGERD, Daryl. **Disciplina na Igreja: Um manual de disciplina para Igreja de hoje**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2006. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/ebooks/detalhes/40/Disciplina_na_Igreja>. Acesso em 11 fev. 2018.

FIGUEIREDO, Onezio. **Constituição, Princípios de Liturgia e Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil Comentados**. Disponível: <<http://www.ipbmanancial.com.br/sites/default/files/Constitui%C3%A7%C3%A3o-da-Igreja-Presbiteriana-do-Brasil.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

FINLEY, Mark. Secularismo ontem e hoje. **Revista Ministério**. Tatuí, nov./dez. 2001.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILBERT, Greg. Princípios para ensinar antes de praticar disciplina eclesiástica. **Editora Fiel**. Disponível em:

<[http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/956/Principios para ensinar antes de praticar disciplina eclesiastica](http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/956/Principios_para_ensinar_antes_de_praticar_disciplina_eclesiastica)>. Acesso em: 13 fev. 2018.

GOERGEN, Pedro. **Pós-Modernidade, Ética e Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

GRECO, Fred. **Disciplina na Igreja: Castigo ou Amor?** Disponível em: <[http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/658/Disciplina na Igreja Castigo ou Amor](http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/658/Disciplina_na_Igreja_Castigo_ou_Amor)>. Acesso em: 27 jun. 2019.

GUTHRIE, Donald. **Gálatas: Introdução e Comentário**- série cultura bíblica. São Paulo: Editora Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 2011.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HADDON, Robinson; GRAIG, B. Larson (Org). **A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

HARRISON, Evere F. **Comentário Bíblico Moody – Mateus à Apocalipse**. São Paulo: Editora Batista Regular, v. 2, 2010.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon. São Paulo: Editora Cultura, 1998.

HENRY, Carl F.H. (Org.). **Dicionário de Ética Cristã**. Cultura Cristã: São Paulo, 2007.

HOUSE, H. Wayne. **Teologia cristã em quadros**. São Paulo: Ed. Vida, 1999.

HOWARD, R. E. et al. **Comentário Bíblico Beacon**: Gálatas a Filemon. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006. v.9.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Guia para Anciãos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Guia para Ministros**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da Igreja**. 22. ed., Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos**: As 28 crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.. IECLB. **IECLB no Pluralismo Religioso**, 2000. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/ieclb-no-pluralismo-religioso-2000>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.. IECLB. **Ordenamento Jurídico-Doutrinário da IECLB**, 2008. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/textos/ordenamento-juridico-doutrinario-ojd>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL.. IECLB. **Organização Eclesial – Disciplina Fraternal**, 2008b. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/organizacao-eclesial-disciplina-fraterna>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

IGREJA METODISTA. **Cânones da Igreja Metodista**: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 2017. Disponível: http://www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/CANONES_2017.pdf. Acessado em: 29 nov. 2018.

IGREJA METODISTA. **Manual de Disciplina**. Disponível em: <www.metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/.../manual_disciplina.pdf>. Acessado em: 18 fev. 2018.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Manual Presbiteriano**. Cambuci: Editora Cultura Cristã, 1999.

JOHNSON, Bob. Um fórum de pastores sobre disciplina eclesiástica. **Ministério Fiel**. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/1026/Um_forum_de_pastores_sobre_disciplina_eclesiastica>. Acesso em: 13 fev. 2018.

KELLER, John Norman Davidson. **1 e 2 Timóteo e Tito, Introdução e Comentário**. São Paulo: Editoras Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, (Série Cultura Bíblica).

KELLER, Timothy. **Gálatas para você**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KEPPS, Peterson. **Metanarrativas e Pós-Modernidade**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/pemcie/2019/07/26/metanarrativas-e-pos-modernidade/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KING, George Montague. **Church discipline as restoration**: Guidelines for its implementation in the Seventh-Day Adventist Churches in the Caribbean Union. Andrews University Seventh-day Adventist Theological Seminary, 1981. Project Documents. 351. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1365&context=dmin> . Acesso: 30 abr. 2019.

KINNAMAN, David; HAWKINS, Aly. **Geração perdida**: por que os jovens estão abandonando a igreja e repesando a fé. Pompéia: Editora Universidade da Família, 2014.

KISTEMAKER, J. Simon. **Comentário do Novo Testamento: Exposição da Segunda Epístola de Coríntios**. Cambuci: Editora Cultura Cristã, 2003.

KNIGHT, George R. **Educando para a eternidade**: Uma filosofia adventista de educação. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

LEEMAN, Jonathan. **A Disciplina na Igreja**: Como a Igreja protege o nome de Jesus. São Paulo: Editora Vida Nova, 2016.

LEEMAN, Jonathan. **A Igreja e a Surpreendente Ofensa do Amor de Deus**: Reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da igreja. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

LEEMAN, Jonathan. **Uma Cartilha de Disciplina Eclesiástica**. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/uma-cartilha-de-disciplina-eclesiastica>. Acesso em: 30 jun. 2019.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Hermenêutica da Pós-Modernidade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3-bwzZZjiNo>>. Acessado em: 14 jul. 2019.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Corinto**: uma igreja com problemas de Disciplina – análise de I Coríntios 5. Disponível: <https://thirdmill.org/files/portuguese/84988~9_18_01_3-36-43_PM-Corinto.html>. Acesso em: 22 mai. 2019.

LOPES, Hernandes Dias. **1 Coríntios**: Como resolver conflitos na Igreja. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **1 e 2 Tessalonicenses**: Como se preparar para a segunda vinda de Cristo. São Paulo: Editora Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **1 Timóteo**: O pastor, sua vida e sua obra. São Paulo: Editora Hagnos. 2014.

LOPES, Hernandes Dias. **2 Coríntios**: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades. São Paulo: Editora Hagnos, 2010.

LOPES, Hernandes Dias. **Tito e Filemom**.s, 2009.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal Porto Alegre: Concórdia, 1988. v.2.

LUZ, Ulrich. **El Evangelio Segund San Mateo**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993. v. 3.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Editora Gradiva, 1989.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1986.

MACARTHUR, John. **Comentário do Novo Testamento**. Disponível em: <<https://aluzdasescriturasrc.files.wordpress.com/2018/03/john-macarthur-novo-testamento-completo-1.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MARSHALL, I. Howard. **1 e 2 Tessalonicenses: Introdução e Comentário**. São Paulo: Editora Vida Nova e Mundo Cristão, 1984. (Série Cultura Bíblica).

MARULLI, Luca. "Let both of them grow together": Church discipline in the gospel of Matthew. **Magazine Ministry**.v. 82, n. 9, p. 10-13, set., 2010. Disponível em: <<https://cdn.ministrymagazine.org/issues/2010/issues/MIN2010-09.pdf>>. Acessado em: 07 out. 2019.

MCCONNELL, Mez. Como praticamos a disciplina eclesiástica. **Ministério Fiel**. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/997/Como_praticamos_a_disciplina_a_eclesiastica>. Acesso em: 13 fev. 2018.

MCCONNELL, Mez. Critérios para a aplicação da disciplina eclesiástica. **Editora Fiel**. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/989/Criterios_para_a_aplicacao_d_a_disciplina_eclesiastica>. Acesso em: 13 fev. 2018.

MEYER, F.B. **Comentário Bíblico Devocional Novo Testamento**. Venda Nova: Editora Betânia, 1992.

MISSÃO NA ÍNTEGRA. **Fórum - Pecados e Disciplinas Eclesiásticas**. 2014. (1:03.36) Disponível em: <https://youtu.be/jFuu_ve5mwY>. Acesso em: 29 jul. 2018.

MOHLER, Albert Jr. **O ministério pastoral está mais estranho do que costumava ser: o desafio do pós-modernismo**. Disponível em: <<https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-ministerio-pastoral-esta-mais-estranho-do-que-costumava-ser-o-desafio-do-pos-modernismo>>. Acesso em: 28 jul. 2019.

MOURA, Ozeas. **Disciplina Eclesiástica: Evitando os Extremos**. **Revista Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, jul. 2008.

MWETWA, Choolwe. **Disciplina na Igreja**. Ministério Fiel. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/89/Disciplina_na_Igreja>. Acesso em: 13 fev 2018.

PETERSON, Eugene H. **A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

POIRIER, Alfred. **O Pastor Pacificador: Um guia bíblico para a solução de conflitos na Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

PORTELA NETO, F. Solano. **Disciplina na Igreja**. **Seminário JMC**. 2018. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/disciplina-na-igreja/>>. Acessado em: 22 de nov. de 2018.

RADMACHER, Earl D., ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **Novo Comentário Bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

RASI, Humberto M. e VYHMEISTER, Nancy J. **A Lógica da Fé: Respostas inteligentes para perguntas difíceis sobre nossas crenças**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

REIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova. 1985.

RICHARDSON, Wyman. **Custos e benefícios da disciplina eclesiástica**. Editora Fiel. Disponível em: http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/939/Custos_e_beneficios_da_disciplina_eclesiastica . Acesso em: 13 fev. 2018.

ROY, Ruthven J. Not just membership: Called to discipleship. **Magazine Ministry**. June 2004. p.16-18. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/archive/2004/06/not-just-membership-called-to-discipleship.html>. Acessado em: 26 de agosto de 2019.

SALINAS, D.; ESCOBAR, S. **Pós-modernidade: Novos desafios à fé cristã**. São Paulo: ABU Editora, 1999.

SANTOS, Valdeci da Silva. Disciplina na Igreja. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 3, n.1, p. 149-155, 1998.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças Feitas: Filosofia prática para cristãos**. São Paulo: Editora Hagnos, 2004.

SCHAEFFER, Dario G. Modernidade, Pós-modernidade e a teologia: Pensamentos sobre uma postura teológica democrática e Interdisciplinar – um debate. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 33, n. 02, p. 128-144, 1993.

SHEDD, Russell. **Disciplina na igreja**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2013.

SIEGLE, Manfredo. **Proclamar Libertação**, v. 34. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009. p. 45-52.

SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de Estudos Bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: Breve História e Análise Comparativa de seu Conteúdo**. 2002. Tese (Doutorado) - Centro Universitário Adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

SILVA, Washington Luiz da. **A Disciplina na Igreja**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Teologia. Faculdade Batista de Brasília. 2015. Disponível em: <http://www.pibsobradinho.org.br/wp-content/uploads/2016/04/11-28.11.15-Disciplina-na-Igreja-1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019.

STOTT, John R. W. **A mensagem de 1Timóteo e Tito: A vida da Igreja local, a doutrina e o dever**. São Paulo: ABU Editora, 2004.

SWINDOLL, Charles. **A Igreja desviada: um chamado urgente para uma nova reforma**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2012.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Lisboa, Portugal: Edições 70,1991.

VIEIRA, Érico Douglas e STENGEL, Márcia. Individualismo, Liberdade e Insegurança na Pós-modernidade. In: **Revista ECOS: Estudos Contemporânea da Subjetividade**. v.2. n.2, p. 345–357, 2012. Disponível em:

<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/740/726> Acessado em: 15 de janeiro de 2020.

VELOSO, Mário. **Comentário Bíblico Homilético - Mateus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

VELOSO, Mário. **Comentário Bíblico Homilético**: contando o Significado do Evangelho. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 2.

VINE, W.F. e outros. **Dicionário Vine**: Significado Exegético e Expositivo das Palavras do AT e NT. Rio Janeiro: Casa Publicadora da Assembléia de Deus, 2002.

WHITE, Ellen G. **Meditação Matinal**: Olhando para o Alto. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

WHITE, Ellen G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

WHITE, Ellen G. **Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. v.3.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. v.2.

WHITE, Ellen G. **Conselho para Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b. v.5.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Ministério Pastoral**: Conselhos aos pastores adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015b.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, J.; BLUE, K. **Restaurando o ferido**: a necessidade do amor na disciplina da igreja. São Paulo: Editora Vida, 1983.

WIESBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo Novo Testamento 1**. 6 v. Santo André: Editora Geográfica, 2006.

WIESBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo Novo Testamento 2**. Santo André: Editora Geográfica, 2006, v. 6.

WIESBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe Novo Testamento**. Santo André: Editora Geográfica. 2008, v. 2.

WILLS, Gregory A. **Quando a disciplina abandona a igreja, Cristo abandona com ela?** Editora Fiel. Disponível em:

http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/946/Quando_a_disciplina_abandona_a_igreja_Cristo_abandona_com_ela . Acesso em: 13 fev 2018

APÊNDICE A

Quadro da Disciplina Eclesiástica de House³¹³

<p>“Muitas pessoas deixam de fazer uma clara distinção entre punição e disciplina, e existe uma diferença muito significativa entre esses dois conceitos. A <i>punição</i> visa aplicar uma retribuição por um erro cometido. A <i>disciplina</i>, por outro lado, visa incentivar a <i>restauração</i> da pessoa envolvida no erro. A punição é concebida primariamente para vingar um erro e afirmar a justiça. A disciplina é concebida primariamente como uma correção daquele que deixou de viver segundo os padrões da igreja e/ou da sociedade”³¹⁴</p>			
Passagem	Problema	Procedimento	Propósito
Mateus 18.15-18	O pecado de um “irmão” (não definido)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Repreensão em particular 2. Reunião em particular 3. Anúncio público 4. Exclusão pública 	Restauração (ganhar “a teu irmão”)
1 Coríntios 5	Imoralidade Avareza Idolatria Embriaguez Fraude	<ol style="list-style-type: none"> 1. Lamentar coletivamente 2. Remover do grupo 3. Não se associar 	Restauração (5.5) Purificação (5.7)
2 Coríntios 2.5-11	Não citado	Após arrependimento sincero: <ol style="list-style-type: none"> 1. Perdoar 2. Confortar 3. Amar 	Restauração (2.11) Proteção (2.11)

³¹³ HOUSE, 1999, p. 134.

³¹⁴ CARL, Lancy. **A Guide to Church Discipline** (Guia sobre Disciplina Eclesiástica). Minneapolis: Bethany, 1985. p. 79.

Gálatas 6.1	“Alguma falta”	Restaurar: 1. Como pessoas espirituais 2. Com brandura 3. Com reflexão	Restauração
2 Tessalonicenses 3.6-15	Preguiça, maledicência (“se intrometerem”)	1. Observá-lo 2. Não se associar com ele 3. Adverti-lo (como irmão, não como inimigo).	Restauração (“para que fique envergonhado”)
1 Timóteo 5.19-20	Denúncia contra presbítero, sem testemunhas	1. Necessidade de 2 - 3 testemunhas 2. Se o pecado continuar, repreender diante de todos.	Purificação (“para que também os demais temam”)
Tito 3.9-11	Comportamento faccioso	1. Admoestá-lo duas vezes 2. Evitá-lo (como pervertido, pecaminoso, autocondenado)	Proteção (contra divisões)

APÊNDICE B

Tabela: Termos em Grego Relacionados à Disciplina Eclesiástico³¹⁵

Termos	Significados	Comentários	Textos
DIDASKALIA	Ensino	O ensino é essencial, pois sem conhecimento sobre a pessoa de Cristo e suas ordens, não tem como esperar obediência.	Mt 28.20
PARAKLESIS	Exortação	A segurança, paz e consolação, são resultados da Disciplina religiosa.	1 Tm 4.13
PAIDEIA	Educação	O termo refere-se à instrução de crianças, base para palavra pedagogia.	Hb 12.4-11, Ef 6.4, 2Tm 3.16
NOUTHESIA	Admoestação e advertência	É um recado, pois existe um perigo à frente.	1Co 4.14, Ef.6.14
ELENXIN, ELEGCHOS, ELEGMOS	Repreensão e convicção	O termo sugere que homens têm o papel de convencer pecadores dos seus pecados, de expor à luz, convencer e punir.	Jo 16.8-11
ORTHOS (reto) EPANNORTHOSIN (correção)	Correção	A Disciplina tem como objetivo a transformação de práticas deficientes e antagônicas de membros da comunidade até que caminhem por avenidas	2 Tm 3.15-17 Ef 4.12

³¹⁵ Informações obtidas em: SILVA, Washington Luiz da. **A Disciplina na Igreja**. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Teologia Faculdade Batista de Brasília. 2015, p. 10,11 Disponível em: <http://www.pibsobradinho.org.br/wp-content/uploads/2016/04/11-28.11.15-Disciplina-na-Igreja-1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2019; e no já referenciado livro de Russell Shedd: **A Disciplina na Igreja**, p. 19-52.

		retas.	
EPIDIORTHUO	Restauração	A ordem deve ser restaurada no sentido institucional, ideológico.	Tt 1.5
TAXIV	Restauração	A disciplina, decorrente da fé em Cristo.	1Co 14.40, Cl 2.5
KATARTIZO	Restauração	Relacionada a Disciplina, fica claro que não representa punição, vingança contra o pecador. A Disciplina visa reparar o indivíduo que sofreu danos com sua falha.	Gl 6.1
APOKOPTO	Remoção	Um ato cirúrgico. Deve ser o último ato do processo disciplinar	Gl 5.12